

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Centro de Letras e Comunicação
Programa de Pós-Graduação em Letras
Texto, Discurso e Relações Sociais



Dissertação

NÃO TEM CABIMENTO:
CORPO E SUBJETIVIDADE NO DISCURSO DE SUJEITOS GORDOS

Virgínia Barbosa Lucena Caetano

Pelotas, 2019

Virgínia Barbosa Lucena Caetano

NÃO TEM CABIMENTO:
CORPO E SUBJETIVIDADE NO DISCURSO DE SUJEITOS GORDOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras do Centro de Letras e comunicação da Universidade Federal de Pelotas, como requisito para obtenção do título de mestre em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Luciana Iost Vinhas

Pelotas, 2019

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

C127n Caetano, Virgínia Barbosa Lucena

Não tem cabimento : corpo e subjetividade no discurso de sujeitos gordos / Virgínia Barbosa Lucena Caetano ; Luciana Iost Vinhas, orientadora. — Pelotas, 2019.

117 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, 2019.

1. Discurso. 2. Corpo. 3. Sujeito gordo. 4. Resistência. I. Vinhas, Luciana Iost, orient. II. Título.

CDD : 809

Virginia Barbosa Lucena Caetano

Não tem cabimento: Corpo e subjetividade no discurso de sujeitos gordos

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestre em Letras, Área de Estudos da Linguagem, do programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Pelotas.

Pelotas, 22 de fevereiro de 2019

Banca examinadora:



Profa. Dra. LUCIANA IOST VINHAS
Orientadora/Presidente da banca
Universidade Federal de Pelotas



Profa. Dra. ARACY GRAÇA ERNST
Membro da Banca
Universidade Federal de Pelotas



Profa. Dra. MÔNICA FERREIRA CASSANA
Membro da Banca
Universidade Federal do Pampa



Profa. Dra. NÁDIA REGIA MAFFI NECKEL
Membro da Banca
Universidade do Sul de Santa Catarina

a todas as gordas.

Agradecimentos

À minha orientadora, Luvinhas, pela paciência, acolhimento e carinho durante os dois anos de mestrado; por ter abraçado minha proposta de pesquisa com entusiasmo; por ter compartilhado comigo de forma generosa e afetuosa seu vasto conhecimento sobre a teoria; por ser um exemplo de dedicação e comprometimento com o trabalho docente.

À professora Renata Silva, por ter guiado meus primeiros passos na Análise de Discurso; por ter me incentivado a ingressar no mestrado e ter acompanhado todo o processo de forma atenciosa, aconselhando e dando apoio; pela generosidade sem tamanho; por me fazer sentir que há sempre alguém orgulhosa e feliz pelas minhas conquistas.

Aos amigos Santiago e Millaine, pelo companheirismo de sempre; pelo carinho com que me acolheram em suas casas durante todo o mestrado; por buscarem me compreender e me ajudar em todos os momentos; por me mostrarem que família é quem a gente escolhe para estar junto de nós.

Agradeço, ainda ...

À Capes, pela bolsa concedida.

Ao PPGL UFPEL pela oportunidade de cursar um excelente programa de mestrado.

*Ao LEAD, por me acolher como pesquisadora, contribuindo para minha formação
teórica e política.*

*À professora Aracy Ernst, por me permitir assistir suas aulas; pela leitura carinhosa e
atenta do texto de qualificação; por todas as palavras de carinho, sugestões e
conselhos.*

*À professora Maria Cristina Leandro Ferreira, pela leitura do meu texto de
qualificação e por todas as sugestões dadas, ajudando a desenvolver e qualificar o
trabalho.*

*Aos meus pais, por todo o esforço e abdições que fizeram para que eu pudesse
estudar e me qualificar como profissional.*

Ao meu marido Diego, pelo apoio e amor incondicional.



Fotografia retirada do projeto *The Adpositivity*
(Fotógrafa Substantia Jones)



Fotografia retirada do projeto *Eu, gorda*
(Fotógrafa Milena Paulina)

RESUMO

Passamos, atualmente, por um período de grande valorização da imagem corporal. As representações de beleza e saúde veiculadas pela mídia e pelas redes sociais virtuais alimentam estereótipos de corpo perfeito e impõem configurações corporais muitas vezes impossíveis de serem alcançadas. Além disso, ao valorizar de forma extrema a magreza, a sociedade transforma a gordura em um símbolo de derrota moral e o sujeito gordo passa a ser visto como negligente, preguiçoso, incapaz. Partindo disso, em nossa pesquisa objetivamos compreender como se dá a relação entre corpo e subjetividade no discurso de sujeitos gordos, atentando para o imaginário que esses sujeitos têm de si e do outro. Para tanto, nos ancoramos teoricamente na Análise de Discurso de vertente pêcheuxiana (AD), teoria que articula saberes advindos da Linguística, do Materialismo Histórico e da Psicanálise, nos permitindo, assim, considerar, pelo viés do discurso, a subjetividade tanto em sua constituição individual – considerando a subjetividade determinada pelo Inconsciente – quanto no plano social – observando a forma como o histórico e o político afetam as imagens que o sujeito produz de si e do outro. Nosso *corpus* é composto por quatro relatos, de autoria anônima, reunidos para um projeto digital intitulado *Não tem Cabimento*, que é desenvolvido na rede social virtual Tumblr, e tem como objetivo reunir e colocar em circulação depoimentos de sujeitos que passaram por algum episódio de gordofobia. Em nosso processo de análise, identificamos a presença de um excesso de discurso-outro que se lineariza, na materialidade em questão, pelo uso de discurso relatado e operações discursivas de negação. Compreendemos o excesso de discurso-outro como sintoma da falta do sujeito gordo reconhecer para si um lugar de enunciação. Para fins de análise, configuramos como a FD dominante a *FD do corpo perfeito*, que reproduz as evidências de que o corpo gordo é feio e doente. O sujeito gordo, interpelado por essa FD, não consegue uma identificação com as evidências que a FD produz, pois seu corpo se impõe como uma barreira para o processo de identificação; contudo, o sujeito também não encontra possibilidade de identificação fora da FD dominante. Percebemos, então, que o processo de subjetivação do sujeito gordo é atravessado por uma negação: o sujeito é aquilo que ele não é. Ao contrário de sujeitos que se autoidentificariam com o padrão de corpo determinado ideologicamente, o sujeito gordo precisa se subjetivar pelo avesso da evidência, instaurando, assim, a resistência no interior da formação discursiva dominante.

Palavras-chave: Discurso; Corpo; Sujeito gordo; Resistência.

RESUMEN

Experimentamos, actualmente, un periodo de gran valoración de la imagen corporal. Las representaciones de belleza y salud difundidas por los medios y por las redes sociales virtuales alimentan estereotipos de cuerpo perfecto e imponen configuraciones corporales muchas veces imposibles de obtener. Además, al valorar de forma extrema la delgadez, la sociedad transforma la gordura corporal en un símbolo de derrota moral y el sujeto gordo pasa a ser visto como negligente, perezoso, incapaz. Frente a esto, nuestra investigación tiene como objetivo comprender la relación entre cuerpo y subjetividad en el discurso de sujetos gordos, atentando para el imaginario que estos sujetos tienen de si y del otro. Para eso, nos basamos en la Análisis de Discurso pêcheuxtiana (AD), teoría que articula saberes advenidos de la Lingüística, del Materialismo Histórico y de la Psicoanálisis, permitiéndonos, así, considerar, desde el sesgo discursivo, la subjetividad tanto en su constitución individual – considerando la subjetividad determinada por el Inconsciente – como en el ámbito social – viendo la forma como el histórico y el político afectan las imágenes que el sujeto produce de si y del otro. Nuestro *corpus* consiste en cuatro relatos, de autoría anónima, reunidos para un proyecto digital titulado *Não tem Cabimento*, desarrollado en la red virtual Tumblr, y tiene como objetivo reunir y poner en circulación testimonios de sujetos que pasaron por algún episodio de *gordofobia*. En nuestro proceso de análisis, identificamos la presencia de un exceso de discurso-otro que se linealiza, en la materialidad, por el uso del discurso relatado y operaciones discursivas de negación. Comprendemos el exceso de discurso-otro como síntoma de la falta del sujeto gordo reconocer para si un lugar de enunciación. Para efecto de análisis, configuramos como la FD dominante la FD *del cuerpo perfecto*, que reproduce las evidencias de que el cuerpo gordo es feo y enfermo. El sujeto gordo, interpelado por esta FD, no logra una identificación con las evidencias que esa FD produce, pues su cuerpo se impone como una barrera para el proceso de identificación; sin embargo, el sujeto también no encuentra posibilidad de identificación fuera de la FD dominante. Percibimos, así, que el proceso de subjetivación del sujeto gordo ocurre atravesado por una negación: el sujeto es aquello que no es. A diferencia de los sujetos que se identificarían con el modelo de cuerpo determinado ideológicamente, el sujeto gordo necesita subjetivarse por el contrario de la evidencia, instaurando, así, la resistencia en el interior de la formación discursiva dominante.

Palabras-clave: Discurso, Cuerpo, Sujeto gordo, Resistencia.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Página do Tumblr do projeto Não tem cabimento	54
Figura 2: Esquema das Formações Discursivas	60

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABESO – Associação Brasileira para o Estudo da Obesidade e da Síndrome Metabólica

AD – Análise de Discurso pêncheuxtiana

AIE – Aparelho Ideológico de Estado

AMA – American Medical Association

CID – Código Internacional de Doenças

CP – Condições de Produção

FD – Formação Discursiva

FD1 – Formação Discursiva do corpo perfeito

FD2 – Formação Discursiva da saúde

FI – Formação Ideológica

IMC – Índice de Massa Corporal

OMS – Organização Mundial da Saúde

PS1 – Posição-sujeito assumida pelo sujeito gordo

PS2 – Posição-sujeito da qual o outro enuncia

SDR – Sequência Discursiva de Referência

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1: REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE CORPO E SUBJETIVIDADE	17
1.1 CORPO E SUBJETIVIDADE NA PSICANÁLISE	17
1.2 CORPO E SUBJETIVIDADE NA ANÁLISE DE DISCURSO	25
CAPÍTULO 2: CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO, FORMULAÇÃO E CIRCULAÇÃO DO DISCURSO	35
2.1 O DISCURSO DA SAÚDE SOBRE O CORPO	38
2.2 O DISCURSO DA MÍDIA SOBRE O CORPO	41
2.3 O DISCURSO DAS REDES SOCIAIS VIRTUAIS SOBRE O CORPO	44
CAPÍTULO 3: DESCRIÇÃO E INTERPRETAÇÃO DO ARQUIVO	51
3.1 DO ARQUIVO AO <i>CORPUS</i> DISCURSIVO	51
3.2 A CONFIGURAÇÃO DAS FORMAÇÕES DISCURSIVAS	60
3.3 MARCAS DE RESISTÊNCIA NA LÍNGUA.....	66
3.3.1 O discurso relatado	69
3.3.2 A negação	87
3.4 DO EXCESSO À FALTA: O LUGAR ENUNCIATIVO.....	95
CONSIDERAÇÕES FINAIS	100
<i>POSFÁCIO</i>	103
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	106
ANEXOS	111

INTRODUÇÃO

Nunca fomos expostos a tantas imagens de corpos e nunca falamos tanto sobre corpos como na sociedade atual. Em quase todas as esferas da atuação humana, o corpo assume um lugar de destaque, configurando-se como um dos principais espaços simbólicos na construção dos modos de subjetividade dos sujeitos e desempenhando o papel principal nas relações que os sujeitos estabelecem com o mundo. Porém, alcançar uma relação harmoniosa com nossos corpos é da ordem do impossível.

Passamos por um período de valorização da imagem corporal e, nesse contexto, a busca por um ideal de corpo perfeito¹ se tornou, praticamente, uma ideia fixa dos sujeitos. A imagem corporal assume uma relevância tão grande nas relações sociais que pode configurar-se em um fator de discriminação e exclusão social, no caso de o sujeito estar fora do padrão pré-estabelecido socialmente. As representações de beleza e saúde veiculadas pela mídia e pelas redes sociais virtuais alimentam os estereótipos de corpo perfeito e impõem configurações corporais muitas vezes impossíveis de serem alcançadas.

O corpo gordo, nesse cenário, é marginalizado e estigmatizado. Ao valorizar a magreza, a sociedade transforma a gordura em um símbolo de derrota moral e o sujeito gordo passa a ser visto como negligente, preguiçoso, aquele que não tem capacidade de transformar-se numa versão melhor de si mesmo, características extremamente condenáveis dentro das exigências do estilo de vida atual. Frente à norma social, o corpo gordo passa a ser um corpo desviante, indesejável e, por vezes, desumanizado.

A obesidade, hoje, de acordo com Vigarello (2012, p. 318), é caracterizada por um fenômeno inédito: sua situação de epidemia. O obeso passou a ser visto como um doente social, um indivíduo incômodo aos olhos atuais. Para o autor, “a identificação cada vez maior do indivíduo com seu corpo na sociedade de hoje acentua, no caso do obeso, uma insuperável dilaceração íntima: viver uma identidade ‘partida’ e constatar ao mesmo tempo a impossibilidade de superá-la”. O

¹ Compreendemos pela designação *corpo perfeito* a imagem de corpo ideal produzida pelas mídias, isto é, um corpo magro, atlético, com medidas específicas que diferem para cada gênero, sem marcas de envelhecimento, sem pelos, etc. É importante destacar que essa ideia de *corpo perfeito* é produto de determinações estéticas e não tem uma relação direta com o corpo considerado saudável pelo discurso médico/clínico.

sujeito passa a sentir-se traído pelo seu próprio corpo, mas é nele que encontra a expressão de sua subjetividade; assim, a relação sujeito/corpo passa a ser mais conflituosa, pois negar o próprio corpo seria negar a si mesmo.

Outro aspecto que influi nessa complexa relação é a disseminação da tecnologia. A partir da imersão digital acentuada no século XXI, são modificadas as relações entre sujeito e corpo e também os espaços onde os discursos sobre o corpo são produzidos. Em praticamente todas as redes sociais virtuais surgiram comunidades denominadas *fitness*, nas quais os sujeitos exibem seus corpos modificados por dietas e exercícios físicos, trocam dicas de alimentação e treinos, além de compartilhar, excessivamente, testemunhos de pessoas que conseguiram “vencer a obesidade” e destacar em seus relatos as mudanças, sempre positivas, que a perda de peso gerou em suas vidas. Esses relatos, e a maioria das postagens produzidas nessas comunidades, contribuem para alimentar um imaginário negativo em relação ao corpo gordo, corroborando para a estigmatização e marginalização desses corpos.

Contudo, os relatos de emagrecimento e modificação corporal não são os únicos encontrados em redes sociais virtuais. Há uma série de movimentos de resistência a esse tipo de discurso que buscam desestigmatizar e desconstruir os imaginários sobre o corpo gordo que circulam nas mídias. Há uma série de páginas feministas de mulheres que militam pelo respeito às diferentes configurações corporais e compartilham discursos anti-gordofobia, além de uma série de blogueiras e youtubers que colocam, diariamente, a questão dos padrões corporais em pauta. Popularizou-se na internet, recentemente, por exemplo, a tendência de postar vídeos, na rede social Youtube, chamados de *tour pelo corpo*. Nos referidos vídeos, pessoas públicas mostram detalhes dos seus corpos que são considerados, na formação social atual, como defeitos. Gordura, celulite, manchas, dentre outras “imperfeições”, são colocadas em evidência nesses vídeos com o objetivo de desnaturalizar a ideia de “corpo perfeito” tão disseminada pelas mídias nas últimas décadas.

Dentre os diferentes discursos sobre o corpo gordo que circulam nas redes sociais virtuais nos interessa, especialmente, um tipo de discurso: os relatos de

sujeitos autorreferenciados² gordos que falam sobre a relação que estabelecem com seu próprio corpo e com a pressão social que sofrem para modificá-lo. Sendo assim, elegemos como *corpus* de nosso trabalho um conjunto de relatos do projeto *Não tem Cabimento*³, desenvolvido por uma blogueira que se autodesigna Mulher Gorda. Ela reúne em um perfil, de mesmo nome, na rede social Tumblr, textos de sujeitos que relatam situações de gordofobia⁴ pelas quais passaram durante a vida.

Interessante atentar para o nome dado ao projeto: “Não tem cabimento”. Ao mesmo tempo em que a expressão *não ter cabimento* é utilizada, popularmente, para fazer referência a situações nas quais algo foge ao eticamente esperado ou convencionado popularmente como “correto”, também nos convida a pensar sobre a forma como a sociedade se organiza política e estruturalmente, em outras palavras, o *que* ou *quem* “cabe” numa sociedade organizada em torno de um padrão inatingível?

Ao longo da leitura dos relatos, conseguimos, através dos depoimentos de situações vividas por essas pessoas, reunir diversos complementos para a expressão *não tem cabimento*. A gordofobia não tem cabimento; a negligência médica a que pessoas com sobrepeso são expostas diariamente não tem cabimento; a violência física e moral que pessoas com corpos fora do padrão sofrem durante toda a vida não tem cabimento; o desamparo emocional, a falta de representatividade, o silenciamento vivido por essas pessoas não tem cabimento. A impressão que fica, após a leitura dos relatos é, justamente, a de que o corpo gordo não “cabe” nos moldes da formação social em que vivemos.

Partindo disso, através da análise desses discursos, buscaremos compreender como se dá a relação entre corpo e subjetividade no discurso dos sujeitos gordos, atentando para o imaginário que esses sujeitos têm de si e do outro. Para tanto, nos ancoraremos teoricamente na Análise de Discurso desenvolvida por Michel Pêcheux, teoria que articula saberes advindos da Linguística, do Materialismo

² Nos referimos aos sujeitos em questão como *autorreferenciados gordos* por assumirmos a impossibilidade de saber se tais sujeitos podem ou não ser considerados gordos em seu aspecto fisiológico. Compreendemos que, quando esses sujeitos se identificam como gordos, pouco importa se, de acordo com os padrões de índice de massa corporal (IMC), são efetivamente gordos ou não. Essa identificação ultrapassa os limites fisiológicos e alcança a determinação ideológica: se o sujeito se representa como gordo, há, aí, a interferência da ideologia na forma como se autorrepresenta. Contudo, a partir de agora, para fins textuais, passaremos a nos referir a esses sujeitos apenas pela designação “sujeitos gordos”.

³ Disponível em: < <https://mulhergorda.tumblr.com/> > Acesso em: 03 fev. 2019.

⁴ Expressão usada para designar situações de discriminação com pessoas gordas.

Histórico e da Psicanálise, permitindo-nos, assim, considerar, pelo viés do discurso, a subjetividade tanto em sua constituição individual – considerando a subjetividade determinada pelo Inconsciente – quanto no plano social – observando a forma como o histórico e o político afetam as imagens que o sujeito produz de si.

O presente texto está organizado em três capítulos. No primeiro capítulo será realizado um resgate teórico de duas noções importantes para nossa pesquisa – corpo e subjetividade. Apresentaremos essas duas noções por duas perspectivas, são elas: a da Psicanálise freudo-lacaniana e a da Análise de Discurso pècheuxtiana. Em seguida, no segundo capítulo, reuniremos as condições de produção, formulação e circulação dos discursos analisados, enfocando os discursos da saúde, da mídia e das redes sociais virtuais sobre o corpo gordo. E, por fim, no quarto capítulo, empreenderemos nosso gesto de análise buscando compreender como se dá o processo de subjetivação dos sujeitos gordos.

CAPÍTULO 1

REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE CORPO E SUBJETIVIDADE

Nesse capítulo traremos uma breve revisão bibliográfica sobre como as teorias que sustentam nossa análise concebem dois conceitos basilares para a pesquisa: *corpo* e *subjetividade*. Como posto na introdução, nos ancoramos teoricamente na Análise de Discurso pêcheuxtiana (AD). O quadro epistemológico da AD, como proposto por Pêcheux e Fuchs (2014 [1975]), se constitui pela articulação de três regiões do conhecimento científico, sendo elas: o Materialismo Histórico, a Linguística e a Teoria do Discurso. Essas três regiões, de acordo com os autores, são atravessadas e articuladas, ainda, por uma teoria da subjetividade de natureza psicanalítica. Baldini (2014) atenta para o fato de que a Psicanálise não aparece como um quarto termo do quadro proposto: ela atravessa e ainda articula todos os campos referidos, instalando uma diferença com relação aos demais campos do conhecimento.

Posto a importância da Psicanálise para a AD, em especial por o nosso trabalho centrar em questões referentes à subjetividade, consideramos essencial trazer alguns elementos relativos à abordagem que é dada às noções de corpo e sujeito na teoria psicanalítica. Assim, na primeira seção desse capítulo, apresentaremos a visão sobre corpo e subjetividade para a Psicanálise. Na segunda seção, será apresentada, por sua vez, a forma como a AD concebe tais conceitos e os articula ao seu quadro teórico.

1.1 CORPO E SUBJETIVIDADE NA PSICANÁLISE

Partindo desde já do princípio de que, na teoria psicanalítica, não há uma dicotomização entre o psíquico e o somático, isto é, corpo e subjetividade, nessa perspectiva, não são abordados separadamente, começaremos nosso resgate por um dos conceitos nucleares da teoria freudiana: a noção de *pulsão*, uma vez que essa noção nos permite tratar de maneira mais consistente dessa relação.

Antes disso, é importante mencionar que a noção de pulsão nasce na teoria freudiana a partir de sua observação do comportamento das mulheres histéricas. Ao verificar sintomas cuja causa era inexplicável, Freud os relacionou ao psíquico,

indicando a pulsão como a responsável pela ligação entre o somático e o psíquico. Tem-se o corpo, então, como elemento fundante da teoria psicanalítica freudiana.

A noção de pulsão pode ser compreendida como um conceito fronteiro entre o psíquico e o somático. Freud (2017 [1915], p. 25) a define como “representante psíquico dos estímulos oriundos do interior do corpo que alcançam a alma como uma medida da exigência de trabalho imposta ao anímico em decorrência de sua relação com o corporal”. Em outras palavras, podemos compreender a pulsão como um “processo dinâmico que consiste numa pressão ou força (carga energética, fator de motricidade) que faz o organismo tender para um objetivo” (LAPLANCHE; PONTALIS, 2004, p. 394).

A pulsão, de acordo com Freud (2017 [1915]), possui uma *pressão*, uma *meta*, se dirige a um *objeto* e possui uma *fonte*. Entende-se por pressão a soma da força ou a medida de exigência que o trabalho pulsional representa; a meta de uma pulsão é sempre a satisfação, que pode ser de forma ativa ou passiva; a pulsão só pode alcançar sua meta através de um objeto. Esse objeto não precisa ser, necessariamente, material, estranho ao sujeito, pode ser, inclusive, uma parte do corpo do sujeito e pode ser substituído no decurso dos destinos vividos pela pulsão. Por fim, a fonte da pulsão é concebida como um processo somático no qual uma parte do corpo é representada, na vida anímica, pela pulsão. As fontes são ligadas, particularmente, às membranas corporais que entram em contato com o outro: lábios, ânus, olhar, etc.).

Inicialmente, Freud diferencia dois grupos de pulsões, designadas como *pulsões do Eu* ou de *autoconservação* e as *pulsões sexuais*. As pulsões do Eu designam um conjunto de necessidades ligadas às funções corporais de conservação da vida, como a fome, por exemplo. As pulsões sexuais, por sua vez, como o nome propõe, servem à sexualidade, à obtenção do prazer sexual, elas “são numerosas, advêm de múltiplas fontes orgânicas, agem inicialmente de forma independente umas das outras e só depois se reúnem em uma síntese mais ou menos acabada” (FREUD, 2017 [1915], p. 33).

Laplanche e Pontalis (2004) apontam que esse dualismo entre os dois tipos de pulsões compreende dois aspectos importantes: o apoio das pulsões sexuais em pulsões de autoconservação e o papel dominante da sua oposição no conflito psíquico. Um exemplo que ilustra esse duplo aspecto é o das perturbações

históricas: nesses casos, um só órgão é suporte para dois tipos de atividade pulsional, e será o lugar do sintoma em caso de conflito entre as pulsões. É importante destacar, também, que as pulsões do Eu, por satisfazerem-se apenas com objetos reais, operam rapidamente a passagem do princípio do prazer⁵ para o princípio da realidade⁶, e, dessa maneira, opõem-se às pulsões sexuais que podem se satisfazer na modalidade fantástica e, por isso, permanecem mais tempo no domínio exclusivo do princípio do prazer.

Essas observações nos levam para outro momento do pensamento freudiano – marcado pela publicação de *Além do princípio do prazer* – no qual o autor substitui a oposição entre *pulsões sexuais* e *pulsões do Eu* pela oposição *pulsões de vida* e *pulsões de morte*. De acordo com Laplanche e Pontalis (2004), as pulsões de vida passam a abranger as pulsões sexuais e as pulsões do Eu; elas buscam conservar as unidades vitais existentes e construir unidades mais globalizantes. As pulsões de morte, por sua vez, buscam a redução completa das tensões, tentando conduzir o sujeito a um estado anorgânico. Elas voltam-se, inicialmente, para o interior tendendo à autodestruição e, secundariamente, dirigem-se para o exterior, manifestando-se sob a forma da pulsão de agressão ou destruição.

Embora Freud não tenha teorizado especificamente sobre a noção de corpo, o conceito de pulsão nos permite compreender uma concepção implícita dessa noção. Podemos afirmar que o corpo, na teoria psicanalítica, não se confunde nem se esgota no corpo orgânico, biológico, mas também não o desconsidera. Nas palavras de Mendes (2009, p. 217), o corpo “é, ao mesmo tempo, objeto externo, na medida em que é percebido como uma unidade, como algo que está no mundo, e objeto interno, construído psiquicamente e que recebe estímulos de dentro do próprio corpo”.

Elia (1995, p. 96) organiza duas possibilidades de pensar o corpo antes do advento da Psicanálise, são elas: o corpo da psicologia, que compõe a unidade psicofísica, corpo-organismo, composto por órgãos e sistemas que interagem com

⁵ É um dos princípios que regem o funcionamento mental. Em seu conjunto, a atividade psíquica tem por objetivo evitar o desprazer e proporcionar o prazer. Este é um princípio econômico, uma vez que o desprazer está ligado ao aumento das quantidades de excitação e o prazer à sua redução. (LAPLANCHE; PONTALIS, 2004, p. 364).

⁶ Também é um princípio que rege o funcionamento mental. Impõe-se como princípio regulador na procura de satisfação, tendo seus resultados influenciados por condições impostas pelo mundo exterior. Este princípio está mais relacionado às pulsões do Eu. (LAPLANCHE; PONTALIS, 2004, p. 368).

as funções psíquicas, e o corpo fenomenológico que privilegia a experiência imediata da consciência e se constitui como um suporte material do indivíduo. O autor retoma essas duas concepções de corpo para argumentar que, após o advento da Psicanálise, o corpo só poderá ser pensado pulsionalmente, “como corpo-efeito do investimento pulsional”. O corpo para a Psicanálise, portanto, não é um corpo inato, uma vez que o circuito da pulsão não tem origem no corpo orgânico, e nem toma o indivíduo como base, já que tanto o conceito de pulsão como o de Inconsciente – conceitos chave da Psicanálise freudo-lacanianiana – destituem qualquer apreensão individualista da experiência psíquica.

Há, portanto, uma relação estreita entre pulsão e Inconsciente. De acordo com Laplanche e Pontalis (2004), a pulsão nunca pode tornar-se objeto da consciência e só está presente no Inconsciente por meio de representantes – fantasias, histórias imaginárias – nos quais a pulsão se fixa. Podemos conceber esses representantes como encenações do desejo. Para conseguirmos compreender melhor essas relações, faz-se necessário fazermos algumas referências à primeira e à segunda tópica freudiana.

Freud, ao tratar da constituição do psiquismo, organiza sua teoria em modelos topográficos, isto é, o autor supõe que o aparelho psíquico se organiza em um certo número de sistemas, dispostos em uma determinada ordem, dotados de características diferentes e que desempenham funções distintas. Correntemente, fala-se em duas tópicas freudianas: a primeira tópica é marcada pela distinção entre três sistemas, *Inconsciente*, *Pré-consciente* e *Consciente*. Percebendo uma necessidade de dar mais dinamicidade ao funcionamento do aparelho psíquico, o autor propõe uma segunda tópica, marcada pela distinção entre três instâncias: o *Isso*, o *Eu* e o *Supereu*.

Trataremos da primeira tópica começando pelo conceito que nos interessa de maneira especial, o Inconsciente. Tal conceito, nesse momento da teoria freudiana, era compreendido como uma instância ou um sistema constituído por conteúdos recalçados que escapam às instâncias do Pré-consciente e do Consciente. De acordo com Roudinesco e Plon (1998, p. 375), o sistema do Inconsciente abriga uma espécie de representantes das pulsões baseados em traços mnêmicos. Tais “conteúdos, fantasias e roteiros em que as pulsões estão fixadas buscam permanentemente descarregar-se de seus investimentos pulsionais, sob a forma de

‘moções de desejo’”. Esses mecanismos de investimentos pulsionais – condensação, deslocamento e figuração – constituem os processos primários; o processo secundário, por sua vez, é formado pelo sistema Pré-consciente.

O sistema Pré-consciente, segundo Laplanche e Pontalis (2004, p. 350), estaria situado entre o sistema Inconsciente e o Consciente. Tal sistema separa-se do Inconsciente por uma primeira censura, que busca barrar o caminho dos conteúdos inconscientes para a consciência e separado do sistema Consciente por uma segunda censura, menos selecionadora, cuja função seria “evitar a vinda à consciência de preocupações perturbadoras”.

Por fim, o sistema Consciente, segundo Laplanche e Pontalis (2004, p. 93), recebe ao mesmo tempo informações do mundo exterior e do interior. Sendo assim, o Consciente recebe tanto sensações que se inscrevem na série desprazer-prazer, quanto revivescências mnésicas. Esse sistema caracteriza-se pelo fato de “dispor de uma energia livremente móvel, suscetível de sobre-investir este ou aquele elemento (mecanismo da atenção)”.

Cabe salientar que os três sistemas não são completamente fechados em si, há uma certa fluidez entre eles, isto é, um conteúdo do Consciente, por diversos motivos, pode ser recalcado ao Inconsciente, assim como certo conteúdo do Inconsciente pode emergir ao Consciente através de sonhos, chistes, atos falhos. À medida em que foi desenvolvendo suas análises, Freud percebeu algumas inconsistências na relação Consciente-Inconsciente propostas pela primeira tópica. Em consequência disso, por volta de 1920, Freud propõe a segunda tópica, na qual coexistiam, dessa vez, as noções *Isso*, *Eu* e *Supereu*. Nessa nova tópica, o termo *inconsciente* passa a ser usado como adjetivo qualificando, especialmente, o *Isso* e, em parte, também o *Eu* e o *Supereu*.

É preciso dedicarmos um espaço, ainda, para alguns pressupostos da teoria psicanalítica lacaniana, visto que algumas noções desenvolvidas pelo autor são basilares para a construção do pensamento pêcheuxiano. Nos deteremos, aqui, a alguns elementos fundamentais do pensamento lacaniano, enfocando, mais especificamente, os três registros que constituem o aparelho psíquico, de acordo com o entendimento do autor, e suas relações com o corpo.

É importante destacar, inicialmente, que a tópica lacaniana – Real, Simbólico, Imaginário – foi desenvolvida e repensada ao longo de sua obra. No início de seu

pensamento, Lacan acreditava que os três conceitos possuíam um certa independência um em relação aos outros. Em consequência disso, o autor deu, em um primeiro momento, mais ênfase ao registro do Imaginário – é nesse momento que é elaborada a teoria do estágio do espelho. Em um segundo momento, numa tentativa de articular melhor os registros, é dado privilégio ao registro do Simbólico; é nesse momento que o autor postula que *o Inconsciente está estruturado como linguagem*. Por fim, o Real passa a ser compreendido como aquilo que resiste à simbolização, a parte que nos escapa e constitui, assim, os limites da nossa experiência. Apenas algum tempo depois, segundo Jorge (2005), é que Lacan irá determinar que os três registros são, na verdade, indissociáveis.

Para melhor compreensão, nos deteremos em cada um dos registros separadamente. O Imaginário é compreendido como o registro da alienação, das identificações, é caracterizado pela preponderância da relação com a imagem do semelhante. Este registro está relacionado à elaboração teórica lacaniana designada como *Estádio do Espelho*, na qual o autor considera a imagem especular como fundadora da instância do Eu. Nas palavras do autor: “basta-nos compreender o estágio do espelho como uma identificação, no sentido pleno [...] como a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem” (LACAN, 2013 [1949], p.98).

Laplanche e Pontalis (2004, p.234) apontam que, considerando a experiência vivida pelo sujeito no estágio do espelho, podemos considerar o Imaginário: i) do ponto de vista intra-subjetivo, como a relação narcísica do sujeito com seu ego; ii) do ponto de vista intersubjetivo, por uma relação dual baseada na imagem de um semelhante; iii) quanto ao meio ambiente, considerando uma relação etiológica que atesta a importância de algumas Gestalt no desencadeamento do comportamento; e, por fim; iv) quanto às significações, como um tipo de apreensão em que certos fatores como a semelhança desempenham um papel fundamental.

O registro do simbólico, por sua vez, é pensado por Lacan com base nos estudos de Claude Lévi-Strauss (Antropologia) e Ferdinand de Saussure (Linguística). Tal registro, de acordo com Roudinesco e Plon (1998, p. 714), deve ser compreendido como um sistema de “representação baseado na linguagem, isto é, em signos e significações que determinam o sujeito à sua revelia, permitindo-lhe

referir-se a ele, consciente e inconscientemente, ao exercer sua faculdade de simbolização”.

Laplanche e Pontalis (2004, p. 481) acrescentam que, à noção de Simbólico em Lacan, correspondem duas intenções. São elas: “aproximar a estrutura do inconsciente à da linguagem e aplicar-lhe o método que provou a sua fecundidade em Linguística” e “mostrar como o ser humano se insere em uma ordem pré-estabelecida que é de natureza simbólica”. O Inconsciente, para Lacan, portanto, corresponde às formas simbólicas, pois a linguagem é a condição do Inconsciente. Roudinesco e Plon (1998) argumentam que esse pensamento lacaniano repousa na ideia de que o indivíduo é instituído como sujeito pela linguagem, ou seja, a criança é sujeitada à ordem simbólica. Para os autores, a noção de simbólico é inseparável de outros três conceitos: o *Significante*, que é de fato a própria essência da função simbólica (sua “letra”); a *Forclusão*, que é o processo psicótico pelo qual o simbólico desaparece; e o *Nome-do-Pai*, conceito mediante o qual a função simbólica integra-se numa lei que significa a proibição do incesto.

Por fim, apresentamos o registro do Real que designa “uma realidade fenomênica que é imanente à representação e impossível de simbolizar” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 644). Pensando a partir de Fink (1998, p. 44), é possível apreender duas formulações para a noção de Real. A primeira como algo anterior à simbolização, concebido como uma fachada plana – o corpo da criança antes de ser escrito com significantes - que é cortada pela ordem simbólica, criando lacunas, divisões que eliminam o Real; ou pode ser compreendido como “aquilo que ainda não foi simbolizado, resta ser simbolizado, ou até resiste à simbolização”, que pode existir a despeito da habilidade linguística do falante.

De maneira mais clara, Fink (1998, p. 46) explica que é possível pensar o Real como “sendo simbolizado progressivamente durante a vida de uma criança”. O processo de simbolização, contudo, nunca dá conta de neutralizar todo o Real, existindo sempre um resto que persiste lado a lado com o Simbólico. Por outro lado, é possível pensar, também, em um segundo Real, gerado pelo Simbólico, a partir de impasses e impossibilidades dentre os elementos que compõe a ordem simbólica em si.

De acordo com Cukiert e Prizskulnik (2002, p. 144), é possível pensar o corpo a partir de cada um dos registros: “do ponto de vista do Imaginário, o corpo como

imagem, do ponto de vista do Simbólico, o corpo marcado pelo significante, e do ponto de vista do Real, o corpo como sinônimo de gozo”. Com base nas autoras, vamos tentar desenvolver um pouco mais essa ideia.

Pensar o corpo pela perspectiva do Imaginário, para Cukiert e Prizskulnik (2002), implicaria pensar como a imagem do próprio corpo a partir do Outro marca a constituição subjetiva e a imagem assumida pelo sujeito. A partir dos processos que envolvem o estágio do espelho, Lacan estabelece uma relação entre o Eu e o corpo na constituição do sujeito. É nesse momento, compreende Lacan, que a criança estabelece uma diferença entre o seu corpo e o corpo da mãe, situando o que faz e o que não faz parte do eu. A imagem corporal, para Lacan (2013 [1949]), é capaz de um efeito formador, isto é, a antecipação imaginária de um corpo unificado, por intermédio dessa primeira identificação, possibilita à criança ultrapassar a fase pré-espelhar e constituir, assim, uma subjetividade.

Com o desenvolvimento da teoria, Lacan passa a pensar o estágio do espelho articulado ao registro do Simbólico, introduzindo ao processo a noção de grande Outro. Dessa maneira, o espelho passa a representar o Outro, onde o sujeito admira seu eu enquanto eu ideal como um objeto de desejo do Outro. Assim, “[...] Segundo a maneira como se apreende o desejo do Outro, o sujeito terá imagens diferentes de seu eu e também da realidade” (QUINET, 1994, p. 46, apud CUKIERT; PRISZKULNIK, 2002, p. 146). Nesse processo de submissão do estágio do espelho à ordem simbólica, “a alienação na imagem passa a ser substituída pela alienação estrutural ao Outro da cadeia significante, que é, na verdade, a primeira operação de causalização do sujeito”. (CUKIERT; PRISZKULNIK, 2002, p. 146).

Depois de afetada pelo Outro materno, a criança passa, ainda, pela inserção da figura paterna, responsável pela castração. Nesse momento, a criança deixa de ser objeto de desejo da mãe, e é produzido, nesse processo, um corte na unidade mãe-criança que dá origem ao que Lacan denominou como *objeto a*, o objeto causa do desejo. Vinhas (2014, p. 101) diz, resumindo o pensamento lacaniano, que “é o objeto a que causa a divisão do sujeito, barrado pela presença da linguagem. Em função do desejo, o sujeito procurará, sem cessar, o objeto perdido que o castrou, tornando-o incompleto, esburacado”.

Um conceito importante nessa relação do sujeito com o objeto a é o *gozo*, que se relaciona de forma estreita com o registro do Real. De acordo com Fink (1996, p.

83), o gozo é “o que vem substituir a perda da ‘unidade mãe-criança’ [...] constituída devido ao sacrifício da criança ou sua abdicação à subjetividade”. O gozo, então, toma o lugar da “completude”, anterior à castração, e a fantasia de completude oferece ao sujeito uma sensação que Lacan chama de *ser*. É através da ordem simbólica que o sujeito ganha existência, contudo, o *ser* somente é gerado pela clivagem do Real.

Assim, vemos como é essa separação, um ou/ou envolvendo o sujeito e o Outro, que produz o *ser*: criando um corte na unidade sujeito-Outro, o desejo do Outro se livra do sujeito – sempre buscando, como é seu costume, algo mais – embora o sujeito seja capaz de recuperar um resto disso, pelo qual sustenta-se em *ser*, como um *ser de desejo*, um *ser desejante*. O objeto *a* é o complemento do sujeito, um parceiro fantasmático que sempre desperta o desejo do sujeito. A separação resulta na divisão do sujeito em eu e inconsciente, em uma divisão correspondente do Outro em Outro falante e o objeto *a*. Nenhuma dessas “partes” estava lá no início e no entanto a separação resulta em um tipo de intersecção por meio do qual algo do Outro que o sujeito considera sua propriedade, essencial para sua existência, é arrancado do Outro e conservado na sua fantasia pelo sujeito agora dividido. (FINK, 1996, p.84).

Jorge (2017, p. 142) destaca que o núcleo do Inconsciente é constituído “por essa falta originária de objeto e é em torno desse furo que o inconsciente se estrutura enquanto linguagem”. Dessa maneira, tem-se designado dois aspectos, articulados, do Inconsciente: um **real**, o furo; outro **simbólico**, a linguagem”.

Desse modo, ressalta-se a importância de os registros lacanianos serem considerados em referência ao corpo, corroborando o entendimento de que o corpo e a subjetividade se constituem mutuamente.

É importante pontuar que o resgate das reflexões de natureza psicanalítica, apresentado na presente seção, cumpre um papel específico em nosso trabalho: o de nos fazer avançar na teorização sobre corpo e subjetividade. Como mencionamos no início desse capítulo, a teoria da subjetividade em perspectiva psicanalítica atravessa e articula o quadro teórico proposto por Pêcheux. Como em nosso trabalho buscaremos estabelecer relações entre corpo e subjetividade, compreender como a Psicanálise pensa e articula tais conceitos é essencial para nosso processo de reflexão. A análise proposta, contudo, é de natureza discursiva. Sendo assim, partimos para a teorização acerca da relação entre corpo e

subjetividade no seio dos estudos discursivos de vertente pêcheuxtiana, base teórico-metodológica que sustenta nossa pesquisa.

1.2 CORPO E SUBJETIVIDADE NA ANÁLISE DE DISCURSO

Para que seja possível compreender como a AD concebe o corpo e o articula a seu quadro teórico, acreditamos ser necessário, primeiramente, entender melhor como se constitui a teoria e conhecer os principais conceitos que compõem seu quadro teórico.

A Análise de Discurso de linha francesa (AD) teve início na França, no final da década de 1960, articulada pelo filósofo Michel Pêcheux, o qual tinha como interlocutores um grupo de intelectuais e que trabalhavam em diferentes áreas das ciências humanas. Nesse momento histórico, as ciências humanas viviam o auge do paradigma estruturalista. Tal paradigma era reinante na produção intelectual da época, inclusive e principalmente nos estudos linguísticos que, até então, focavam no estudo da língua enquanto estrutura formal submetida ao rigoroso método científico positivista.

Nesse processo de objetificar e normatizar o objeto dos estudos linguísticos houve um movimento de exclusão deliberada do sujeito, uma vez que este era um elemento que perturbava a homogeneização dos processos linguísticos. Na contramão desse pensamento, Pêcheux propõe a Análise de Discurso (AD) como uma forma de “desautomatizar a relação com a linguagem” (FERREIRA, 2007), trazendo para o centro da discussão linguística conceitos como historicidade, sujeito e ideologia, ignorados pela vertente estruturalista.

Por se situar em um lugar de fronteira entre a Linguística e as Ciências Sociais, Orlandi (2015) denomina a AD como uma *disciplina de entremeio*. A autora destaca que, embora a AD articule conceitos advindos de quatro áreas diferentes, não estabelece uma relação servil, ou seja, não se deixa absorver por nenhuma das teorias. Pêcheux estabelece uma relação crítica com as teorias que articula, interrogando a Linguística pela historicidade que deixa de lado, questionando no Materialismo uma abordagem do simbólico e diferenciando-se da Psicanálise pela relação que busca estabelecer entre ideologia e Inconsciente (ORLANDI, 2015, p. 18).

Sobre o quadro epistemológico da AD, Ferreira (2007, p. 41) salienta que faz parte da constituição da teoria a relação tensa entre os conceitos que compõe seu arcabouço teórico. A AD, assim, é uma teoria que está sempre em constante movimento, a cada análise “se põe em questão a natureza de certos conceitos e se redefinem seus limites”. A autora acrescenta que essa característica não impede, contudo, que a AD se singularize enquanto teoria sobre a linguagem, distinguindo-se das demais áreas pelo seu aparato teórico e métodos de análise.

É importante destacar também o caráter político e revolucionário da teoria proposta por Pêcheux. A AD se constitui numa relação de ruptura não apenas pelo viés epistemológico, mas também com o quadro político da França naquele momento histórico. Pêcheux articula a prática teórica e a prática política, trazendo para a discussão as consequências da forma como fazemos ciência, na luta de classes. A AD reconhece que não há neutralidade, objetividade tampouco a busca de uma verdade universal em sua prática científica. A posição que o analista assume, ao se apropriar do arcabouço teórico da AD, é a de reconhecer a contradição e a falha como constitutiva do processo de produção dos sentidos, produzindo, dessa maneira, derivas, deslocamentos e resistência nos processos de significação.

Dentre as singularidades da articulação teórica proposta por Pêcheux, está a relação que o autor estabelece entre o conceito de ideologia – resgatado do Materialismo Histórico, mais especificamente a formulação althusseriana desse conceito – e a noção de Inconsciente – advinda da Psicanálise freudo-lacaniana. É justamente essa articulação que nos interessa nesse trabalho. Através da análise do discurso de sujeitos gordos, refletiremos sobre a relação entre o assujeitamento ideológico e o recalque inconsciente, buscando, assim, compreender as imagens que esses sujeitos produzem de si e do outro e de que maneira isso afeta a forma como esses sujeitos se subjetivam. Para isso, precisamos primeiro entender de que maneira Pêcheux se apropria dos conceitos de ideologia e Inconsciente e os articula à AD.

Pela perspectiva discursiva, a ideologia “aparece como efeito da relação necessária da língua com a história, no processo de constituição dos sujeitos e dos sentidos” (FERREIRA, 2003, p. 191). Diferente de outros autores⁷ que concebem

⁷ Marx e Engels (2002), por exemplo, compreendem que a ideologia age mascarando a realidade.

ideologia como conjunto de representações ou ocultação da realidade, Pêcheux retoma as formulações de Althusser para quem o funcionamento da ideologia produz o efeito de evidência. São características da ideologia para Althusser (2013 [1971]): (i) possuir existência material; (ii) representar a relação imaginária dos indivíduos com suas relações reais de existência; e (iii) obedecer a uma dinâmica inconsciente.

De acordo com Ernst (2017), dizer que a ideologia se apresenta de forma inconsciente implica, para a manutenção da dominação de classe, que ela se introjeta na sociedade através de formações/instituições de poder que realizam historicamente a ideologia dominante. Essas instituições foram denominadas por Althusser como Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE). É o funcionamento da ideologia que vai produzir o efeito de naturalização dos sentidos para os sujeitos, processo que chamamos de interpelação ideológica.

Conforme Pêcheux (2014a [1975]), a interpelação ideológica produz dois efeitos de evidência denominados: esquecimento número 1 e esquecimento número 2. A noção de esquecimento, nessa perspectiva, não designa uma ideia de perda e sim “o acobertamento da causa do sujeito no próprio interior de seu efeito”. O primeiro esquecimento diz respeito ao fato de o sujeito ter a ilusão de ser fonte dos sentidos, e tal esquecimento é de ordem inconsciente. O segundo esquecimento, por sua vez, considerado de natureza pré-consciente-consciente, se refere à evidência de que o sujeito pode controlar os efeitos de sentidos através do processo de enunciação. Orlandi (2015) argumenta que os dois esquecimentos não podem ser entendidos como defeitos: eles são estruturantes da constituição dos sujeitos e dos sentidos. Tais esquecimentos⁸ fazem com que os sujeitos e os sentidos estejam sempre em movimento, produzindo novos processos discursivos.

A relação entre sujeito e ideologia, via interpelação ideológica, se dá mediada pelo que Pêcheux denomina como Formações Ideológicas (FI), que representam, no plano do discurso, os Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE). As FIs podem ser compreendidas como um conjunto complexo de representações que se relacionam com as posições de classe, sempre em relação de conflito. As FIs são compostas por Formações Discursivas (FD), concebidas como aquilo que determina “o que

⁸ É importante destacar que a questão dos esquecimentos foi objeto de uma autocrítica realizada por Pêcheux na chamada *terceira fase da AD*. Dentro do contexto em que desenvolvemos nossa análise, contudo, não compreendemos que haja necessidade de adentrarmos nessa questão. Nos valeremos, portanto, das reflexões propostas pelo autor em seus textos anteriores.

pode e deve ser dito, a partir de uma posição dada numa conjuntura, isto é, numa relação de lugares no interior de um aparelho ideológico” (PÊCHEUX; FUCHS, 2014 [1975], p. 164).

Se, por um lado, o sujeito da AD tem como característica constitutiva o assujeitamento ideológico, por outro, ele é dotado de Inconsciente; isso implica numa noção de sujeito que não é senhor dos seus atos, que não tem controle absoluto sobre o discurso que produz. Uma marca importante desse sujeito que advém da Psicanálise e é incorporado pela AD é sua natureza desejante, em consequência de sua condição de incompletude. Como a subjetividade pela perspectiva psicanalítica já foi desenvolvida na seção anterior, não nos deteremos tanto nessa noção aqui.

É importante destacar, contudo, que o sujeito do discurso não é apenas o sujeito ideológico, nem apenas o sujeito do Inconsciente. Seria errado afirmar, também, que esse sujeito seja uma mera soma do sujeito dessas duas perspectivas. De acordo com Ferreira (2007, p. 40), “o que vai fazer a diferença desse sujeito é o papel de intervenção da linguagem, na perspectiva de materialidade linguística e histórica que a AD lhe atribui”. Na perspectiva da AD, tanto a Ideologia quanto o Inconsciente se encontram e se constituem na linguagem.

Posto que a língua é “um dos elos essenciais a compor o tecido discursivo” (FERREIRA, 2003, p. 196), é preciso compreender como a AD concebe o conceito de Língua. Diferente de outras vertentes da Linguística que pensam a língua como uma estrutura autônoma, transparente e homogênea, a língua, para o analista de discurso, é tomada em sua ordem material, tendo como característica estruturante a opacidade e possibilidade do equívoco. Ao tratar da língua na AD, Ferreira (2007) aponta que “é a língua da indefinição do direito e do avesso, do dentro e do fora, da presença e da ausência” (p. 42).

O aspecto singular da língua, na perspectiva da AD, de acordo com Ferreira (2003), tem a ver com a noção de estrutura e sua especificidade na ótica discursiva. Tal estrutura comporta em si, enquanto totalidade, também o não-todo, efeito do real da língua, que faz dela, assim, uma ordem significativa capaz de equívoco, de falha, de deslize. Pensar a língua em sua forma material, traz algumas consequências em relação à forma clássica como a língua é trabalhada na Linguística. Ferreira (2003, p. 197) elenca algumas dessas consequências:

- a) a língua deixa de ser considerada integralmente autônoma para ser aceita como relativamente autônoma;
- b) o sistema linguístico não é algo abstrato e fechado, mas sim um sistema passível de perturbações, rupturas e mal-entendidos;
- c) os fatos linguísticos considerados com problemas não ficam de fora do sistema, à margem da língua, e passam a ser considerados como nucleares, em vez de periféricos;
- d) abandonam-se as concepções muito difundidas de língua enquanto código, ou então, instrumento de comunicação ideologicamente neutro;
- e) a língua é lugar material de realização dos processos discursivos, onde se manifestam os sentidos.

Ferreira (2003) acrescenta, ainda, que a singularidade da língua na AD vai além da reformulação dos seus limites. Por ser um elemento essencial do processo discursivo, a concepção de língua afeta diretamente o trabalho de interpretação do analista. Para o analista de discurso, contudo, a língua não é objeto de investigação, é um pressuposto fundamental para sua análise, porque é o que dá existência material a seu objeto de estudo: o discurso, o qual é denominado por Pêcheux (2014b [1969]) como efeito de sentido entre interlocutores.

O que interessa para o analista, portanto, não é apenas voltar seu olhar para o objeto linguístico e sim para o objeto sócio-histórico no qual o linguístico intervém como pressuposto – o discurso (ORLANDI, 2015). Visto que o discurso é o objeto que materializa a ideologia através da língua, é no próprio funcionamento da língua então que podemos perceber as marcas da resistência no processo de interpelação ideológica. A língua, contudo, não é a única base material possível para os processos discursivos. Na esteira de outros trabalhos⁹, buscamos, aqui, considerar também o corpo como materialidade do discurso, do sujeito e lugar de inscrição das marcas de resistência.

No Brasil, com o desenvolvimento da teoria, novas materialidades discursivas têm se imposto como objeto de análise. Dentre elas, o corpo tem sido interesse de diferentes analistas que, na tentativa de articular o corpo à complexa trama do discurso, têm proposto abordagens diversas. Vinhas (2014), em sua tese, faz uma revisão atenta de trabalhos que pensam o corpo vinculados à AD. A partir dessa revisão bibliográfica, a autora chega a três possibilidades de pensar o corpo

⁹ Além dos trabalhos que serão apresentados no corpo do texto, vale citar os seguintes estudos que articulam Análise do Discurso e corpo: Hashiguti (2009), Prawucki (2011), Radde (2014), Rehm (2015), Assumpção (2016), Bressan (2017).

articulado ao discurso. São elas: o corpo como suporte, o corpo como materialidade corpórea e, por fim, o corpo como a própria subjetividade, através da designação *corpolingüagem discursivo*. A partir de agora, nos atentaremos a cada uma dessas abordagens, buscando refletir de que maneira elas nos ajudam a compreender a relação entre corpo e sujeito na constituição subjetiva dos sujeitos gordos.

A primeira forma de compreender o corpo, denominada *corpo suporte*, está vinculada a uma noção biológica de corpo, entendido como “uma base material para os processos discursivos” (VINHAS, 2014, p. 234). Nessa perspectiva, o corpo estaria relacionado à noção de *carne*, isto é, àquilo que há antes do processo ideológico que converte a carne em corpo. Nas palavras Souza (2010, p. 1) “a carne passa a corpo por um processo de discursivização da carne, trabalho realizado ciosamente pelos agentes ideológicos que cuidam de imaginá-la, educá-la, administrá-la, alocá-la em corpodiscurso”.

Chegamos, a partir disso, à segunda forma de compreender o corpo na AD, o *corpo discursivo*. Essa perspectiva parte do princípio de que, assim como a linguagem, o corpo também pode ser compreendido como materialidade para o discurso, possuindo, por consequência, relação com a ideologia. Contrapondo-se ao corpo empírico, biológico, orgânico, Ferreira (2011b, p.95, grifos da autora) implementa a noção de corpo discursivo, para designar o corpo enquanto objeto a ser analisado, tomado como materialidade discursiva. Partindo dessa perspectiva, a autora propõe que o corpo, dentro do arcabouço teórico da AD, seja situado “num lugar *entre o sujeito e a língua*, a partir de onde ele se vela e se desvela, deixando entrever em suas marcas *o que falta e o que fala no sujeito*”.

Ao colocar questões sobre a relação entre corpo e dança, Orlandi (2012) concebe o corpo como materialidade do sujeito. A autora argumenta que, quando o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia, traz consigo um corpo que também é afetado pelo processo de interpelação. A ideologia, pela perspectiva discursiva, é uma prática que “envolve, afeta e faz parte do processo de significação do corpo do sujeito” (ORLANDI, 2012, p.18). Em consequência da atuação do Imaginário, a relação entre corpo e sujeito aparece como transparente, mas não o é:

Como sabemos, nem os sujeitos, nem os corpos, pensando-se a significação, são evidentes. Ainda é sempre a opacidade, a não transparência da linguagem, que se apresenta quando pensamos discursivamente. Ou, dito de outra forma, o corpo da linguagem e o

corpo do sujeito não são transparentes. São atravessados de discursividade, efeitos de sentido constituídos pelo confronto do simbólico com o político em um processo de memória que tem sua forma e funciona ideologicamente. O que redundaria em dizer que, assim como as nossas palavras, nosso corpo já vem sendo significado, antes mesmo que não o tenhamos, conscientemente significado. (ORLANDI, 2012, p.25).

As imagens que são produzidas de determinados corpos, portanto, são determinadas ideologicamente. Sendo assim, Orlandi (2012) propõe que para compreendermos o corpo – enquanto formulações dos sujeitos - é preciso relacionar sujeito, corpo, linguagem e sociedade. Podemos pensar essa relação com Ernst (2007). A autora, ao analisar a constituição de subjetividades a partir de formações imaginárias que se estabelecem em diálogos sobre o corpo, aponta que diferentes práticas discursivas, na nossa formação atual, atuam no sentido de conter determinados corpos, dentre eles, o corpo gordo. Os estereótipos presentes no discurso publicitário, por exemplo, fazem com que as pessoas sintam-se imperfeitas e passem a buscar um ideal de corpo não natural, “o culto à juventude e à beleza, o privilégio da pele branca, o medo da velhice e da morte, a moda e as representações coletivas impõem cânones que só um pequeno número consegue alcançar” (ERNST, 2007, p. 137). Esses discursos produzem efeitos na maneira como os sujeitos se relacionam com sua imagem corporal e, por consequência, em seus processos de subjetivação.

Ainda nessa perspectiva, podemos recorrer a Baldini e Souza (2012, p.69) para quem o corpo pode ser pensado como um lugar de subjetivação. Ao discutir a relação entre corpo e tatuagens, os autores postulam que “a tatuagem constitui sentidos pela produção de um furo no modo de individuação; ela é a prova de falhas no ritual de evocação do sujeito em indivíduo”. Essa afirmação se sustenta no pensamento de Orlandi (2006), que faz uma distinção entre o processo de *assujeitamento* e o processo de *individualização* dos sujeitos. O primeiro diz respeito à entrada do sujeito no simbólico via interpelação ideológica, enquanto o segundo se refere ao modo como o Estado irá individualizar o sujeito por meio de seus aparelhos.

Partindo disso, Baldini e Souza (2012, p.69) colocam que “como ser falante, o homem não vive seu corpo como um organismo natural, mas como parte de sua subjetividade”. Assim, a tatuagem é pensada como o lugar de um processo discursivo, em que se pode observar a materialização da ideologia. Ao se tatuar, o

sujeito se coloca como sujeito do discurso, assume uma posição-sujeito. Pelo corpo, assim como a língua, ser incompleto, lugar de falha, a tatuagem pode ser compreendida como aquilo que escapa, colocando em evidência o furo, o real do corpo.

Por fim, a terceira forma de conceber o corpo em AD, proposta por Vinhas (2014, p. 110), que estabelece uma relação mais estreita com a Psicanálise, se dá pela designação *corpolingüagem*¹⁰ *discursivo*. Para a autora, o “corpo não só pode ser compreendido como materialidade discursiva, mas também, como a própria subjetividade”. Nessa perspectiva, ela busca articular corpo, linguagem e discurso, dando conta, dessa maneira, tanto da dimensão social, quanto da dimensão individual da subjetividade.

A autora parte de dois postulados de Pêcheux (2014c [1978]), *não há dominação sem resistência* (primado do Materialismo Histórico) e *ninguém pode pensar do lugar de quem quer que seja* (princípio do Inconsciente), para propor a reflexão de que há duas concepções diferentes de sujeito no quadro epistemológico da AD, a primeira (do Materialismo Histórico) que será compreendida como um sujeito social e a segunda (da Psicanálise) que considera uma dimensão individual do sujeito. Essa reflexão é importante porque coloca questões para pensar o corpo como materialidade do sujeito. A partir disso, Vinhas (2018) pergunta *de que corpo e de que sujeito estamos falando?*

A autora, ainda na mesma reflexão, nos dá algumas respostas: a partir da entrada do sujeito no simbólico, quando ele se identifica com uma FD e passa a assumir uma posição, o sujeito é tratado como social; já quando analisamos a fala de um sujeito específico, buscando algo que seja da ordem da singularidade, uma falha no ritual, estamos tratando de uma dimensão individual do sujeito. Dito de outra forma, o processo de interpelação ideológica visa à transformação do indivíduo em sujeito social, que passa a responder imaginariamente às determinações ideológicas; contudo, esse processo não ocorre sem falhas. Nesse processo, “o ego se esvai e emerge uma subjetividade também com falhas, as quais são efeito do sujeito do Inconsciente oriundo da Psicanálise” (VINHAS, 2018, p. 82).

¹⁰ O conceito de *corpolingüagem discursivo*, como proposto por Vinhas (2014), tem como base a noção *corpolingüagem* utilizada nos trabalhos desenvolvidos por Nina Leite. Para Leite (2003 apud VINHAS, 2014, p. 7), tal noção compreenderia “o estatuto do corpo em Psicanálise e suas consequências para o estudo da linguagem”, isto é, o corpo pulsional vinculado ao discurso como forma material.

A partir disso, a autora pontua a necessidade de considerar a articulação da linguagem e do corpo no processo de constituição da subjetividade, uma vez que, não só a linguagem, mas também o corpo está na base da reprodução da ideologia e da estruturação do Inconsciente. Nas palavras da autora: “ousar se rebelar e ousar pensar por si mesmo não podem ganhar existência sem corpo e sem linguagem” (VINHAS, 2018, p. 82). Com base nessa reflexão é que a autora propõe a noção de *corpolingüagem discursivo*, como uma forma de pensar o corpo dentro do quadro teórico/analítico da AD. Tal conceito é melhor explicado na passagem,

O corpolingüagem discursivo é o próprio sujeito, constituído pela história, pelo corpo, pela linguagem e pelo discurso. O corpo, portanto, constitui a subjetividade e é constituído por ela, individualmente enquanto sintoma e socialmente enquanto desejo, posto que o desejo é efeito de uma construção social. Nesse sentido, podemos propor que o tripé constitutivo do discurso sofra um deslocamento, passando a ser constituído pelos conceitos de linguagem, história e corpo, posto que é dessa relação que emerge o sujeito. (VINHAS, 2014, p. 235).

Sobre essa perspectiva, importante ainda destacar que a autora considera no *corpolingüagem discursivo* duas formas de existência sócio-histórica, uma pela pulsão e outra pelo discurso. Em ambas podemos perceber o funcionamento do processo de resistência: na primeira, a resistência se justifica pelo desejo; na segunda, se instaura em relação à dominação pela ideologia. Dessa maneira, aponta-se um caminho para a articulação entre ideologia e Inconsciente (VINHAS, 2018). Em nosso trabalho, compreenderemos a subjetividade a partir da noção *corpolingüagem discursivo* proposta por Vinhas, pois tal noção traz contribuições importantes para compreensão da forma de subjetivação do sujeito gordo. Para melhor ilustrar a relação que buscamos estabelecer, atentemo-nos em duas possíveis formulações: i) *eu sou gorda*; ii) *eu tenho um corpo gordo*. Não podemos ignorar o fato de que os sentidos sempre podem ser outros, portanto, cada uma dessas formulações, em diferentes condições de produção, pode produzir diferentes efeitos de sentido. Contudo, busquemos, nesse momento, olhar essas formulações pelo viés da subjetividade. Podemos perceber que não há uma fronteira demarcada entre corpo e sujeito. Ao contrastarmos essas duas formulações, percebemos uma relação de paráfrase entre elas. *Ter um corpo gordo* não é substancialmente distinto de *ser gordo*. O corpo, para o sujeito gordo, portanto, não pode ser pensado apenas

pela perspectiva da materialidade: ele é parte da constituição subjetiva desses sujeitos.

Na primeira seção desse capítulo, apresentamos a visão psicanalítica sobre corpo e subjetividade. Essa seção é extremamente importante em nosso trabalho, porque a noção de subjetividade com a qual trabalha a AD advém da Psicanálise, portanto, muitos dos conceitos ali expostos serão resgatados, posteriormente, nas análises. Na segunda seção, situamos qual a base teórica na qual nos ancoraremos para esse trabalho, apresentando alguns dos principais conceitos que compõem o quadro teórico da AD e discutindo como a noção de corpo vem sendo articulada a esse quadro. A partir de agora, resgataremos as condições de produção socio-históricas em jogo nos discursos que serão analisados.

CAPÍTULO 2

CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO, FORMULAÇÃO E CIRCULAÇÃO DO DISCURSO

Courtine (2014), ao teorizar sobre a noção de Condições de Produção (CP), aponta que podemos conceber tal conceito de duas maneiras: como um conjunto de *definições empíricas* e como um conjunto de *definições teóricas*. Na primeira perspectiva, herdada da Psicologia social, as CP tendem a se confundir com a situação enunciativa. Já a segunda perspectiva se centra numa elaboração teórica que aparece em AD a partir da noção de Formação Discursiva. Orlandi (2015), seguindo o pensamento de Courtine, considera as CP de duas formas: as CP estritas, que se referem às circunstâncias da enunciação, e as CP amplas que incluem o contexto sócio-histórico-ideológico.

Ainda com base em Courtine, Orlandi (2005, p. 09), propõe que sejam considerados três momentos do processo de produção do discurso, são eles: i) sua constituição, a partir da memória do dizer, fazendo intervir o contexto histórico-ideológico mais amplo; ii) sua formulação, em condições de produção e circunstâncias de enunciação específicas; e iii) sua circulação, que se dá em certa conjuntura e segundo certas condições.

Partindo disso, nesse nosso capítulo, buscaremos reunir as CP teóricas (de acordo com Courtine) ou amplas (de acordo com Orlandi) e abordar os processos de formulação e circulação dos discursos em análise. Com esse fim, organizamos o capítulo em três seções: a primeira centrada no discurso médico-científico sobre o corpo, a segunda focada nos sentidos colocados em circulação pela mídia sobre o corpo e, por fim, a terceira na qual discutiremos os discursos produzidos nas redes sociais virtuais sobre o corpo. Antes de entrarmos nas seções específicas, cabe, ainda, resgatar alguns elementos de ordem histórica sobre o corpo gordo.

Ser gordo nem sempre foi uma condição estigmatizada na sociedade ocidental. Na Idade Média, o corpo gordo simbolizava saúde e indicava riqueza, abundância. Em um contexto no qual reinava a fome e a precariedade, exibir um corpo gordo demonstrava uma condição social privilegiada. Um símbolo histórico da relação entre gordura e poder é a figura do Glutão medieval, celebrado por sua saúde e vigor. A mesma lógica se aplicava também às mulheres: o padrão de beleza, da época, estava centrado na ausência da magreza.

A partir da segunda metade do século XIX, contudo, uma série de acontecimentos sociais passou a corroborar para uma idealização do corpo magro e, por consequência, uma maior estigmatização do corpo gordo. No campo da medicina, os estudos avançaram a ponto de tornar-se possível classificar diferentes níveis de obesidade e relacionar o excesso de gordura a uma gama de doenças. No âmbito social, o lazer ganha espaço, a condição feminina se torna mais ativa e passa-se a estabelecer uma relação diferente com a nudez. Com isso, a vigilância sobre o obeso aumenta, as imposições estéticas passam a mediar a relação dos sujeitos com seus corpos e o gordo passa a ser considerado feio, desagradável aos olhos (VIGARELLO, 2012).

A obesidade, hoje, de acordo com Vigarello (2012), é caracterizada por um fenômeno inédito: sua situação de epidemia. O obeso passou a ser visto como um doente social, um corpo incômodo aos olhos atuais. O autor destaca que há dois problemas, relacionados aos padrões corporais, que envolvem a sociedade atualmente: de um lado, a exigência de magreza e, de outro, a crescente denúncia da gordura. É óbvio que a exigência do magro torna mais marcante a presença do gordo, contudo, a denúncia da gordura tem origens que vão além da padronização estética. A presença marcante da obesidade na sociedade atual, efeito das mudanças no modo de vida contemporâneo, é base para a disseminação de um imaginário da gordura como um novo mal, “um perigo que vai do físico ao social” (VIGARELLO, 2012, p. 325).

A identificação cada vez maior dos sujeitos com o padrão corporal magro acentua, no caso do obeso, uma insuperável dilaceração íntima. O sujeito gordo “vive um corpo pelo qual se sente traído, mas onde encontra sua expressão última, um corpo que é outro e si próprio ao mesmo tempo” (VIGARELLO, 2012, p.318). No cenário atual, no qual o corpo é tomado como moldável, suscetível de ajustes, reparos, adaptações, há uma preocupação e um investimento excessivo na estética corporal, o que popularmente é chamado de *culto ao corpo*. Partindo disso, Le Breton (2012) desenvolve a teoria da promoção do corpo a *alter ego*: o corpo passa a desempenhar o papel principal nas relações do sujeito com o mundo, é transmutado em substituto do sujeito. De acordo com o autor, “busca-se uma sociabilidade ausente, abrindo em si uma espécie de espaço dialógico que assimila o corpo à posse de um objeto familiar, ou o alça à posição de parceiro” (p. 249).

Num contexto em que a adaptabilidade e o trabalho sobre si mesmo se tornam obrigatórios, o sujeito gordo é tomado como aquele que não cuida de si, negligente com o próprio corpo, fraco, incapaz de se transformar numa versão melhor de si mesmo. Fischer (1995) expõe resultados de uma pesquisa na qual foi feita uma enquete sobre a seguinte questão: “os gordos são culpados ou vítimas?”¹¹. O resultado mostrou que, na maioria dos casos, as pessoas consideram o sujeito gordo como único culpado por sua condição física. De acordo com Bernard Brusset (apud FISCHER, 1995), o sujeito gordo é considerado transgressor, ele viola as regras que governam “o comer, o prazer, o trabalho e o esforço, a vontade e o controle de si” (p. 74).

Para compreendermos melhor o discurso dominante sobre o corpo gordo e as formas como ele circula na nossa formação social, dividiremos esse capítulo em três partes: primeiramente, traremos alguns elementos sobre o discurso médico-clínico em relação à obesidade, em seguida, discutiremos o imaginário de *corpo perfeito* produzido e disseminado pela mídia e suas implicações na manutenção de sentidos negativos sobre o corpo gordo, e, por fim, apresentaremos dois dos principais movimentos atuantes nas redes sociais virtuais que versam sobre padrões corporais na atualidade.

2.1 O DISCURSO DA SAÚDE SOBRE O CORPO GORDO

*Sabe aquela história de que gordo não fica doente?
A doença é a gordura? Então .. (Não tem cabimento 53).*

De forma geral, para as ciências médicas e biológicas, a obesidade é compreendida como um aumento do peso corporal à custa de tecido adiposo. Esta condição corporal, de acordo com as pesquisas médicas, traz ao sujeito um risco considerável de adquirir diversas doenças, como: hipertensão arterial, diabetes, pancreatite, alguns tipos de câncer, asma, apneia do sono, entre outras.

Segundo a Associação Brasileira para o Estudo da Obesidade - ABESO (2009), as ações de reconhecer a obesidade e medir os níveis de sobrepeso necessitam de técnicas específicas de quantificação. Antigamente, era utilizada a

¹¹ Vítimas de suas glândulas e hereditariedade ou culpados pela ingestão em excesso de alimentos calóricos (FISCHER, 1995).

técnica da pesagem hidrostática – as pessoas eram pesadas submersas em água. Atualmente, com o desenvolvimento técnico-científico, há diversas alternativas que auxiliam os profissionais da saúde a chegar ao cálculo exato do nível de gordura de uma pessoa – ultrassonografia, ressonância magnética, raio-x de dupla energia, etc. Contudo, a maioria desses equipamentos é de difícil acesso em decorrência de seu custo.

A técnica mais utilizada pelos profissionais da saúde que não têm acesso a equipamentos hospitalares refinados é a *medição antropométrica*. Tal técnica consiste em reunir uma série de dados (altura, peso, circunferência corporal, medida das dobras cutâneas), e, a partir de um cálculo matemático, avaliar tamanho, forma e composição do corpo. Outra técnica, não tão exata mas eficaz, para medir níveis de sobrepeso, é o já popularizado, cálculo do Índice de Massa Corporal (IMC)¹². A partir do resultado do IMC, é consultada uma tabela - adotada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) - que tem por finalidade categorizar as condições corporais de homens e mulheres. A tabela é dividida em quatro categorias (abaixo do peso, peso normal, sobrepeso e obesidade); a categoria da obesidade é, ainda, classificada em três estágios diferentes (obesidade leve, obesidade moderada e obesidade mórbida).

Embora os estudos sobre as implicações do excesso de gordura corporal aconteçam já há alguns séculos e as descobertas científicas tenham apontado para uma série de possíveis transtornos decorrentes do excesso de peso, até poucos anos, a obesidade não era considerada uma patologia. Foi a partir de 2013 que a American Medical Association (AMA) passou a declarar a obesidade como uma doença. Dentre os argumentos que pautam tal resolução estão: i) reconhecer a obesidade como patologia auxilia a comunidade médica a lidar com a complexidade da situação; ii) tal resolução torna possível pressionar operadoras de saúde a criar mecanismos que compensem o tempo gasto, nas consultas médicas, em alertar os pacientes sobre o risco de se manter com sobrepeso; iii) a ação facilitaria o acesso à cirurgia bariátrica que, até então, era restrito a casos muito específicos; iv) unificaria uma abordagem clínica em relação à obesidade, uma vez que alguns médicos a tratavam como uma condição crônica urgente enquanto outros a consideram um problema comportamental (VARELLA, 2017).

¹² IMC = Peso em quilogramas divididos pelo resultado da multiplicação da altura em metros por ela mesma.

No manual diagnóstico de Classificação Internacional de Doenças (CID), publicado pela OMS, a obesidade está listada no CID10 referente às doenças endócrinas, nutricionais e metabólicas. No documento, entre as categorias E65 e E68, são descritas sete sub-categorias relacionadas à obesidade, são elas: adiposidade localizada, obesidade, obesidade devida a excesso de calorias, obesidade induzida por drogas, obesidade extrema com hipoventilação alveolar, outra obesidade e obesidade não especificada. Em nenhuma das categorias, contudo, a obesidade é identificada como uma doença suscetível de causar óbito.

No âmbito social, alçar a obesidade à categoria de doença produz diversos efeitos. Em primeiro lugar, aumenta o estigma e o preconceito em relação ao sujeito gordo. O imaginário da gordura relacionado à doença é anterior à resolução da AMA, porém, tal resolução alimenta e dá legitimidade a esse imaginário que, anteriormente, circulava apenas no domínio dos conhecimentos populares. A relação do sujeito obeso com empresas como segurados ou empresas nas quais esses sujeitos procuram uma colocação profissional também passa a ser afetada, uma vez que agora há uma justificativa para empregadores não contratarem sujeitos acima do peso, pois eles passam a ser considerados como portadores de uma condição patológica. A partir disso, é possível perceber o poder que o discurso médico exerce e a capacidade que ele tem de afetar a vida dos sujeitos em diferentes setores.

Tunes e Raad (2006) apontam que, com o surgimento da ciência moderna e expansão do modo industrial de produção, a medicina ocidental adquiriu a tarefa de “legislar e vigiar a vida”. Os problemas, em geral, que afligem os sujeitos passaram a ser condicionados pelos padrões do mercado e transformados em questões de ordem biológica. De acordo com os autores,

Essa prática promove a medicalização da vida, das emoções, dos comportamentos, da aprendizagem e das questões sociais. Estabelece regras sobre alimentação, higiene, sexo, exercícios físicos, vestuário, habitação e, inclusive, relações sociais. O discurso genérico aplicado pela medicina a qualquer pessoa baseia-se tanto na invariância biológica do homem como na invariância das relações sociais que presume existir e estabelecer com cada paciente. (p.2).

A medicina, além de desenvolver o estudo das doenças, também impõe definições de normalidade, que produzem evidências consideradas socialmente como verdades hegemônicas. Ao medicalizar e transformar tudo que foge à norma

em patológico, o discurso médico-clínico age como uma ferramenta de controle social. Todos os problemas que envolvem os corpos dos sujeitos, nessa perspectiva, passam a ser vistos como distúrbios, disfunções, patologias. Segundo Tunes e Raad (2006, p.2), “o que foge ao comum, ao conhecido e ao valorizado, o ‘diferente’, provoca estranheza, desconfiança e medo”. Assim, a medicina comanda e exerce domínio sobre a vida das pessoas por meio do consumo de medicamentos, técnicas e terapias legitimados por um racionalismo científico.

Dessa maneira, a figura do médico assume um lugar de poder, pois é ele quem detém o conhecimento científico para apontar as patologias que assombram o corpo; que conhece a natureza das doenças, suas características e diferenças; que determina o que é ou não normal em um corpo; e, principalmente, que tem as ferramentas capazes de curar ou aliviar os sintomas das doenças. Seu discurso, embasado em um conhecimento clínico legitimado socialmente, produz o efeito de verdade e credibilidade, pautado na ilusão da imparcialidade científica.

Nos interessa, nesse trabalho, compreender como esses modos de dizer e sentidos sobre o corpo gordo colocados em circulação pelo discurso médico-clínico afetam a forma como o sujeito gordo se subjetiva e as imagens que ele produz do seu corpo. Além do discurso da saúde sobre o corpo, temos o discurso da mídia, que se apoia no discurso da saúde para produzir estereótipos e colocar em circulação imaginários sobre o corpo gordo que afetam diretamente a forma como os sujeitos se subjetivam na atualidade. É desses discursos que trataremos a partir de agora.

2.2 O DISCURSO DA MÍDIA SOBRE O CORPO GORDO

Sempre tem alguém puxando assunto de dietas e te dando dicas maravilhosas de como ser magra e feliz. (Não tem cabimento 35)

Já faz algumas décadas que o corpo está em voga na grande mídia. Das revistas de moda às revistas de saúde, há um grande investimento em chamar a atenção das pessoas para tudo que envolve o corpo. Nos últimos tempos, cresceu consideravelmente o número de programas de televisão que tratam de questões relativas à saúde e bem-estar físico. Em geral, nesses programas, médicos, nutricionistas, psicólogos, especialistas em preparação física, dentre outros

profissionais do campo da saúde são chamados para explicar determinados fenômenos que envolvem o corpo, dar dicas de o que comer, alertar para hábitos nocivos à saúde física e mental, divulgar novas pesquisas e descobertas do universo científico, de maneira acessível a todos os públicos.

É importante destacar que, embora a mídia se apoie no discurso da saúde sobre o corpo para produzir um efeito de preocupação com a saúde pública, a ideia de corpo ideal, produzida e disseminada pelos meios de comunicação, nada tem a ver com o corpo saudável do discurso médico/clínico. O corpo perfeito proposto pela mídia tem como ideal padrões estritamente estéticos e, para alcançá-los, muitas vezes, são propostos mecanismos extremamente prejudiciais à saúde – regimes alimentares restritivos, modalidades de exercícios inadequadas, medicações perigosas, além de pressões psicológicas extremamente nocivas à saúde mental dos sujeitos.

Os meios de comunicação constroem e apresentam à sociedade um ideal de corpo que chamaremos aqui de *corpo perfeito*. Tal ideal pauta-se, de forma geral, numa estrutura corporal magra e com traços atléticos, pele e olhos claros, cabelos lisos, dentes brancos e bem alinhados, sem nenhuma marca de envelhecimento, manchas ou cicatrizes e com traços do rosto simétricos e proporcionais. O *corpo perfeito* da mídia é idealizado para ser inatingível, gerando uma insatisfação generalizada dos sujeitos com seus corpos e movimentando, assim, toda uma indústria de produtos e serviços que prometem auxiliar os sujeitos a modificar seus corpos em direção ao padrão pré-estabelecido.

Há no mercado hoje uma série de produtos, receitas e procedimentos que prometem ajudar a modificar o corpo para alcançar o padrão desejado. Desde intervenções cirúrgicas como lipoaspiração, implantação de próteses de silicone e *botox*, que utilizam a biotecnologia para alterar a forma corporal e atender aos interesses do mercado; passando por diferentes propostas de atividades físicas que prometem eliminar peso e modelar o corpo em pouco tempo (*crossfit*, ginástica localizada, dança aeróbica, etc.); até serviços de acompanhamento nutricional de *coachings* sem formação profissional adequada que vendem métodos restritivos de alimentação (dieta Dukan, dieta dos pontos, jejum intermitente, etc.) e asseguram resultados rápidos e efetivos. Há inúmeros produtos e serviços que têm por objetivo a modificação corporal estética, com diferentes valores, para que sujeitos de todos

os níveis socioeconômicos tenham acesso, reforçando, assim, o imaginário de que ter o *corpo perfeito* está ao alcance de todos, portanto, manter-se fora do padrão estético é uma escolha de cada um, e, por ser uma escolha, está passível de julgamento.

Para convencer os sujeitos a adotar o padrão de corpo perfeito e adentrar na busca incessante pelo corpo inatingível, a mídia utiliza diversas estratégias. A primeira delas é expor os sujeitos ao maior número possível de *corpos perfeitos*. Nas revistas, programas de tv, publicidades em geral, vemos sempre corpos que, na maioria das vezes, não são nem reais; a esmagadora maioria das imagens publicadas em revistas, especialmente quando se trata de corpos femininos, é retocada utilizando *photoshop* – pele e dentes clareados, retirada de marcas de envelhecimento, diminuição do volume do quadril, cintura, braços e pernas, além de diversas outras mudanças estéticas que aproximem ao máximo essas imagens corporais ao ideal de perfeição.

Outra estratégia utilizada pela mídia é relacionar a imagem do corpo ideal a sentimentos como felicidade, bem estar, autoestima. Nas novelas e propagandas comerciais, os sujeitos com o corpo perfeito estão sempre felizes, realizados, sendo paquerados, se divertindo, bem colocados profissionalmente ou utilizando sua aparência para abstrair algum tipo de benefício de outros. Dessa maneira os meios de comunicação conduzem o sujeito a pensar que, para ser feliz, desejado e bem sucedido, é preciso, necessariamente, ter um corpo que esteja de acordo com padrão pré-estabelecido.

Em contrapartida, a imagem corporal do gordo, a margem extrema do padrão de corpo perfeito, quando representada na mídia, é constantemente vinculada às situações negativas ou ridicularizada, servindo como fonte de riso e deboche. O corpo gordo só interessa à publicidade como o mau exemplo, o feio, o deforme, que precisa ser modificado com urgência. Um exemplo nítido e recorrente disso são as publicidades que utilizam a estratégia do antes e depois, seja do processo de emagrecimento ou da utilização de algum produto cosmético específico. Nessas publicidades, normalmente, o corpo gordo – relacionado à insatisfação, à angústia, à derrota – é exposto apenas em situação de contraste com o corpo magro – relacionado à satisfação, à beleza, à alegria, etc. – alimentando, assim, uma imagem

negativa em relação ao corpo gordo e reforçando o imaginário dos benefícios sociais que o corpo magro pode proporcionar aos sujeitos.

Outra situação em que o corpo gordo é representado midiaticamente é sob o estereótipo do “gordo cômico”, que compensa o fato de ter um corpo fora do padrão sendo “bem humorado” e satirizando seu próprio corpo e forma como é tratado pelos demais. São inúmeros os personagens que circulam na mídia em geral, cujo mote está no fato de serem gordos: podemos destacar, por exemplo, na televisão aberta, a *Doutora Lorca*, do programa *Zorra Total*, nutricionista obesa que discute o que as pessoas devem ou não comer dando conselhos “errados” de nutrição; no cinema, o clássico personagem *Professor Alopardo* que, cansado de ser ridicularizado por sua forma física, toma uma fórmula química que o deixa instantaneamente magro; nos quadrinhos, o personagem Garfield, gato gordo que só pensa em comer lasanha e não faz nada que exija algum esforço físico; entre outros inúmeros personagens cuja comicidade gira em torno do fato de serem gordos e as implicações disso em suas vidas.

Fischler (1995) denomina esses dois estereótipos que envolvem a retratação do sujeito gordo como a *ambivalência do gordo*. De um lado temos o gordo extrovertido, dotado para relações sociais, que sofre pela sua corpulência apenas em foro íntimo, sem deixar transparecer, pois esbanja bom humor e alegria nas interações diárias. De outro lado, temos o gordo doente ou depressivo, que só sucinta a reprovação, e é alvo de aversão.

Tanto o discurso da saúde quanto os discursos da mídia, dos quais tratamos até agora, são discursos dominantes na nossa formação social. Como o sujeito se subjetiva sempre em relação à ideologia dominante, esses sentidos postos em circulação por essas instituições são basilares para a constituição do imaginário que o sujeito gordo produz sobre si e sobre seu corpo. Além da mídia, precisamos dar destaque, ainda, para outro espaço no qual circulam diversos discursos sobre o corpo gordo e que, atualmente, é associado a um imaginário de democratização da informação e do espaço de fala: as redes sociais virtuais.

2.3 OS DISCURSOS DAS REDES SOCIAIS SOBRE O CORPO GORDO

Poxa, eu sou gorda sim, sou linda sim, sou poderosa sim e me amo assim mesmo GORDA .. (Não tem cabimento 44)

Até o final do século XX, os padrões corporais eram instituídos e circulavam através das mídias televisiva e impressa. A partir do século XXI, com a ampliação da conexão digital e a adesão em massa dos sujeitos às redes sociais virtuais, os discursos sobre o corpo passaram a ter um alcance muito maior. Ao acessar uma rede social como o Facebook ou o Instagram, somos expostos a inúmeras imagens de corpos, além de diferentes conteúdos que envolvem direta ou indiretamente a relação dos sujeitos com sua forma corporal.

Partindo do princípio de que as redes sociais virtuais possuem características específicas de funcionamento, antes de entrarmos propriamente nos discursos que nelas circulam, consideramos necessário compreender alguns aspectos importantes que singularizam esse espaço marcado por sua natureza virtual. Apresentaremos, então, alguns elementos da constituição desses espaços virtuais e, por consequência, para nossa pesquisa. São eles: o ciberespaço, as redes sociais virtuais e a forma como se dão as dinâmicas de interação nesses espaços.

As redes sociais virtuais, como sabemos, não atuam na realidade material da qual estamos acostumados, e sim em um outro espaço denominado *ciberespaço*. Sobre o ciberespaço, Lemos (2010, p. 128) destaca que

É concebido como um espaço transnacional onde o corpo é suspenso pela abolição do espaço e pelas *personas* que entram em jogo nos mais diversos meios de sociabilização [...] Assim sendo, o ciberespaço é um não lugar, uma *u-topia* onde devemos repensar a significação sensorial de nossa civilização baseada em informações digitais, coletivas e imediatas. Ele é um espaço imaginário, um enorme hipertexto planetário.

Lemos (2010, p.137) acrescenta, ainda, que o ciberespaço se constrói pela disseminação da informação, pelo fluxo de dados e pelas relações sociais criadas nesse complexo ecossistema no qual reina a interdependência entre o macrossistema tecnológico e o microssistema social, em outras palavras, entre a rede de máquinas interligadas e a dinâmica estabelecida pelos usuários dessa rede. Opondo-se a um sistema fechado, “o ciberespaço cria, pelas comunicações multidirecionais, pela circulação de espectros virtuais, um sistema complexo onde o

desenvolvimento do jogo comunicativo não pertence a uma entidade central, mas a este organismo-rede”. Podemos notar, assim, na prática das comunidades virtuais, “uma certa efervescência micropolítica, diária, dirigida aos problemas do dia a dia”.

Essas comunidades virtuais, de acordo com Rheingold (1995 apud RECUERO, 2011), podem ser consideradas agregados sociais, formados por redes de relações pessoais no ciberespaço. Para que essas comunidades efetivamente se constituam, é necessário que se combine uma série de elementos: é preciso que os sujeitos mantenham contato, via internet, por um período de tempo significativo, com certa recorrência, podendo, assim, levar adiante discussões, com suficientes sentimentos humanos. O autor aponta como possível causa do surgimento dessas comunidades um esforço dos sujeitos em estabelecer relações sociais, acentuado pelo aumento do uso de ferramentas de comunicação mediadas por computador, uma vez que essa modalidade de comunicação supera barreiras como a violência e a dificuldade em encontrar espaços físicos de interação social.

Dentre os espaços virtuais para que essas interações ocorram, temos os sites das chamadas Redes Sociais virtuais. As redes sociais, de acordo com Recuero (2011), são um conjunto de dois elementos: os atores e suas conexões. Os atores são as pessoas envolvidas na rede que, por meio de seus processos de interação, moldam as estruturas sociais. A autora destaca que, quando se trata de redes sociais na internet, os atores são constituídos diferenciadamente, já que, em função do distanciamento na interação social, eles não são imediatamente discerníveis. As conexões, por sua vez, são constituídas pelos laços sociais que os atores desenvolvem através da interação com outros atores.

Esses processos de interação mediados por computador possuem especificidades. Entre elas, Recuero (2010) aponta que a interpretação do contexto da interação precisa ser negociada, uma vez que não há pistas imediatas da linguagem não verbal. Outro fator relevante considerado pela autora é a influência das possibilidades de comunicação das ferramentas usadas pelos atores, já que as ferramentas disponíveis são muitas e permitem, em sua maioria, que a interação continue ocorrendo mesmo após o ator se desconectar do ciberespaço.

Tisseron (2013), ao tratar da questão da visibilidade nas novas redes sociais virtuais, elenca desejos que o autor considera parte da constituição subjetiva e que se manifestam nas formas de interação no espaço virtual. Tais desejos são divididos

em duas categorias: desejos que já existiam antes do advento das redes sociais virtuais e características que surgiram ou foram modificadas pelas novas redes sociais. Tratemos primeiro dos desejos já existentes.

Na primeira categoria temos cinco desejos: 1) o desejo de intimidade; 2) o desejo de extimidade¹³; 3) o desejo de não ser esquecido; 4) o desejo de controlar a distância das relações; 5) a valorização da experiência reflexiva. Todos esses desejos, de acordo com o autor, sempre existiram, embora tenham encontrado expressões diferentes segundo as possibilidades oferecidas em cada época. Na contemporaneidade, esses desejos são nutridos pelas redes sociais virtuais.

Além dos desejos já existentes, o autor elenca mais sete características que teriam surgido ou se acentuado com o advento das redes sociais virtuais, são elas: 1) a universalidade; 2) a intercambialidade dos interlocutores; 3) a provocação de interesse mais do que intenção de comunicar; 4) elogio do imediatismo; 5) valorização da oralidade; 6) o controle da intimidade; 7) a possibilidade de ter várias vidas ao mesmo tempo. Através dessas características, podemos perceber que os espaços virtuais criam não apenas novas dinâmicas relacionais, mas também atuam diretamente nas formas de subjetivação de seus usuários, especialmente no que diz respeito à autoestima e à imagem que os sujeitos produzem de si e do outro. Posto o pequeno resgate de elementos que constituem o funcionamento do ciberespaço e das redes sociais virtuais, passemos agora a discutir, efetivamente, os discursos sobre o corpo gordo que circulam nesses espaços.

Dentre os diferentes discursos que circulam, nas redes sociais virtuais, sobre o corpo gordo, focaremos, nessa seção, em discursos vinculados a dois movimentos: o primeiro que chamaremos de movimento *Fitness* – que engloba um conjunto de postagens, vídeos e memes¹⁴ que focam no trabalho corporal para alcançar um padrão magro/atlético através de exercícios físicos de diferentes naturezas e dietas alimentares restritivas. E, na contramão da tendência *Fitness*, o que chamaremos de movimento *Fat pride* – movimento de militância pela aceitação

¹³ Tisseron (2013) designa como extimidade o desejo que leva os sujeitos a mostrar certos aspectos de seu íntimo buscando a validação de outros sujeitos.

¹⁴ *Meme* é um termo bastante utilizado nos espaços virtuais para designar o fenômeno de viralização de uma informação ou ideia por meio de vídeos, imagens, recortes de músicas ou frases que se espalham e se popularizam rapidamente por meio do compartilhamento desse conteúdo por usuários das redes sociais virtuais.

e apreciação do corpo gordo, atuando, com grande força, nas redes sociais através de perfis e compartilhamento de vídeos que discutem a temática.

É comum encontrar nas redes sociais virtuais perfis e até comunidades de internautas que se organizam em torno da temática *fitness*. Esses sujeitos compartilham o que poderíamos chamar de hábitos ou planejamentos de vida que giram em torno do estabelecimento de metas e objetivos de modificação ou manutenção de uma forma corporal atlética. Esses sujeitos costumam, em seus perfis virtuais, compartilhar seus hábitos alimentares, planos de exercício, relatar seus objetivos de modificação corporal e comumente dar dicas de como emagrecer ou tonificar a musculatura.

Diferente dos hábitos naturais de boa parte da população que busca se exercitar diariamente, o que caracteriza o movimento *Fitness* é a obsessão por alcançar ou manter o padrão corporal. Nessas comunidades há um conjunto de pessoas que segue uma dieta extremamente restritiva e se exercita exaustivamente, todos os dias, mesmo que isso burle indicações médicas, tudo em prol de ter um corpo forte e atlético. Em decorrência disso, o estilo de vida *fitness* movimenta toda uma indústria de produtos que vão desde suplementos alimentares até vestimentas e acessórios para uso em academias.

Conhecer esse universo *fitness* é importante para nosso trabalho, porque esses perfis virtuais são responsáveis por colocar em circulação uma série de discursos negativos sobre o corpo gordo. O culto ao padrão corporal magro/atlético produz o que poderíamos chamar de uma aversão a qualquer grau de gordura corporal. Em consequência disso, é comum encontrarmos em postagens que circulam nessas comunidades discursos extremamente gordofóbicos. Expressões como *fazer gordice* (designando momentos em que os sujeitos burlam a dieta e comem alimentos com alto teor calórico), *porca gorda* (maneira como os sujeitos se referem a si mesmos quando ganham peso) e *alma gorda* (maneira como os sujeitos se referem aos seus sentimentos de descontrole ou compulsão alimentar), são alguns exemplos dos sentidos sobre o corpo gordo que são colocados em circulação por esses perfis.

Em oposição à ditadura da magreza, surgiu nos espaços virtuais o que chamaremos de movimento *Fat pride*. Esse movimento reúne uma série de blogueiros, vlogueiros e influenciadores digitais que buscam contribuir para a

desconstrução dos estereótipos relacionados ao corpo gordo. Tavares e Castro (2017) salientam que, assim como em outros movimentos ativistas (Feminismo, movimentos antirracismo, etc.), não é possível unificar as ideias e pautas que decorrem dos sujeitos envolvidos com o movimento *Fat pride*. Esse movimento engloba sujeitos de diversas classes sociais e que estabelecem diferentes relações com seus corpos. Dentre os sujeitos que se propõem a militar, nas redes sociais virtuais, pela causa da gordofobia, há gordos “sedentários, ativos, saudáveis, portadores de comorbidades ou não, com hábitos alimentares considerados saudáveis ou devoradores de *fast food*. Gordos que querem emagrecer, gordos que querem ser como são” (TAVARES; CASTRO, 2017, p. 98).

O que podemos destacar que produz um efeito de unidade a esse movimento com sujeitos tão diversos é a ideia de um *orgulho gordo* que, inclusive, dá nome ao movimento. As publicações nos perfis virtuais vão desde dicas de moda, beleza, comportamento, direcionadas para pessoas acima do peso, até vídeos e postagens mais específicos, denominados pelas blogueiras/vlogueiras de *body positive*, nos quais os leitores/espectadores são estimulados a adotar um olhar positivo em relação à sua imagem corporal.

Analisando atentamente os perfis virtuais *fat pride*, podemos perceber que, em geral, a reivindicação maior desses blogs e canais não é uma quebra completa dos paradigmas de beleza e saúde dominantes na formação social atual. Percebe-se que o foco está mais demarcado em tentar direcionar um novo olhar ao corpo gordo, sugerindo que esses corpos também podem ser considerados bonitos, atraentes, saudáveis. Há uma tentativa de desconstruir o imaginário do gordo como desleixado e preguiçoso, e propor um novo padrão, o *plus size* (TAVARES; CASTRO, 2017).

Há um processo de resistência partindo desses discursos *fat pride*, porém, apenas de modo parcial. Esses sujeitos continuam identificados com o discurso dominante capitalista da exploração da imagem corporal e saúde como ferramentas de domínio e poder. Entretanto, sua forma corporal é uma barreira para que se dê uma identificação plena, uma vez que a ideologia dominante impõe um corpo magro como parâmetro de beleza e saúde. Sendo assim, a proposta desses movimentos é repensar esses padrões e colocar em circulação outros imaginários sobre o corpo gordo.

Podemos perceber, ao longo das três seções que compõem esse capítulo, que a questão do capital, isto é, da mercantilização da relação dos sujeitos com seus corpos, atravessa as relações de poder e os processos discursivos que envolvem o corpo na formação social atual. Em relação ao discurso da saúde, legitimado pelo efeito de uma imparcialidade científica, podemos pensar em todas as implicações políticas e econômicas que envolvem colocar em circulação imaginários de “corpo saudável” e “corpo normal”. Empresas investem massivamente recursos financeiros em pesquisas científicas que possam validar a exploração industrial de medicamentos e serviços relativos ao chamado “cuidado com o corpo e bem-estar”.

A mídia, por sua vez, se coloca como um dos principais meios de exploração da relação sujeito/corpo. Através do imaginário de corpo perfeito, interpela os sujeitos a desejar um corpo específico que, de acordo com os comerciais veiculados, só é possível obter através da aquisição de produtos e serviços. Por fim, os movimentos que surgiram com o advento da internet, como vimos, não fazem muito além de produzir nichos específicos para a “indústria do corpo”, movimentando o processo de mercantilização das relações em questão.

Nessa seção, buscamos reunir uma gama de formas de pensar o corpo e sentidos – dos dominantes aos dominados – que circulam, na formação social contemporânea, sobre o corpo gordo. A partir de agora, apresentaremos nosso gesto de análise.

CAPÍTULO 3

DESCRIÇÃO E INTERPRETAÇÃO DO ARQUIVO

No prefácio de *A inquietação do discurso*, Orlandi (2017, p. 10) acentua, ao falar da AD, que se trata de uma ciência na qual a análise precede a própria teoria, uma vez que o primeiro gesto do analista é, justamente, a escolha do objeto de análise e é nesse processo, então, que a teoria “vai-se impondo”. Não há uma metodologia pronta que sirva de instrumento para o analista e que se adapte a todo discurso. Analisar um discurso pela perspectiva pècheuxtiana exige do analista a construção de um dispositivo de interpretação, que se vai constituindo em uma relação dialética entre análise do objeto e teoria.

A primeira seção desse capítulo tem o objetivo de apresentar esse processo – da constituição de um dispositivo de interpretação – começando pelo arquivo até a construção de um corpus discursivo. Em seguida, na segunda seção, são expostos os elementos que levaram à configuração das formações discursivas que serviram de base para o processo de análise. São elas: a Formação Discursiva *do corpo perfeito* e a Formação Discursiva *da saúde*. A terceira seção é dedicada às análises das sequências recortadas do *corpus*, organizadas em dois grupos, a saber, o discurso relatado e a negação. Por fim, a última seção apresenta um gesto de interpretação sobre a relação entre corpo e subjetividade no discurso dos sujeitos gordos.

3.1 DO ARQUIVO AO CORPUS DISCURSIVO

Arquivo, em AD, é compreendido “em sentido amplo como campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão” (PÊCHEUX, 2014d [1982], p. 59). Tal noção não está relacionada, necessariamente, a um conjunto de documentos físicos, ordenados e guardados por alguém ou alguma instituição. Podemos pensar o arquivo, também, como zonas de memória, espaços de dizer, regiões de já-ditos, em que os discursos, através do trabalho da memória, entram em relação de confronto uns com os outros.

De acordo com Guilhaumou e Maldidier (2014), em AD, quando nos referimos ao arquivo, tratamos, na verdade, da materialidade do arquivo que impõe sua

própria lei à descrição. Em outras palavras, pensar o arquivo em sua existência material implica pensar que cada analista, ao se deparar com o arquivo, o recortará de uma maneira diferente, uma vez que, por sua opacidade constitutiva, “um mesmo arquivo nunca é o mesmo” (DIAS, 2015, p. 973).

Pêcheux (2014d, [1982]) reflete sobre a relação entre arquivo e leitura e aponta duas vertentes de leitura do arquivo distintas, mas que mantêm uma relação entre si. Invertendo a ordem que o autor apresenta, começaremos pela segunda vertente que trata do trabalho anônimo, por meio do qual os aparelhos de poder de nossa sociedade gerem a memória coletiva, desenvolvendo “métodos de tratamento de massa” do arquivo textual, supondo torná-los facilmente comunicáveis, transmissíveis e reproduzíveis. O autor aponta que é dessa necessidade de gestão administrativa dos documentos textuais, com fins estatais ou comerciais, que surge a primeira onda de desenvolvimento informático das décadas de 1950 e 1970, assim como os projetos científicos que buscam a construção de línguas artificiais.

Na contramão dessa primeira forma de tratamento do arquivo, Pêcheux (2014d [1982] p. 59) aponta a existência de gestos de leitura diferenciais e contraditórios na constituição do arquivo. O autor propõe, então, a construção de “*um espaço polêmico das maneiras de ler*, uma descrição do ‘trabalho do arquivo enquanto relação do arquivo com ele-mesmo, em uma série de conjunturas, trabalho da memória histórica em perpétuo confronto consigo mesma’”.

Embora Pêcheux, ao pensar sobre a noção de arquivo, tenha já nos indicado algumas questões sobre a relação com a informática, a maior parte de suas reflexões tomam como base o arquivo histórico. Com a expansão digital, portanto, a questão do arquivo precisa ser repensada. Como pensar a noção de arquivo articulada aos milhares de discursos produzidos a cada minuto no ciberespaço? Como trabalhar com o arquivo e a constituição do corpus a partir de uma materialidade digital?

Paveau (2014 apud Dias, 2018) elabora cinco características do arquivo digital que nos ajudam a responder essas questões: i) *Temporalidade*: O tempo no espaço digital não obedece a uma cronologia, sendo assim, o arquivo digital é sempre atual, pois ele se atualiza a cada acesso; ii) *Instabilidade*: a mutabilidade faz parte do modo de circulação dos arquivos digitais, é comum, com o tempo, os arquivos sofrerem atualizações ou ficarem indisponíveis; iii) *Heterogeneidade*: na

internet, lidamos com uma infinidade de textos e paráfrases desses textos em diferentes linguagens; iv) *Autoria*: muitas vezes é difícil recuperar a autoria de um texto, pois são publicados de forma anônima. Mesmo os textos assinados, em geral, podem ter sido adulterados tornando a legitimidade questionável; e v) *Leitura dispersiva*: a leitura do arquivo no espaço digital não obedece, muitas vezes, uma linearidade. É necessário levar em consideração a dispersão constitutiva dessa natureza de arquivo.

Pensando nessas características do espaço digital e as relacionando aos conceitos da AD, Dias (2018) propõe algumas distinções interessantes, dentre elas, a distinção entre a memória discursiva e a memória metálica¹⁵. A memória discursiva, conceito importante do arcabouço teórico da AD, é concebida por Pêcheux (2015 [1983], p.46) como:

[...] aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os “implícitos” (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível.

A memória metálica, por sua vez, é produzida a partir dos dispositivos multimídia e é caracterizada por um efeito de memória infalível, instaurando um regime de não-esquecimento, através de gestos como deletar/recuperar. Outra característica importante da memória metálica é sua desvinculação com instituições (públicas ou privadas) e sua aproximação com corporações como o Google ou Facebook. Por meio de algoritmos e *softwares* essas corporações regulam “a relação com a memória, com o arquivo e com a leitura” (DIAS, 2018, p. 69).

Para Orlandi (2004), a memória metálica se relaciona com a noção de arquivo no sentido de acumular dados¹⁶. Através dos cookies, por exemplo, são coletados e armazenados todos os tipos de dados dos sujeitos/usuários. Essa memória produzida pelas máquinas “é um dizer presentificado continuamente que funciona como se fosse uma memória, quando na verdade, ele não é uma memória, ele é o

¹⁵ O conceito de memória metálica foi definido por Orlandi (2004), na obra “Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico”, com o objetivo de teorizar sobre o funcionamento das tecnologias de linguagem a partir do uso do computador e da internet.

¹⁶ Acreditamos que seria importante repensar, a partir das condições de produção atuais, a noção de memória metálica, em especial a ideia de que sua principal característica seria o “acúmulo de dados”, uma vez que a linguagem informática tem evoluído de tal modo que novas possibilidades de articulação podem vir a ser pensadas.

dizer repetidamente re-atualizado” (DIAS, 2018, p. 76), diferente da memória discursiva que se constitui pelo esquecimento.

Compreender o funcionamento dessa memória metálica torna-se importante porque ela rege a circulação dos discursos nos espaços virtuais, produzindo efeitos na constituição dos sujeitos e dos sentidos. Dias (2018, p. 77) aponta que os processos de identificação, nesses espaços virtuais, ocorrem a partir de uma infinidade de modos automatizados. A máquina, com sua linguagem artificial, “prevê o que o sujeito pode fazer, o que o sujeito é, o que o sujeito sente”, uma vez que pode fazer uma infinidade de combinações com os dados armazenados por sua memória metálica, produzindo, assim, “um jogo de afetos algoritmizados. Linearidade lógico-sequencial do eu. A coerência robótica do sujeito”.

As reflexões resgatadas sobre a noção de arquivo e sua relação com os espaços digitais são importantes porque o arquivo que compõe nossa pesquisa foi organizado por um perfil digital de nome Mulher Gorda¹⁷, gerido por uma blogueira que não se identifica, através de um projeto intitulado *Não tem cabimento*, que visa reunir relatos de sujeitos que passaram por algum episódio de gordofobia em seu dia-a-dia. Foram reunidos, pelo projeto, cinquenta e quatro relatos e publicados na rede social Tumblr. Devido à natureza do arquivo, as informações que temos sobre sua constituição são limitadas. Não sabemos, por exemplo, quem são os autores dos relatos, as datas em que foram enviados, nem se houve algum tipo de edição nos relatos para a constituição do arquivo pelo projeto. Partiremos, agora, das informações que conseguimos resgatar para apresentar nosso arquivo e discutir um pouco de sua constituição.

Começamos, então, pelo funcionamento da plataforma na qual foram publicados os relatos. O Tumblr é uma rede social virtual desenvolvida por David Karp, em 2007, que funciona através de uma plataforma de blog, com sistema de *timeline* similar ao Twitter. A rede social pertence, desde 2013, à Yahoo e conta com cerca de 456 milhões de blogs¹⁸. É possível acessar a plataforma através do site, ou ainda, por meio de aplicativos disponíveis para os sistemas iOS e Android.

¹⁷ Tanto o nome do projeto quanto a natureza da autoria dos relatos nos levam a refletir sobre a importância de considerar o atravessamento de questões de gênero nos processos discursivos em questão. Nesse trabalho, contudo, não teremos espaço para estreitar relações teóricas entre as questões discursivas e de gênero. Buscaremos, em trabalhos posteriores, desenvolver esse aspecto.

¹⁸ Dados de janeiro de 2019.

A plataforma permite que os usuários criem uma página pessoal e publiquem conteúdos em diversos formatos – texto, áudio, vídeo, imagem, etc. Através do Tumblr, também é possível seguir o perfil de outros usuários e receber informações sobre esses perfis em um *feed de notícias*, similar a outras redes sociais como o Facebook. Também é possível o compartilhamento de conteúdos através da função *reblog*. Dessa maneira, é possível postar novamente uma publicação de outro usuário. Além disso, assim como em outras redes sociais virtuais, há a possibilidade de favoritar a postagem de algum usuário, o chamado *like*, que no Tumblr é simbolizado pela figura de um coração.

Outro recurso utilizado pelo Tumblr é o sistema de *tags*, que consiste em uma ferramenta para organização e categorização de conteúdos do blog, através de palavras-chave ou assuntos que caracterizem as postagens, com a finalidade de facilitar ao leitor o acesso ao conteúdo desejado. No Tumblr, através do botão *Explore Tumblr*, é possível ter acesso às tags mais populares do site no momento. Também é possível ter acesso, em tempo real, às postagens de maior atividade, ou seja, as mais comentadas e reblogadas. Há, ainda, a possibilidade de o usuário seguir uma determinada *tag*, se mantendo, assim, atualizado de todas as postagens referentes à *tag* seguida.

Através dessa breve explanação, podemos perceber que o Tumblr reúne, em uma única plataforma, a funcionalidade comum aos já ultrapassados blogs, com ferramentas semelhantes às redes sociais virtuais mais contemporâneas. Assim, através dessa plataforma, os usuários têm a possibilidade de criar uma página mais personalizada, com formatos mais maleáveis do que o Facebook, por exemplo, e sem um número restrito de caracteres como é o caso do Twitter. E, ao mesmo tempo, dispõe de ferramentas como *curtir* e *compartilhar*, que tornam a experiência mais dinâmica, facilitando o processo de interação entre os usuários e possibilitando uma maior visibilidade às postagens.

O projeto, idealizado e desenvolvido pela blogueira Mulher Gorda, tem como objetivo reunir relatos de sujeitos que passaram por algum episódio de gordofobia. Ele é divulgado nas redes sociais virtuais da idealizadora – Facebook e Instagram – e publicado em seu blog na rede social virtual Tumblr. A maior parte dos relatos é anônima, com exceção de alguns em que os autores se identificam ao longo do texto. Cada um dos relatos recebe como título *Não tem cabimento* seguido de uma

hashtag com o número do relato referente à sequência em que ele é publicado no blog. Abaixo, temos a imagem da página de apresentação do projeto:

Figura 1: Página do Tumblr do projeto Não tem Cabimento¹⁹



Podemos perceber, no texto acima, o qual apresenta o projeto para os leitores do blog, uma reiteração no propósito de o projeto não estar relacionado com questões estéticas. Essa informação é colocada através de três enunciados: i) “o diferencial deste projeto é que ele não é sobre estética”; ii) “é um projeto idealizado como “resposta” a ideia de que a gordofobia é um braço auxiliar da pressão estética”; e iii) “conta algum caso de gordofobia que aconteceu com você e que não foi estético”. Através desses enunciados, podemos depreender algumas questões interessantes sobre a proposta do projeto. Primeiramente, a autora assume um distanciamento do seu projeto com outros que também tratam da mesma temática. É colocada como foco a questão de as relações estéticas não serem o ponto central das discussões que o *Não Tem Cabimento* pretende levantar.

¹⁹ A figura 1 é uma captura de tela, produzida por nós, da página do blog do projeto Não tem Cabimento. Disponível em: < <https://mulhergorda.tumblr.com/submit>>.

Se recuperarmos algumas informações já apresentadas sobre os discursos que circulam na internet com foco no corpo gordo, podemos inferir que a blogueira se refere, nesses enunciados, a um conjunto de perfis virtuais, denominados *plus size*, que discutem, justamente, questões relativas à estética voltadas a sujeitos gordos. Nesses perfis é muito comum serem levantadas discussões sobre gordofobia de forma a diminuir a questão a relações puramente estéticas. É proposta, então, como saída para contornar o preconceito em relação ao corpo gordo, a construção de uma nova estética voltada, agora, ao corpo gordo. São muito comuns, nesses perfis, dicas de moda, maquiagem, acessórios que tomam o corpo gordo como padrão.

Nos parece, então, que, ao marcar um distanciamento entre seu projeto e os outros que circulam nas redes sociais vinculados à modalidade *plus size*, a blogueira Mulher Gorda busca, na verdade, se contrapor à ideia de que a gordofobia se resume apenas a questões estéticas, isto é, à aceitação ou não do corpo gordo dentro dos parâmetros de beleza pré-estabelecidos. Chegamos, então, à nossa segunda observação. Ao marcar sua resistência à forma como a gordofobia vem sendo discutida, a blogueira assume a possibilidade de haver casos de gordofobia completamente desvinculados de questões estéticas, como podemos perceber no enunciado iii, no qual é solicitado, aos participantes do projeto, a inscrição de relatos que não estejam ligados a questões estéticas.

Pensando pelo viés da AD, acreditamos que não seja possível estabelecer essa separação tão rígida como a blogueira propõe entre situações que sejam de ordem estética e outras que não tenham relação com essa temática. Como já mencionamos, o discurso do corpo perfeito – que estabelece rígidos padrões estéticos aos corpos dos sujeitos – é o discurso dominante na nossa formação social atual. Toda forma de subjetivação, portanto, está relacionada de alguma maneira – seja por identificação, contraidentificação ou desidentificação – com a FD dominante. A relação entre questões estéticas, de saúde e posições militantes em relação à apreciação de diferentes configurações corporais é muito mais complexa e não nos permite estabelecer a separação proposta pela blogueira. É possível sim, contudo, identificar elementos de outras ordens além da estética, que atravessam o discurso do sujeito gordo, como buscaremos apresentar nas análises.

Cabe destacar ainda que, através da proposta do *Não Tem Cabimento*, a blogueira busca transformar sua página pessoal em um espaço de desabafo e, ao mesmo tempo, de militância para pessoas que sofrem diariamente com a gordofobia. Dentre os diferentes tipos de preconceitos produzidos na nossa formação social, a gordofobia costuma ser um dos menos debatidos. Pelo imaginário difundido de que *só é gordo quem quer* e de que *a gordura é resultado, apenas, do excesso de comida ingerida*, a gordofobia nem é considerada, por muitas pessoas, como uma forma de preconceito e discriminação, uma vez que o sujeito gordo, e somente ele, é considerado responsável pelo seu estado corporal e, portanto, não pode ser vítima em nenhuma situação.

Em função da forma como a nossa formação social concebe a obesidade e os sentidos que dá à gordofobia, o sujeito gordo é, normalmente, silenciado. São poucos os espaços sociais nos quais essa temática é debatida e esses sujeitos se sentem confortáveis para falar sobre a relação que estabelecem com seu corpo e sobre as violências que sofrem diariamente. Projetos como o *Não tem cabimento* utilizam os espaços virtuais para dar voz a esses sujeitos que sofrem em silêncio. Abaixo temos recortes de relatos publicados no Tumblr do projeto que nos permitem refletir sobre a forma como esses sujeitos se relacionam e interagem com o projeto.

Boa tarde! Tenho visto as postagens do "NÃO TEM CABIMENTO" e me identifiquei muito com a maioria das histórias de vida. [...]

[...] pode colocar meu nome, viu? eu queria desabafar mesmo, e a página de vcs é linda. obrigada.

Esta página é realmente incrível.. me identifico com algumas histórias e vejo que não sou a única a sofrer por isso. [...]

Quadro 1: Recortes de Relatos do projeto Não Tem Cabimento

Embora os relatos, em sua maioria, sejam anônimos e passem pelo crivo de alguém que os reúne e posta na página, podemos perceber que há um processo de interação entre esses sujeitos, que têm como ponto em comum o sofrimento pelo preconceito que sofrem em relação à sua configuração corporal. Através dos relatos, esses sujeitos compartilham seu sofrimento e, ao mesmo tempo, se ajudam a lidar com ele. Não podemos, portanto, tratar esses relatos de forma isolada, já que eles

estão intimamente ligados; cada relato produzido é motivado pelos relatos já publicados na página.

Partindo disso, apresentaremos, agora, os critérios utilizados para recorte do arquivo chegando, assim, ao *corpus* da nossa pesquisa. Começando pela noção de *corpus*, no remetemos a Courtine (2014, p. 54) para quem a constituição do *corpus* é uma operação “que consiste em realizar, por meio de um dispositivo material de uma certa forma (isto é, estruturado conforme um certo plano), hipóteses emitidas na definição dos objetos de pesquisa”. O autor aponta, ainda, que a constituição do *corpus* discursivo está diretamente relacionada às noções de Condições de Produção, Memória e Formação Discursiva, uma vez que é através da relação entre tais conceitos que podemos estabelecer nossos gestos de interpretação e perceber as operações de repetição e apagamento nos discursos analisados.

É importante destacar que a constituição do *corpus* segue critérios teóricos e não empíricos, ou seja, não é o conjunto de discursos, em sua natureza empírica, que determina o *corpus* da pesquisa e, sim, o atravessamento do olhar do analista que, ao produzir questões ao objeto de estudo, seleciona o que faz ou não parte do *corpus*. O *corpus* pode ser considerado, dessa maneira, como “um conjunto de formulações produzido pelo próprio processo de interpretação do discurso, no confronto com o arquivo” (DIAS, 2015, p. 972).

Dos cinquenta e quatro relatos presentes no arquivo, selecionamos quatro²⁰ para compor nosso *corpus*. No processo de observação do *corpus*, seguimos os critérios metodológicos propostos por Ernst (2009), os quais se apoiam em três conceitos-chave: a falta, o excesso e o estranhamento. A autora chegou a esses três conceitos através de um processo de pesquisa dos critérios utilizados por analistas em seu processo de observação da materialidade em análise. É importante destacar que tais conceitos não devem ser tomados como dispositivos técnicos formais, ao contrário, eles funcionam como princípios gerais para a identificação de elementos a partir dos quais poderão se desenvolver os procedimentos de análise. Passemos à explicação de cada um deles.

Conforme a autora, a *falta*, que pode ocorrer tanto no nível intradiscursivo como interdiscursivo, constitui-se em um vazio, um lugar de obscuridade que pode ter como objetivo encobrir pressupostos ideológicos. O *excesso*, por sua vez,

²⁰ Os quatro depoimentos analisados constam em anexo.

caracteriza-se pelo uso demasiado de determinados elementos discursivos, com vistas, em geral, de estabelecer a relevância de certos saberes de uma FD através da repetição. Por fim, o *estranhamento* expõe o conflito entre FDs, marcando uma desordem no enunciado através da apresentação de elementos intra e interdiscursivos que advém de outro lugar discursivo, mas incidem na cadeia significativa.

Buscando estabelecer algumas regularidades linguísticas que pudessem servir como base para a seleção dos relatos, nos deparamos com o excesso de diversos elementos linguísticos. Dentre eles, destacamos: o excesso de discurso relatado, o excesso de sentenças negativas, o uso de sentenças grafadas em caixa alta e o uso recorrente de pontos de exclamação, o uso excessivo de advérbios de intensidade e expressões que produzem efeito de intensificação.

Ao longo da próxima seção, então, buscaremos, através da análise de algumas sequências discursivas, compreender o funcionamento dessas marcas linguísticas apontadas, relacionando-as ao processo de subjetivação dos sujeitos gordos.

3.2 A CONFIGURAÇÃO DAS FORMAÇÕES DISCURSIVAS

Como já mencionamos, a condição para a subjetividade é a interpelação ideológica. Nas palavras de Pêcheux e Fuchs (2014 [1975], p. 162),

A modalidade particular do funcionamento da instância ideológica quanto à reprodução das relações de produção consiste no que se convencionou chamar *interpelação*, ou o assujeitamento do sujeito como sujeito ideológico, de tal modo que cada um seja *conduzido*, sem se dar conta, e tendo a impressão de estar exercendo sua livre vontade, a *ocupar o seu lugar* em uma ou outra das duas classes antagonistas do modo de produção (ou naquela categoria, camada ou fração de classe ligada a uma delas).

De acordo com os autores, o processo de interpelação ideológica se dá por um complexo conjunto de formações ideológicas (FI), que representam no plano discursivo os Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE), e desempenham um papel fundamental na reprodução e na transformação das condições de produção na luta de classes. Cada FI comporta, necessariamente, “como um de seus componentes, uma ou várias formações discursivas interligadas que determinam o que pode e

deve ser dito [...] numa certa relação de lugares no interior de um aparelho ideológico” (PÊCHEUX; FUCHS, 2014 [1975], p. 1964). Para elucidar melhor essas relações (entre AIE, FI e FD), os autores, em seu texto, elaboram um exemplo utilizando a FI religiosa. Devido à natureza dos discursos analisados em nosso trabalho, buscaremos parafrasear esse exemplo utilizando a FI midiática.

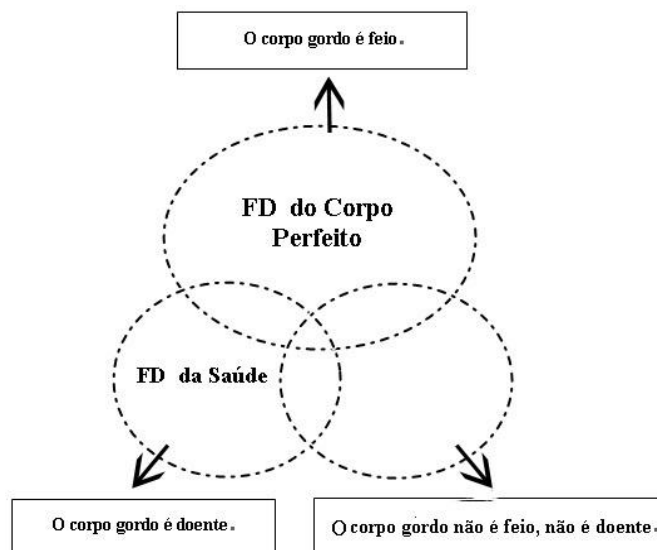
Assim, a FI midiática constitui, no modo de produção capitalista, a forma da ideologia dominante. Ela realiza a “interpelação dos indivíduos em sujeitos” através do AIE midiático, que é “especializado” na relação dos sujeitos com a informação, o entretenimento e o consumo (na forma específica dos noticiários, novelas, propagandas, etc.), que, sob a figura dos meios de comunicação, intervém na produção econômica, portanto, no próprio interior das relações de produção capitalistas. Na realização dessas relações ideológicas, diversas FDs intervêm enquanto componentes, combinadas cada vez em formas específicas; por exemplo, de um lado o culto à aparência física sob a forma do corpo magro, reproduzido em programas de televisão, propagandas e vídeos que circulam na internet; de outro lado, o culto à aparência física sob a forma do corpo gordo, disseminado em programas de televisão e vídeos na internet relacionados ao movimento *plus size*. Logo, temos duas formações discursivas, a segunda subordinada à primeira, de modo que “se trata, ao mesmo tempo, das mesmas ‘coisas’ mas sob formas diferentes e também de ‘coisas’ diferentes” (PÊCHEUX; FUCHS, 2014 [1975], p. 1965).

Dessa maneira, a interpelação ideológica se dá pelo processo de identificação do sujeito com os dizeres de uma FD, que representam um recorte de uma FI. Os saberes de uma FD, por sua vez, são regulados pela *forma-sujeito* “que organiza o que pode ou não ser dito no âmbito da Formação Discursiva”. É importante destacar que a FD não pode ser concebida como um bloco homogêneo de discursos. Como postulou Pêcheux “não há ritual sem falhas”; isso implica, para a noção de FD, de acordo com Indursky (2011): i) a entrada de novos saberes, antes alheios ao domínio de saber da FD, que produzem a transformação/reconfiguração de uma FD; e ii) a fragmentação da própria forma-sujeito e instauração de novas posições-sujeito que trazem para o interior da FD saberes que poderiam, antes, ser interditados. Vinhas (2014, p. 134) aponta que, nesse sentido, “tanto a alienação

quanto a separação são necessárias para que o sujeito não fique preso a um processo sem fim de reprodução de discursos”.

Passando, então, às FDs²¹ que serão mobilizadas em nosso trabalho, são duas aquelas consideradas principais, nas quais nosso processo de análise se embasará. São elas: a FD vinculada ao discurso estético sobre o corpo, que organiza os saberes disseminados pela FI midiática, que nomearemos aqui de *FD do corpo perfeito*, e a FD vinculada ao discurso da saúde sobre o corpo, que organiza os saberes da FI científica, que nomearemos de *FD da saúde*. Salientamos, mais uma vez, que não compreendemos que a interpelação ideológica se dê de forma plena e apenas por uma FD. É a relação de disputa pelos sentidos entre as FDs e as diferentes posições-sujeito em relação de dominância e contradição que nos interessa compreender em nosso trabalho. No esquema abaixo é possível visualizar as FDs que configuramos:

Figura 2: Esquema das Formações Discursivas²²



Fonte: produzida pela autora

²¹ Consideramos importante destacar que as FDs não se dão a priori do processo de análise, elas são configuradas pelo analista no processo de construção de seu dispositivo de análise, partindo, assim, de um gesto de interpretação.

²² Para a organização do esquema das FDs apresentado na Figura 2, nos inspiramos em Bressan (2017). Em seu trabalho sobre o discurso das anoréxicas, a autora apresenta um quadro similar para ilustrar o modo como se articulam as FDs e as posições-sujeito configuradas em sua pesquisa. Devido aos vários pontos de proximidade entre o trabalho de Bressan e o nosso, consideramos importante, também, trazer para a discussão, a configuração de FDs propostas pela autora; em seu trabalho, foram configuradas três FDs: A *FD da magreza inatingível*, considerada pela autora como a FD dominante, a *FD do suposto padrão de beleza* e a *FD da medicina*.

O processo de subjetivação não pode ser compreendido desvinculado da prática discursiva, uma vez que a ideologia possui existência material. Sendo assim, configuramos essas FDs partindo de uma análise prévia dos relatos que compõem nosso *corpus*. Duas questões são fundantes no discurso do sujeito gordo: a relação com a saúde e a relação com a estética. Essas duas relações deram origem às duas FDs configuradas: a FD do corpo perfeito e a FD da saúde.

A FD do corpo perfeito se configura em torno do enunciado *o corpo gordo é feio*. Como vimos na seção 2.1.2, nossa formação social é marcada pelo discurso capitalista do culto ao corpo. O corpo é tomado como um objeto a ser moldado pelo sujeito que é interpelado a sentir-se sempre insatisfeito com sua forma corporal e estar sempre em busca de alcançar um ideal imaginário de corpo perfeito produzido e disseminado pelas mídias. A FD do corpo perfeito, então, reúne esses saberes vinculados a uma visão estética do corpo que, ao estipular o magro como padrão, marginaliza o corpo gordo, produzindo a evidência de que o corpo gordo é feio e, portanto, deve ser modificado, escondido, negado.

A partir dessa FD são colocados em circulação sentidos que alimentam o processo de mercantilização da relação dos sujeitos com seus corpos. Os sujeitos interpelados por essa FD estão em constante conflito com sua imagem corporal. Pelo fato de o ideal de corpo perfeito ter sido concebido justamente para ser inatingível, mobilizando, assim, toda uma indústria de produtos e serviços de cuidados corporais, o sujeito jamais consegue sentir-se satisfeito com seu corpo. No caso do sujeito gordo, a angústia em relação ao corpo se acentua, uma vez que sua forma corporal está à margem extrema da imagem idealizada.

Consideraremos os movimentos *Fitness* e *Plus size*, anteriormente citados, como posições-sujeito no interior da *FD do corpo perfeito*. Ambos os movimentos, na nossa leitura, contribuem para o processo de mercantilização dos corpos. O movimento *fitness* colocando em circulação um ideal de corpo atlético que movimenta toda uma indústria de produtos e serviços para modificação corporal, e o movimento *PS* através da exploração de um mercado exclusivo para sujeitos gordos.

Como uma parte da literatura produzida sobre o movimento *Plus size* o considera como uma quebra de paradigmas, acreditamos ser importante expor mais claramente porque consideraremos o *PS* como uma posição-sujeito no interior da

FD dominante e não como uma outra FD. Um ponto essencial é o fato de que o *PS* também propõe padrões corporais. Como lembra Sant'anna (2014, p.183), não é todo corpo gordo que se encaixa nos padrões ditados pelo *PS*: “é preciso cuidar da pele, dos cabelos e realizar certa distribuição julgada socialmente harmoniosa do peso entre as várias partes do corpo”. As modelos *PS*, em geral, têm o quadril largo, a cintura fina e a barriga reta. Nas fotos de campanhas de moda, as marcas de gordura excedentes, celulites e estrias são apagadas através de ferramentas como o *Photoshop*. A ferramenta também é utilizada para afinar bochechas e nariz, retirar a chamada “papada” no pescoço e tornar mais acentuadas as curvas dos corpos exibidos.

Há, ainda, uma questão de classe que precisa ser levada em consideração, no que se refere ao movimento *Plus size*. Não há um número muito grande de marcas de roupa *PS* no mercado nacional, tornando o custo das peças muito alto, por se tratar ou de roupas exclusivas ou de roupas importadas. Mesmo nas lojas de departamento que dispõem de seções *PS*, as peças costumam ser até 30% mais caras do que as mesmas peças em tamanho convencional. Isso aponta para um recorte de classe. A moda *PS* que se popularizou pelo mote de que é preciso contemplar todas as pessoas, na verdade, se destina para um público muito específico: pessoas gordas com poder aquisitivo suficiente para pagar pela satisfação de ter a roupa desejada (da moda) no tamanho do seu corpo.

Sobre essa questão, Souza e Neckel (2017, p. 172) atentam para o fato de que o *PS* surge, na década de 1970, acompanhando o aumento do poder de compra da população, e teve como consequência o aumento, também, das medidas corporais dos sujeitos. Assim, ainda que corpos com medidas maiores tenham ganho espaço no mundo da moda, “não é qualquer um que está presente no mundo da moda, mas sim um corpo tamanho grande, com poder aquisitivo, isto é, um corpo/sujeito que compra, que consome e que, para tanto, precisa ser desejado”.

Assim, se a *FD do corpo perfeito* produz sentidos que alimentam o processo de mercantilização da relação do sujeito com o corpo, o *PS* surge como uma posição sujeito que se constitui pela inserção do sujeito gordo nesse processo mercantil que, até o momento era negado a ele. Se não é qualquer corpo gordo que pode ser considerado *PS*, como vimos, não há, portanto, desconstrução do paradigma do corpo padrão e, sim, uma reformulação desse paradigma, pois a ideia

do corpo perfeito se mantém, mesmo que de uma forma mais relativizada, incluindo alguns corpos antes considerados inaceitáveis.

A FD da saúde, por sua vez, configura-se em torno do enunciado *o corpo gordo é doente*. Nessa FD, o corpo é concebido como organismo biológico que possui regras próprias de funcionamento e pode/deve sofrer intervenções cirúrgicas e farmacológicas para potencialização de suas funções. Essa FD reúne saberes de ordem científica sobre o corpo e considera o excesso de gordura corporal como uma patologia, que deve ser tratada e eliminada.

Os saberes que envolvem essa FD são importantes porque, em nossa formação social, o discurso científico, especialmente quando enunciado do lugar discursivo do médico ou outro profissional da saúde, produz um efeito de legitimidade, sendo considerado por grande parte dos sujeitos como algo inquestionável, já que esses discursos se fundam na ilusão da neutralidade.

Conforme Cassana (2018), os discursos produzidos a partir de uma formação discursiva médico-científica²³ buscam dominar os discursos produzidos sobre os corpos e estabelecer formas corretas de como os corpos devem ser, determinando o que é considerado normal ou não. Por se constituir com base em uma lógica científica que produz o efeito absoluto de verdade, os saberes produzidos pela FD da saúde ultrapassam os limites da FD e se naturalizam como sentidos sempre-já-lá²⁴.

Como já mencionamos, as FDs estão sempre em relação de disputa pelos sentidos e, nessa disputa, há sempre uma FD dominante em relação às outras. É importante destacar que a FD dominante não é a que interpela o maior número de sujeitos e sim a que, na conjuntura sócio-histórica dada, assume uma posição de dominância em relação às outras FDs. Em outras palavras, a FD dominante é aquela que reproduz os saberes da ideologia dominante. No contexto que temos em nosso trabalho, partindo de uma formação social capitalista, compreendemos que a FD dominante é a FD *do corpo perfeito*. Essa colocação é importante porque não há processo de subjetivação que não estabeleça relação com a FD dominante.

No esquema apresentado na figura 2, há, ainda, um espaço em branco. Esse espaço representa o lugar de subjetivação do sujeito gordo. Adiantando nossas

²³ Em seu trabalho, a autora denomina como FD médico-científica a FD que regula os saberes de ordem científica sobre o corpo, semelhante à FD que designamos em nosso trabalho como FD da saúde.

²⁴ Nos referimos, aqui, ao efeito de pré-construído, do qual trataremos posteriormente.

considerações teórico-analíticas, é possível dizer que a posição-sujeito assumida por esses sujeitos está em algum lugar entre a FD do corpo perfeito e a FD da saúde; contudo, esse sujeito, em função de sua condição corporal, não consegue se identificar com a forma-sujeito de nenhuma dessas FDs, passando a se subjetivar, assim, pelo avesso das evidências das duas FDs; ao enunciar *eu não sou doente*, *eu não sou feio*, o sujeito gordo assume uma nova posição sujeito dentro da FD dominante que não é um processo pleno de identificação, mas, também, não chega a configurar um processo de desidentificação, uma vez que não há uma outra FD com a qual o sujeito possa se identificar. Apresentadas as FDs, trataremos, agora, das marcas de resistências na língua, expondo a descrição e interpretação do *corpus*.

3.3 MARCAS DE RESISTÊNCIA NA LÍNGUA

Em um texto de retificação publicado em 1978, Pêcheux (2014b) passa a repensar a questão do assujeitamento ideológico, levando em consideração a contradição. Nessas reflexões o autor considera que não há, apenas, reprodução e aceitação das evidências produzidas pela ideologia dominante. Para o autor, há algo da ideologia dominante que, na luta de classes, é desestabilizado/transformado pela ideologia dominada. A partir dessas reflexões, Pêcheux (2014b [1978], p. 281) postula:

- não há dominação sem resistência: primado prático da luta de classes, que significa que é preciso “ousar se revoltar”.
- ninguém pode pensar do lugar de quem quer que seja: primado prático do inconsciente, que significa que é preciso suportar o que venha a ser pensado, isto é, é preciso “ousar pensar por si mesmo”.

Assim, se articulam as duas ordens: da ideologia e do Inconsciente. Pêcheux (2013 [1984], p. 16) ressalta que essas duas ordens não se confundem, contudo a ideologia não pode ser pensada sem referência ao registro do Inconsciente. Por um lado, “o lapso, o ato falho, etc. constituem, enquanto quebras e fragmentos de rituais, as matérias-primas da luta ideológica das classes dominadas”; por outro lado, “o círculo-ritual da interpelação ideológica é a matéria prima da dominação ideológica”. Dessa maneira, a ideologia dominante trabalha, incessantemente, para

reforçar seus pontos de fragilidade, que emergem nas falhas do ritual de interpelação nas quais se instaura a resistência.

É possível perceber que, nessa perspectiva, o sujeito é um elemento fundamental na instauração da resistência. Ele é pensado enquanto efeito da interpelação ideológica e ocupa, sempre, um lugar, em relação à formação social em que está inserido, e uma posição em relação à FD que o interpela. Como nem a FD nem a maneira como o sujeito se relaciona com ela é homogênea, Pêcheux (2014a [1975]) instaura três modalidades discursivas do funcionamento subjetivo – importantíssimas para nosso trabalho, uma vez que é a partir dessa relação complexa entre sujeito e ideologia que se instaura a resistência. São elas: identificação, contraidentificação e desidentificação.

A primeira modalidade, a identificação, ocorre quando há uma identificação plena do sujeito com a forma-sujeito que regula a FD que o interpela. Pêcheux caracteriza essa modalidade como o discurso do *bom sujeito*. De acordo com Indursky (2011), nesse processo não há espaço para a alteridade, para a diferença, há apenas a reduplicação da identidade, só há lugar para os mesmos sentidos.

Beck e Esteves (2012, p. 141) atentam para o fato de que Pêcheux, nessa formulação, estabelece uma relação entre o sujeito individualizado da enunciação e o Sujeito universal da ideologia. Haveria, portanto, uma sobreposição entre essas noções que permitiria uma “identificação plena do sujeito (autônomo), que funcionaria sozinho, sem policiamento contínuo e sem qualquer dúvida sobre a posição assumida no âmago de uma formação ideológica”. Posteriormente, contudo, Pêcheux conclui que essa identificação plena acarretaria um “efeito sujeito-ego-pleno, sem lugar para a instância do inconsciente”, e, portanto, sem lugar para a falha, para o equívoco, para a contradição.

Então, como *não há ritual sem falhas*, o processo de identificação do sujeito com a forma-sujeito da FD que o interpela nunca se dá de maneira integral. Isso abre espaço para a segunda modalidade, a contraidentificação. Nesse processo, o sujeito questiona as evidências produzidas pela FD que o interpela. Não há, portanto, uma plena identificação do sujeito com a forma-sujeito que regula a FD. Pêcheux caracteriza esse processo como o discurso do *mau sujeito*, uma vez que ele passa a questionar os sentidos que até então eram evidentes. Embora esse

processo instaure a resistência no processo de interpelação, ele ainda ocorre no interior da FD, fazendo trabalhar a sua heterogeneidade.

Sobre essa modalidade de subjetivação, Beck e Esteves (2012, p. 149) apontam que o que está em jogo não é “uma discordância incompleta, mas um ligeiro deslocamento discursivo em relação ao discurso reproduzido na memória da FD dominante”. Esse movimento não chega, portanto, a efetuar um rompimento com a forma-sujeito da FD, “mas engendra espaços não dominantes no âmbito dessa mesma FD, imbricada a outras”. O sujeito, então, ao se contraindificar, rejeita saberes da FD, mas não é capaz de irromper para além das evidências da ideologia que o interpela.

Por fim, a terceira modalidade, a desidentificação, ocorre quando o sujeito rompe com a FD em que estava inscrito e com os saberes que ela produz. Pêcheux (2015) destaca, contudo, que não se trata de uma dessubjetivação do sujeito, pois esse processo seria impossível, o que ocorre é uma redefinição da forma-sujeito dominante, uma vez que o sujeito “desidentifica-se de uma formação discursiva e sua forma-sujeito para deslocar sua identificação para outra formação discursiva e sua respectiva forma-sujeito” (INDURSKY, 2011, p. 85).

É através dessas três modalidades de tomada de posição propostas por Pêcheux que o sujeito do discurso reproduz/transforma as relações de produção e os saberes vinculados a elas, e essa transformação só é possível porque a contradição é constitutiva do processo de identificação e do funcionamento da FD. Assim, de acordo com De Nardi e Nascimento (2016, p.88), o assujeitamento ideológico, por ser da ordem do político e do simbólico, é sempre marcado pela resistência, “não como resposta à sujeição mas como elemento fundante do processo”. Porque há falha no ritual e contradição da ordem da ideologia que podemos “falar em resistência e em dominação, tomando-as como contemporâneas no sentido de que coexistem sem, no entanto, se confundir”.

Ao tratar dos deslocamentos no discurso revolucionário, Pêcheux (1990 [1982], p.17) postula que:

As resistências: não entender ou entender errado; não “escutar” as ordens; não repetir as litâneas ou repeti-las de modo errôneo; falar quando se exige silêncio; falar sua língua como uma língua estrangeira que se domina mal; mudar, desviar, alterar o sentido das palavras e das frases; tomar os enunciados ao pé da letra; deslocar

as regras na sintaxe e desestruturar o léxico jogando com as palavras...

A partir dessa citação de Pêcheux, podemos refletir sobre a relação entre língua e ideologia. Se a materialidade por excelência do discurso é a língua, é na língua então que podemos observar as marcas da resistência. Voltando o olhar ao nosso *corpus*, conseguimos perceber uma série de elementos linguísticos, utilizados pelos sujeitos para falar de si e da sua relação com seu corpo, que podemos considerar como marcas, na língua, do funcionamento da resistência no processo de subjetivação dos sujeitos autorreferenciados gordos. A partir de agora, vamos tratar, especificamente, de algumas dessas marcas, começando pelo discurso relatado.

3.3.1 O Discurso relatado

Uma das formas de manifestação do discurso-outro é o que Jacqueline Authier-Revuz define como discurso relatado. Antes de nos determos mais especificamente em operações discursivas dessa natureza, é necessário um breve resgate das ideias da autora, a fim de entendermos de que forma ela compreende a heterogeneidade enunciativa e suas contribuições para a análise discursiva.

Considerando alguns elementos da teoria dialógica de Bakhtin e da Psicanálise freudo-lacaniana, Authier-Revuz (2004) propõe uma abordagem teórica para a compreensão do funcionamento da heterogeneidade nos processos enunciativos. De acordo com a articulação teórica proposta pela autora: por um lado, para o dialogismo, a interação com o discurso do outro é a lei constitutiva de qualquer discurso e se dá tanto nas formas da interdiscursividade quanto da interlocução; por outro lado, para a Psicanálise, sempre há outros dizeres por trás do nosso discurso, dito de outra forma, por trás da linearidade do nosso discurso se faz ouvir sempre uma polifonia. Assim, a heterogeneidade se impõe como condição para o discurso, uma vez que “todo discurso se mostra constitutivamente atravessado pelos ‘outros discursos’ e pelo ‘discurso do Outro’ (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 69).

Tendo em vista a importância dessas noções para a construção do pensamento da autora, consideramos produtivo compreender a distinção, proposta pela Psicanálise, entre *outro/Outro*. De acordo com Quinet (2012, p. 10), o *outro*

(pequeno outro) está relacionado ao registro do imaginário e “ocupa o lugar de eu ideal com quem o eu se mede e rivaliza”. O *Outro* (grande Outro), por sua vez, está relacionado ao registro do simbólico e é compreendido como *discurso do inconsciente*, “o conjunto de significantes que marcam o sujeito em sua história, seu desejo, seus ideais – eles sustentam suas fantasias inconscientes e imaginárias” (p.14).

Partindo disso, Authier-Revuz (1990, p. 32) estipula duas categorias de funcionamento da heterogeneidade, designadas como *heterogeneidade constitutiva* e *heterogeneidade mostrada*. A primeira se refere aos processos de constituição de um discurso, enquanto a segunda aos processos de representação, num discurso, de sua constituição.

A uma heterogeneidade radical, exterioridade interna ao sujeito e ao discurso, não localizável e não representável no discurso que constitui, aquela do Outro do discurso – onde estão em jogo o interdiscurso e o inconsciente – se opõe à representação, no discurso, as diferenciações, disjunções, fronteiras interior/exterior pelas quais o um – sujeito, discurso – se delimita na pluralidade dos outros, e ao mesmo tempo afirma a figura dum enunciator exterior ao seu discurso.

Assim, a heterogeneidade mostrada é linguisticamente descritível, pois se marca materialmente através do uso de discurso direto, indireto, aspas, glosas, etc., contestando a homogeneidade do discurso ao inscrever o outro na linearidade. A heterogeneidade constitutiva, por sua vez, é um princípio que fundamenta a própria natureza da linguagem (TEIXEIRA, 2005, p. 145).

Posta essa breve introdução teórica, nos interessa agora compreender, nos discursos em análise, o funcionamento de uma das formas de heterogeneidade mostrada: o discurso relatado. Indursky (2013, p. 241) define discurso relatado como “modo de apreensão da fala do outro”. Ele pode aparecer materialmente tanto sob a forma de discurso direto – citação textual do discurso de um outro locutor – quanto sob a forma de discurso indireto – processo de parafraseagem do discurso de um outro locutor. Em todas as sequências que seguem foi identificada a presença de discurso relatado, nosso objetivo, a partir das análises, é compreender de que forma essa presença do discurso-outro sob a forma de discurso relatado interfere no processo de subjetivação dos sujeitos gordos. Para tanto, foram selecionadas quatro sequências discursivas referentes a dois dos relatos que compõe nosso *corpus*.

(SDR01R01)²⁵ *Há aquela pessoa que não é gorda, mas faz questão de contar a você o quão maravilhosamente esforçada ela é no seu empreendimento de “embarbiecer” e o quanto tem comido “certo”. Se engordo ou emagreço recebo sempre um: “você engordou. O que tá acontecendo” ou o famoso parabéns pelo emagrecimento. Não raro tem alguém cometendo uma “gordice” ou tendo um “dia de gordo” que significa compulsão, descontrole, indisciplina e preguiça.*

Na sequência acima conseguimos perceber o atravessamento do discurso-outro materializado através do discurso relatado de três formas: pela sentença “o famoso parabéns pelo emagrecimento” utilizada pelo sujeito no formato de discurso indireto, através das sentenças “você engordou. O que está acontecendo” que aparecem marcadas entre aspas após dois pontos no formato de discurso direto e nas expressões “certo”, “gordice”, “dia de gordo”, também marcadas pelo sinal gráfico das aspas. Embora essas três formas possam ser categorizadas como discurso relatado, Authier-Revuz (2016) atenta para a questão de que se tratam de funcionamentos diferentes do mesmo fenômeno linguístico.

No primeiro caso, das sentenças apresentadas sob a forma de discurso indireto, há uma paráfrase do discurso do outro, isto é, não há uma reprodução fiel do discurso-outro e sim uma reformulação do discurso que se limita a referir o que foi dito. Indursky (2013, p. 247) aponta que essa forma de reformulação da fala do outro produz um efeito de homogeneidade no fio do discurso, pois não há uma ruptura sintática que demarque um distanciamento entre os discursos.

Já no segundo caso, com as sentenças apresentadas sob a forma de discurso direto, temos o que Authier-Revuz (2016, p. 202) define por efeito de *autonímia* no uso das aspas. Esse funcionamento se caracteriza por não haver o uso dos enunciados marcados entre aspas e, sim, uma menção a tais enunciados. Nas palavras da autora, “o elemento autônomo constitui, no enunciado em que figura, um corpo estranho, um objeto ‘mostrado’ ao receptor”. Esse processo é marcado por uma ruptura sintática, produzindo o efeito de que as palavras aspeadas estão “mantidas a distância”.

²⁵ Para facilitar a identificação do contexto em que as Sequências Discursivas de Referência (SDR) foram produzidas, utilizaremos o código SDRx-Rx, no qual SDRx representa a ordem em que a sequência discursiva é apresentada no trabalho e Rx representa a localização do relato (apresentado nos anexos) do qual a sequência discursiva foi recortada. Isso significa que a sequência em questão é a primeira sequência apresentada no presente trabalho, a qual foi recortada do Relato 01 (nãotemcabimento #35).

Essas duas formas de inserção do discurso-outro no fio do discurso aparecem, na sequência em análise, demarcando uma polarização da opinião do outro em relação ao corpo gordo. De um lado, temos a prática de engordar que, de acordo com o sujeito, gera como resposta do outro um questionamento, ou poderíamos até definir como uma cobrança, que é apresentada sob a sentença “você engordou. O que tá acontecendo”; de outro lado, temos a prática de emagrecer, que também gera uma resposta do outro, sob a forma de elogio “o famoso parabéns pelo emagrecimento”.

O sujeito gordo, assim, se coloca num lugar de não-pertencimento. Independente das mudanças que opere em seu corpo – engordar ou emagrecer – ele sempre será refém da opinião do outro. Ao engordar, é oprimido pela recriminação que vem do outro e, ao emagrecer, não consegue se livrar da presença do olhar do outro que, ao elogiá-lo pelo processo de emagrecimento, atualiza a memória do corpo gordo e estabelece um lugar para esse sujeito que não é o do magro, considerado o “normal”, mas sim o lugar do ex-gordo²⁶, marcado sempre pela memória da gordura.

Há sempre uma resposta do outro atravessando a relação que o sujeito estabelece com seu corpo e determinando o lugar que o sujeito gordo deve ocupar. Como consequência disso, nos parece que o sujeito gordo não consegue encontrar para si um lugar de subjetivação, precisando sempre recorrer ao discurso do outro. Essa falta de controle do sujeito gordo em relação a si e ao seu corpo se estabelece como uma consequência do excesso de controle que o outro exerce sobre ele.

O terceiro caso de discurso relatado na SDR01 é sob a forma de palavras marcadas entre aspas ao longo do relato. Aqui temos um funcionamento denominado por Authier-Revuz (2016, p. 202) como *conotação autonímica*. Nesse fenômeno, os elementos são integrados à cadeia sintática e é feito “uso das palavras com conotação de menção”. A autora destaca que essa situação coloca o locutor em uma posição de emitir julgamento sobre as palavras no momento em que as utiliza. Tais palavras são marcadas como pertencentes e apropriadas a outro discurso, ou seja, “digo essa palavra, mas não como digo as demais, porque a digo como X diz” (AUTHIER-REVUZ, 2016, p. 204).

²⁶ A designação ex-gordo foi proposta por Caetano (2016) para se referir ao lugar discursivo assumido por sujeitos em processo de emagrecimento que tem como elemento fundador o atravessamento da memória do corpo gordo no processo de subjetivação.

Na perspectiva discursiva, podemos relacionar esse processo de conotação autonímica com a rede de formações imaginárias envoltas nos processos discursivos. Pêcheux (2014b [1969], p. 82) destaca que, ao produzirmos um discurso, sempre o fazemos de um lugar determinado na estrutura da formação social. Contudo, esses lugares, no processo discursivo, não funcionam como “um feixe de traços objetivos”: eles se encontram representados e transformados, através das Formações Imaginárias. Dessa forma, o que funciona no discurso é o lugar que cada sujeito atribui ao outro e a si, e as imagens que esses sujeitos fazem do seu próprio lugar e do lugar do outro.

O autor destaca, ainda, que no mecanismo de qualquer formação social existem regras de projeção que estabelecem as relações entre as situações e as projeções por elas representadas. Sendo assim, a relação entre situações e projeções podem não se estabelecer de forma biunívoca, ou seja, “diferentes situações podem corresponder a uma mesma posição e uma situação pode ser representada por várias posições” (PÊCHEUX, 2014b [1969], p. 82). São as referidas posições que produzem sentidos no processo discursivo e isso sempre ocorre em relação ao contexto socio-histórico e à memória discursiva (ORLANDI, 2015, p. 38).

As formações imaginárias são essenciais para a constituição do processo discursivo porque funcionam como um elemento regulador da argumentação. Assim, o sujeito, ao colocar-se no lugar do seu interlocutor, passa a antecipar possíveis sentidos que seu discurso pode produzir e esse processo produz efeitos na forma como constrói sua argumentação. Nas palavras de Orlandi (2015, p. 37): “o sujeito dirá de um modo, ou de outro, segundo os efeitos que pensa produzir em seu ouvinte”.

É importante destacar que não são apenas os interlocutores que funcionam no discurso como elementos imaginados, pois o referente também é constituído como um objeto imaginário, ou seja, o que funciona no discurso é o ponto de vista dos sujeitos sobre o referente e não sua natureza empírica. Assim, no jogo do processo discursivo temos entrelaçadas diferentes formações imaginárias: a imagem que o sujeito tem do lugar que ocupa (nesse caso traremos como imagem de si), a imagem que o sujeito tem do lugar que seu interlocutor ocupa e a imagem que o

sujeito tem do referente, que, no caso específico da nossa análise, trataremos o *outro* também como referente.

Temos, então, dois *outros*²⁷, ou melhor, dois imaginários de outro, envolvidos no processo discursivo em questão: o primeiro outro, ocupando o lugar de interlocutor, se refere à imagem que o sujeito tem dos leitores do blog e das outras pessoas envolvidas com a produção de relatos para o projeto Não tem cabimento. Nesse caso, se estabelece uma relação imaginária de cumplicidade, confiança, ou seja, esse outro para quem o sujeito produz seu discurso, por também ser gordo, compartilha das angústias e insatisfações que o sujeito relata em seu depoimento; o segundo outro, por sua vez, é tratado nesse processo discursivo como referente, isto é, não é o outro *para quem se fala*, mas, na verdade, o outro *de quem se fala*. A relação imaginária estabelecida aqui é diferente, o outro, nesse caso, se refere àqueles que falam de um outro lugar que não o do sujeito gordo. Ao longo da análise das sequências, veremos diferentes referentes para esse outro e de que forma os discursos produzidos por esses sujeitos atravessam a maneira como o sujeito gordo se subjetiva.

No processo discursivo que deu origem à SDR01, temos o outro como referente designado como “aquela pessoa que não é gorda”. A forma corporal, aqui, é um elemento que demarca diferentes posições-sujeito. Embora tanto o sujeito gordo quanto o outro (nesse caso “aquela pessoa que não é gorda”) sejam interpelados pela mesma FD, eles assumem posições-sujeito diferentes no interior da FD1. Designaremos, então, como PS1 a posição-sujeito assumida pelos sujeitos gordos, e como PS2 a posição-sujeito ocupada pelos outros, envolvidos no processo discursivo dos relatos em análise, constituídos imaginariamente como não-gordos.

Através do discurso relatado, o sujeito, então, incorpora a seu discurso expressões que produzem efeitos de sentido que só podem ser colocadas em circulação da partir PS2, pois são resgatados de um lugar no interdiscurso que é interditado à PS1. Ao marcar entre aspas, em seu discurso, as expressões mencionadas, o sujeito assinala “a recusa, a rejeição do que está sendo incorporado” questionando “a veracidade, a adequação ou a pertinência do discurso do outro” (INDURSKY, 2013, p. 244).

²⁷ Os dois imaginários de outro mencionados não dizem respeito apenas ao recorte em análise, mas a todos os processos discursivos envolvidos na produção e circulação dos relatos que compõe nosso *corpus*.

Comer “certo” é uma expressão produzida a partir da FD2. Tanto na mídia como nas redes sociais é muito popular encontrar profissionais da saúde ou pessoas do universo *fitness* dando dicas de alimentação saudável e dietas que costumam ser designadas como “a forma correta de comer”. É muito comum, nesse âmbito, o uso de expressões polarizantes – comer certo/comer errado, comida de verdade/comida de mentira, carboidratos bons/carboidratos ruins – que, ao dualizarem as práticas relacionadas à alimentação em apenas duas categorias, produzem um efeito de controle, pois tudo o que não segue à risca o que está sendo proposto é designado de forma a produzir um efeito de sentido negativo.

A partir disso, surgem, no âmbito da FD1, expressões como “gordice” e “dia de gordo”, para designar, pejorativamente, todas as práticas relacionadas à alimentação e atividades físicas que não se encaixam no normatizado como correto a partir da FD2. Dessa maneira, é colocado em circulação um imaginário sobre o gordo como aquele que age de forma errada em relação a seu corpo, que cultiva maus hábitos, incapaz de se controlar, etc. Ou, na interpretação proposta na própria SDR01: aquele que representa, materializada no próprio corpo, “compulsão, descontrole, indisciplina e preguiça”.

A expressão “gordice” vem acompanhada do verbo *cometer*. Consultando o dicionário, buscamos outras ocorrências possíveis para o verbo cometer, procurando colocá-las em relação parafrástica. Encontramos, assim, dentre os sentidos mais usuais para o verbo: *perpetrar* e *investir contra algo ou alguém*. Se trata de um verbo transitivo direto cujos complementos mais usuais são sempre de teor negativo, ou seja, comete-se crimes, delitos, suicídio, injustiças. O verbo aparece, portanto, sempre relacionado a situações moralmente condenáveis na formação social. Ao utilizar esse verbo para se referir à “gordice”, se estabelece uma comparação entre fazer algo moralmente condenável e comer algo calórico ou uma grande quantidade de comida, como se o gordo estivesse cometendo um crime contra si mesmo.

Isso nos remete ao resgate da história da obesidade realizado por Vigarello (2012, p. 300-301). O autor aponta que, a partir do século XX, crescem os desejos de controle e afirmação de si e, nesse contexto, a gordura passa a ser considerada uma ameaça tanto estética quanto vital. Assim, o sujeito gordo passa a ser relacionado à negligência em relação ao próprio corpo, ao desleixo e à incapacidade de transformação. “Cometer uma ‘gordice’”, então, assume um estatuto de

imoralidade porque, relacionada ao imaginário de gordo que circula socialmente, se instaura como um fracasso, uma incapacidade de controlar a si e a seus desejos, características extremamente condenáveis em uma época na qual o trabalho sobre si mesmo (e principalmente sobre o corpo) e a adaptabilidade se tornam critérios obrigatórios.

Mais uma vez, a polarização aparece materializada no processo discursivo em análise. Isso nos leva a pensar que essas dualidades fazem parte do funcionamento da FD1. Podemos agrupar as relações de sentido em dois polos: de um lado, temos engordar, gordo, gordice, compulsão, preguiça, descontrole, errado, ruim, etc., tudo dentro do mesmo campo semântico; do outro lado, temos emagrecer, magro, esforço, certo, bom, etc., sempre em relação de paráfrase. Então, ao colocar em circulação imaginários sobre o corpo gordo sempre relacionados a coisas negativas, é reforçado o sentido de que o “corpo correto”, “o corpo bom”, “o corpo que se deve desejar” é o corpo magro. É assim que funciona nesta FD. Em outra FD, corpo gordo não seria relacionado a algo negativo. A significação do corpo gordo e, por conseguinte, a subjetivação do sujeito se dá a partir da FD dominante, que regula os processos de significação a partir de uma relação de dualidade, de dicotomização da constituição subjetiva. Esse é um gesto político que objetiva a subjugação de alguns em relação a outros na formação social.

Ao questionar as evidências produzidas pela FD1, o sujeito demonstra que a imagem que produz de si (do ser gordo) é diferente da imagem sobre ele que é colocada em circulação a partir do lugar do outro. Em função da sua configuração corporal, o sujeito gordo passa a assumir uma posição que torna possível questionar essas evidências. É por isso que, no âmbito do nosso trabalho, propomos pensar o corpo como parte da subjetividade do sujeito, pois é em função de também ser corpo que o sujeito assume uma posição diferente que permite a desnaturalização das evidências que o afetam.

Um outro elemento interessante de ser observado é a utilização do neologismo “embarbiecer”, marcado entre aspas no enunciado “Há aquela pessoa que não é gorda, mas faz questão de contar a você o quão maravilhosamente esforçada ela é no seu empreendimento de ‘embarbiecer’”. O verbo é criado a partir da palavra *Barbie*, boneca desenvolvida pela empresa Mattel, famosa por ser considerada padrão de beleza e que representa um corpo feminino com proporções

que se distanciam bastante de um corpo natural. Devido à popularidade da boneca, vários estudos têm sido desenvolvidos a fim de compreender se as barbies afetam, de alguma maneira, a percepção corporal de crianças e adolescentes, ou seja, de que forma a identificação imaginária com o “corpo”, com a estética da Barbie, afeta a forma como o sujeito representa seu corpo.

Ao criar um verbo a partir do nome da boneca e configurá-lo como uma prática de pessoas que buscam modificar seus corpos para atender ao padrão de beleza, a autora da SDR demonstra uma crítica ao princípio regulador da FD1: a ideia de *corpo perfeito*. O formato corporal da boneca Barbie é considerado irreal – magra demais para ser saudável, cintura excessivamente fina e desproporcional ao tamanho do tronco, pernas longas e pés pequenos para sustentar a estrutura corporal. Assim, “embarbiecer”, mais do que se adequar aos padrões de beleza impostos, parece se referir à submissão à busca de um corpo impossível, não-natural, o que atende às demandas do mercado mas, por consequência, torna os sujeitos sempre insatisfeitos com seus corpos, incapazes de preencher a demanda estabelecida a partir do laço social.

Quando nos referimos a corpo impossível, nos lembramos do trabalho desenvolvido por Cassana (2018) no qual a autora, ao investigar os discursos de sujeitos transexuais, compreende que *corpo impossível* é um corpo que não consegue se adequar os padrões de gênero naturalizados. Tal teorização dialoga com nossa reflexão por o alcance do corpo perfeito ser da ordem do impossível, considerando que o sujeito é constituído por uma falta impossível de ser preenchida por ser efeito de uma determinação simbólica.

Há elementos materiais que nos direcionam a esse gesto de interpretação. Primeiramente, o uso das aspas na palavra “embarbiecer”. Diferente das outras palavras grifadas por aspas na sequência que produziam o efeito de distanciamento, demarcando-as como discurso-outro, aqui, nos parece que as aspas produzem um outro efeito: o de ironia. Outro elemento linguístico que aponta para um efeito de ironia é o adjetivo *famoso* utilizado em referência às parabenizações que o sujeito gordo diz receber sempre que emagrece. Nesse caso, o adjetivo *famoso* não está qualificando os parabéns e, sim, demonstrando, através do efeito de ironia, a insatisfação do sujeito em receber tais parabenizações. A ironia, aqui, nos parece configurar-se como uma marca de resistência. O sujeito não consegue se identificar

com o discurso do outro, portanto, não pode reproduzi-lo a partir da posição que ocupa; o faz, então, de forma irônica e, com isso, marca na língua o processo de contraidentificação, isto é, processo de resistência aos sentidos reguladores da forma-sujeito dominante. Na análise da sequência a seguir, poderemos discutir um pouco mais os efeitos do excesso de controle do outro para o processo de subjetivação dos sujeitos gordos.

(SDR02R01) Eu sempre tive que lidar com questões sobre meu peso. Literalmente, desde bebê. “Já nasceu socadinha” dizia minha avó. “Fez dieta desde os 7 meses de vida” se desculpava minha mãe. “Assim, não vai arrumar namorado” avisava meu pai. “Olha fulana, você quer ser como ela? Sempre tá sozinha” alertavam todos os “preocupados” com a minha vida sexual.

Na SDR02, o discurso-outro aparece via discurso relatado através da inserção no fio do discurso de recortes da fala de diversos enunciadores. Nessa sequência, todos os recortes aparecem marcados entre aspas, acompanhados de verbos que marcam a ruptura no processo sintático e com um referente de autoria para cada um dos recortes. De acordo com a classificação proposta por Authier-Revuz (2016), temos, nesse caso, o discurso relatado exercendo função autonímica, pois o sujeito não faz uso das palavras do outro, mas as menciona.

Tais enunciados são resgatados e atualizados, no fio do discurso, através do funcionamento da memória discursiva que, como lembra Silva (2012, p.48), “é um espaço com enunciados já ditos em processos discursivos filiados a diferentes formações discursivas”. Assim, ao incorporar a seu discurso os enunciados “Já nasceu socadinha”, “Fez dieta desde os 7 meses de vida”, “Assim, não vai arrumar namorado” e “Olha fulana, você quer ser como ela? Sempre tá sozinha” o sujeito atualiza os sentidos produzidos a partir desses enunciados pois, enuncia a partir de uma posição-sujeito diferente que permite colocar em circulação novos sentidos para a mesma materialidade.

Conforme Orlandi (2015), a memória discursiva representa o eixo da constituição dos discursos, funcionando como um já-dito que sustenta a possibilidade do dizer. Silva (2012), por sua vez, propõe que se compreenda a memória como afetivo-discursiva, uma vez que é possível, a partir dessa abordagem, ao mobilizar o conceito de memória discursiva, revelar além da historicidade também a afetividade. Nas palavras da autora:

Ao mencionarmos as formas de disciplinamento da memória discursiva, não podemos prescindir de observar a tentativa de movimentação dos afetos que nela convivem com os saberes. Explicitando o exposto, estamos considerando que a memória em Análise de Discurso deve ser compreendida como “afetivo-discursiva”. Essa noção explicita um gesto de interpretação que atenta: -para a constituição histórica dos enunciados, sem marginalizar a gama de sentimentos em voga na atualização de saberes; -para a interpelação ideológica como um ritual que procura escapar da falha rememorando conjuntamente pré-construídos e afetos. (SILVA, 2012, p. 48).

Tal noção se mostra produtiva em nosso trabalho porque os relatos de caráter biográfico, dos quais foram retiradas as sequências em análise, ao mesmo tempo que atualizam os saberes sobre o “ser gordo” que circulam na FD dominante, colocando em confronto dizeres a partir de diferentes posições-sujeito – a posição do gordo e a posição do outro que deu origem aos enunciados relatados –, atualizam também os sentimentos relacionados à forma como esses dizeres afetam a subjetividade do sujeito gordo. Dito de outra forma, não está em jogo, no processo discursivo, apenas o embate de forças entre diferentes sentidos sobre o ser gordo produzidos a partir de posições-sujeito distintas, mas também a relação de força entre a insistência para que o sujeito modifique sua forma corporal adequando-se ao padrão magro – condição estruturante da FD dominante reproduzida a partir dos enunciados ditos pelos amigos e familiares – e a angústia do sujeito gordo por seu corpo ser sempre um elemento em questão na relação com as pessoas próximas.

Para melhor compreendemos as implicações do funcionamento dessa memória afetivo-discursiva no processo de subjetivação do sujeito gordo, cabe perguntar: ao se valer da memória do discurso de seus familiares para construção da sua narrativa, qual imagem do outro é construída pelo sujeito? E, ainda, de que forma a imagem que o sujeito constrói do outro afeta, inconscientemente, a imagem que produz de si? Para tentar desenvolver essas questões, precisamos atentar para alguns elementos linguísticos que materializam essa memória no fio do discurso. Dentre eles, destacamos os verbos *desculpar*, *avisar* e *alertar* que acompanham os enunciados mencionados pela autora em seu relato.

Os verbos *desculpar* e *avisar* utilizados pela autora para definir a motivação para a mãe enunciar “*Fez dieta desde os 7 meses de vida*” e o pai enunciar “Assim, não vai arrumar namorado” são elementos que apontam para a interpelação ideológica pela FD1. Uma série de verbos poderia ter sido utilizada no lugar de *desculpar* e *avisar*: os verbos *dizer*, *falar*, *afirmar*, por exemplo, usualmente

utilizados para introduzir discurso direto em textos informais, como é o caso dos relatos em questão, e como é utilizado pela própria autora na sequência “‘Já nasceu socadinha’ dizia minha vó”. Contudo, a autora opta pela utilização de verbos que, além de desempenharem a função de introduzir o discurso relatado direto, também produzem efeitos de sentido em relação ao enunciado que acompanham.

Podemos pensar: do que costumamos nos desculpar? Do que qualificamos, usualmente, como avisos ou alertas? No caso das desculpas, está pressuposto algo de errado pelo qual alguém se sente responsável. Avisos e alertas são emitidos, normalmente, quando alguém está em perigo ou prestes a fazer algo considerado errado. Desse modo, ao escolher esses verbos para designar os enunciados emitidos por outros sobre sua forma corporal, o sujeito ratifica os sentidos de que ter um corpo gordo é algo errado, que vai lhe causar implicações negativas ao longo da vida.

Ao enunciar “eu sempre tive que lidar com questões sobre meu peso” e, logo em seguida, apresentar diversos recortes de falas de outros sujeitos sobre si, a autora demonstra como o discurso do outro está presente na forma como ela se subjetiva; em outras palavras, é com base na forma como o outro a representa que a autora do relato se imagina. Ao se reconhecer como gordo, o sujeito está se identificando com uma formação discursiva que lhe fornece os sentidos de o que significa ser gordo em determinada formação social, sob certas condições de produção do discurso. Nesse caso, podemos perceber que a imagem que o sujeito produz de si é determinada pelos enunciados “já nasceu socadinha”, “fez dieta desde os sete meses de idade”, “não vai arrumar namorado”, dentre outros que circulam a partir da FD1 e são reproduzidos pelas pessoas que convivem com a autora. Assim, reconhecer que o excesso de peso foi um elemento apontado pelo outro durante toda sua vida produz efeitos na forma como o sujeito se subjetiva, uma vez que seu corpo representa tudo aquilo que um corpo não pode/deve ser a partir da ideologia dominante que determina as evidências reproduzidas pelos enunciados listados no depoimento.

É preciso considerar, ainda, que, ao produzir um relato, o sujeito se coloca num lugar de interlocução com os outros relatos (e os outros sujeitos) que compõe o projeto. Podemos perceber que os enunciados resgatados via discurso relatado na SDR02, embora tenham referentes específicos (avó, mãe, pai) vinculados à

experiência pessoal da autora, são também enunciados já naturalizados na formação social. Assim, relacionada ao mecanismo de antecipação – que regula o processo argumentativo através das formações imaginárias – a memória afetivo-discursiva, aqui, é utilizada para produzir um efeito de comoção aos leitores do blog que se identificarão com a narrativa por, possivelmente, também já terem ouvido versões desses mesmos enunciados.

Além disso, a partir do discurso-outro, através dos enunciados recortados das falas de parentes e amigos, o sujeito constrói uma narrativa que funciona como uma tentativa de “comprovação”, para seu interlocutor, da sua colocação inicial “Eu sempre tive que lidar com questões sobre meu peso”. Se atentarmos para a cronologia produzida pela sequência de enunciados, as falas da vó, da mãe, do pai e dos “preocupados” com a vida sexual da autora, perceberemos que elas representam, consecutivamente, a infância, a adolescência e a vida adulta do sujeito. Há uma relação, portanto, entre os discursos resgatados pela autora e o advérbio *sempre*, utilizado para designar os momentos em sua vida nos quais ser gorda teve implicações em suas relações pessoais. Na próxima sequência, recortada ainda do mesmo depoimento, conseguiremos compreender melhor algumas dessas implicações relatadas pela autora.

(SDR03R01) *Além do papel de subserviência, á amiga gorda restam os papéis de mãezona ou menina e quando muito, de uma mulher super sexualizada beirando o ridículo (daqueles que lamentavelmente a indústria pornô fabrica) . Quando a amiga gorda está num relacionamento com alguém que só pessoas magras deveriam namorar sempre há especulação sobre as razões que possibilitaram a formação daquele casal. “ Ela deve ser dessas gordas boas de cama, que fazem de tudo pra agradar” “ Deve ter fetiche com gorda. Tem muita gente que gosta de uma gordelícia”. Comigo essa situação chegou a um patamar muito degradante. O tempo todo eu precisava dar satisfações, me explicar, expor minha vida particular, mostrar fotos ... para provar que poderia ser desejada, quista e amada por alguém.*

Antes de levantar algumas questões suscitadas pela SDR03, é preciso retomar o contexto em que ela é produzida dentro da narrativa, a fim de compreender algumas referências necessárias para a interpretação do recorte em análise. A autora começa o trecho no qual é produzida essa sequência levantando uma reflexão sobre o fato de mulheres gordas estarem mais sujeitas a amizades abusivas. Na lógica proposta pela autora, isso ocorre porque as pessoas gordas aceitam desempenhar um papel de subserviência e passividade nas relações

interpessoais como forma de compensação pelo fato de serem gordas, nas palavras da autora: “Pra mim funcionava como uma troca ou um pedido de desculpas por ser gorda. ‘Serei muito legal com vocês, mas, por favor, me tratem bem e não exponham o julgamento de vocês sobre o meu peso assim tão deliberadamente’”.

Ao longo do depoimento, a autora relata um conjunto de situações que nos ajudam a compreender o que ela entende por “papel de subserviência” apontado na SDR03. Dentre eles, destacamos: se colocar sempre à disposição das amigas para resolver conflitos que não lhe dizem respeito; transparecer sempre alegria e disposição; ouvir calada coisas com as quais discorda; elogiar a aparência das amigas magras; mentir estar de TPM ou em jejum para comer na presença de outras pessoas sem se sentir recriminada.

O uso do verbo *restar* para indicar os papéis que as mulheres gordas desempenham nas relações de amizade – subserviência, mãezona, menina e mulher super-sexualizada - apontam para sua interpelação pela FD1, pois atualiza os efeitos de sentido vinculados ao saber de que é preciso ter um corpo dentro do padrão de beleza para ser amada, desejada, respeitada, para desenvolver um relacionamento saudável com as pessoas.

A autora traz, em seu depoimento, uma discussão importante para a compreensão dos imaginários que circulam na formação social sobre o corpo gordo. Nos referimos à questão da sexualidade, mencionada na sequência “quando muito, de uma mulher super sexualizada beirando o ridículo (daqueles que lamentavelmente a indústria pornô fabrica)”. O prazer e a sexualidade são condicionados pelos padrões estéticos; assim, a sexualidade das mulheres gordas é, em geral, negada ou estereotipada. A representação da sexualidade da mulher gorda vem, geralmente, atrelada à sua hipersexualização. No âmbito do cinema, da música e da televisão, o corpo da mulher gorda é objetificado e os limites da sexualidade são esgaçados ao ponto de caricatura. Os corpos são expostos de maneira obscena, as formas são exaltadas com exagero e a libido da mulher gorda é retratada, muitas vezes, como cômica, digna de deboche e ridicularização. Como se só pudesse ser desejada como fetiche. Do contrário, não pode (e não deve) ser objeto de desejo, mas de escárnio (como a FD significa a sexualidade do gordo). Sempre servindo para o outro, e não para o próprio prazer.

A indústria pornográfica também corrobora para a estereotipação da sexualidade de mulheres gordas. Tudo o que foge ao padrão estético estabelecido é classificado como *fetiche* e segregado em categorias. Uma das categorias encontradas em sites que distribuem pornografia é a designada como *BBW* (big beautiful woman) ou, em outros casos, simplesmente, *Mulheres Gordas*. Em alguns casos, mulheres que trabalham com a produção desse tipo de conteúdo se submetem a regimes de engorda para atenderem ao padrão imposto pela indústria pornográfica, pois tais vídeos são comercializados sob o rótulo de *fetiches bizarros*, comparados a transtornos da sexualidade como zoofilia ou pedofilia. Há, inclusive, uma designação criada exclusivamente para homens que sentem atração por mulheres gordas: os *fat admirers*, demarcando, pela necessidade da criação de um rótulo, o estatuto de diferença, ou, porque não dizer, anormalidade, em considerar um corpo gordo desejável.

Esses estereótipos sobre a sexualidade dos sujeitos gordos colocados em circulação pelas mídias digitais e televisivas passam a compor o imaginário social e são reproduzidos em situações como as expostas pela autora por meio de discurso relatado direto: “Ela deve ser dessas gordas boas de cama, que fazem de tudo pra agradar”; “Deve ter fetiche com gorda”; “Tem muita gente que gosta de uma gordelícia”.

Toda a reflexão exposta, a partir dos elementos elencados pela autora do relato, nos levam a relacionar a situação do sujeito gordo na formação social atual à questão da humilhação. Nos parece que as humilhações sofridas interferem na imagem que o sujeito gordo produz de si e, por consequência, na forma como se subjetiva. Ansart (2005) aborda dois níveis de humilhação: uma situação e um sofrimento. A situação diz respeito à negação da imagem que a vítima faz de si próprio, enquanto o sofrimento concerne ao fato de que o humilhado é impossibilitado de dar uma resposta, sentindo-se diminuído e atingido em seu orgulho.

Nos relatos em análise, podemos perceber o funcionamento dos dois níveis de humilhação propostos pelo autor. Sobre a negação da imagem de si, é possível relacioná-la ao excesso do discurso relatado apresentado nos depoimentos. Os sujeitos gordos, ao descreverem sua vida e seus sentimentos, o fazem resgatando enunciados de outros enunciadores. Isso nos leva à compreensão de que a imagem

que produzem de si está intimamente atrelada à imagem que o outro expõe sobre seu corpo. A relação do sujeito com esses enunciados-outros, contudo, é de negação. O sujeito se distancia do discurso do outro através do uso das aspas, o ironiza, expõe suas contradições, mas, em momento nenhum, os subverte assumindo um lugar próprio de enunciação.

Em relação à impossibilidade de dar uma resposta, por sua vez, temos elementos na SDR03 que remetem a essa situação. Primeiramente, ao expor os papéis sociais desempenhados por sujeitos gordos, a autora do relato classifica-os como “o que resta” e demonstra, ao longo da narrativa, que, mesmo discordando deles, se submete a desempenhá-los. O mesmo acontece ao ser questionada sobre seus relacionamentos amorosos: ainda que considerasse humilhante, a autora narra que se submetia a “dar satisfações, me explicar, expor minha vida particular, mostrar fotos ... para provar que poderia ser desejada, quista e amada por alguém”.

Outro elemento no qual nosso gesto de interpretação se apoia é o atravessamento de um pré-construído sob a forma do enunciado “que só pessoas magras deveriam namorar”. Tal enunciado irrompe no meio da reflexão sem uma adequação sintática para que ele se encaixe no período. Essa forma de construção sintática parece ser típica da oralidade e funciona, no período em questão, como uma oração explicativa, que sustenta a argumentação da autora: “que só pessoas magras deveriam namorar” pode ser substituído por *porque só pessoas magras deveriam namorar*.

O efeito de pré-construído, de acordo com Pêcheux (2014a [1975], p. 241), “representa a modalidade discursiva da discrepância pela qual o indivíduo é interpelado em sujeito de seu discurso (aquilo por meio do qual ele diz: ‘Eu, Fulano de Tal’) como ‘sempre já’ sendo sujeito”. Em outras palavras, o pré-construído pode ser compreendido como “recortes do imaginário que dialogam com recortes de outras FDs” (ERNST; QUEVEDO, 2013, p. 335), produzindo, assim, um efeito de evidência que ultrapassa os limites das FDs, se instaurando como aquilo que todo mundo sabe.

No caso da oração apresentada na SDR03, poderíamos pensar em uma construção como: *todo mundo sabe que só pessoas magras deveriam namorar*. O atravessamento desse pré-construído na argumentação da autora funciona como um elemento que justifica sua submissão ao outro, em situações que ela mesmo

define como “degradantes”. A relação que parece se estabelecer é a de que se só *peessoas magras deveriam namorar*, a autora, identificada com esse pré-construído, compreende que estar em um relacionamento é algo considerado fora da norma; portanto, legitima as especulações alheias submetendo-se a explicar, provar e se expor ao julgamento do outro.

(SDR04R03) [...] *Ouçõ amigas magras reclamando “nossa, estou muito gorda” ou usando o termo “gordice” e tudo que penso é que elas não sabem a dor que isso me causa. Pessoas que falam isso não ficam constrangidas ao passar pela catraca apertada do ônibus, não deixam de entrar em lojas por saberem que lá não tem roupas que caibam ou serão desdenhadas pelos vendedores, não ouviram milhões de reprovações sobre seu corpo a vida toda, nunca cogitaram uma cirurgia bariátrica.*

As primeiras três sequências foram recortadas de um mesmo relato, já a SDR04 foi recortada de um relato diferente. É possível observar, contudo, que alguns elementos já mencionados na análise das sequências anteriores se repetem aqui, demonstrando fazer parte de certas regularidades presentes nos processos discursivos em análise.

A primeira dessas regularidades é o questionamento da expressão “gordice”, produzida no âmbito da FD1 para designar a prática de ingerir alimentos não saudáveis, ou mesmo para designar episódios de compulsão alimentar. Na SDR01, essa expressão aparece também grifada entre aspas, mas produzindo o efeito de distanciamento, demarcando a palavra como pertencente ao discurso do outro. Aqui, em um primeiro momento, parece que as aspas operam um funcionamento diferente, de demarcar a inserção de uma expressão, no caso: “gordice”. Poderíamos definir tal expressão como um neologismo por se tratar de uma palavra, relativamente nova, derivada de uma outra palavra já existente. Contudo, cabe refletir se *gordice*, é uma expressão já naturalizada no âmbito da FD1, teria necessidade de ser grifada entre aspas no texto.

Nos parece que o funcionamento das aspas aqui está relacionado aos afetos envolvidos no processo discursivo em questão. Como já mencionamos, a partir da noção de memória afetivo-discursiva, o funcionamento da memória na produção dos discursos, além de atualizar efeitos de sentido também atualiza relações de afeto. Nesse caso, a autora expõe que o uso de expressões como “gordice” e a prática exercida por amigas magras de se autodesignarem gordas lhe causam dor. A

necessidade de aspear a palavra *gordice* pode ser relacionada, então, à necessidade de o sujeito em materializar o sofrimento causado pela naturalização do uso dessa expressão.

O processo de identificação dos sujeitos com a ideologia se dá atravessado pelo registro do imaginário. O processo de atribuição a si daquilo que vem de outro lugar, do interdiscurso, ocorre de forma imaginária, sem o controle do sujeito, através da identificação com saberes oriundos de uma região do interdiscurso. Quando o sujeito diz “Eu sou gordo”, está se identificando com uma formação discursiva que lhe fornece os sentidos de o que significa ser gordo em determinada formação social, sob certas condições de produção do discurso.

Podemos pensar, no âmbito da FD1, quem é autorizado a cometer uma *gordice* ou se autodesignar gordo? Parece que o sujeito magro tem um lugar de subjetivação determinado pela forma-sujeito da FD1 e pode enunciar a partir desse lugar. *Cometer uma gordice* ou dizer estar gorda, tendo um corpo magro, é algo aceitável, já que a insatisfação com o corpo é algo naturalizado pela FD1. O sujeito gordo, por outro lado, por não ter um lugar de identificação previsto na FD, não é autorizado a enunciar tais expressões. *Cometer uma gordice* ou se autodesignar gorda, sem o efeito pejorativo que acompanha a palavras, tendo um corpo gordo é extremamente condenável, pois a forma corporal gorda é considerada um motivo de vergonha e deve ser modificada ou silenciada.

Quando a autora do relato critica o uso de tais expressões por pessoas magras, elencando situações que estariam ligadas à rotina de quem tem um corpo gordo – *ficar constrangida ao passar pela catraca apertada do ônibus, deixar de entrar em lojas por saber que lá não tem roupas que caibam, ser desdenhada pelas vendedoras das lojas de roupas, ouvir milhões de reprovações sobre seu corpo a vida toda, cogitar uma cirurgia bariátrica* – e que não seriam vividas por quem é magro, nos parece que ela o faz como uma reivindicação de um lugar enunciativo para si. Compreendemos, aqui, lugar enunciativo como uma noção que abarcaria a disputa política pelos sentidos, articulada a lugares discursivos legitimados socialmente (ZOPPI-FONTANA, 2017). Assim, na argumentação proposta no depoimento em análise, sujeitos que não vivem as humilhações impostas a quem tem um corpo gordo não deveriam ser autorizados a enunciar *gordice* ou se autodesignar gordo.

3.2.2 Negação

De acordo com Indursky (2013, p. 261), a negação “é um dos processos de internalização de enunciados oriundos de *outro* discurso”, podendo, assim, indicar a existência de diversas operações discursivas. A autora aponta que, quando um sujeito produz um discurso, a partir do lugar discursivo que assume, o faz por uma predicação afirmativa, identificando seu dizer com os saberes da FD que o afeta. Quando ocorre uma predicação negativa, a autora propõe que essa operação discursiva seja classificada em três categorias: negação externa, negação interna e negação mista.

A negação externa é aquela que incide sobre um discurso que provém de uma formação discursiva antagônica. Essa operação apresenta duas características essenciais: a marca de negação é explícita e o discurso do outro é implícito. É estabelecida, então, uma fronteira entre o discurso do sujeito e o discurso do outro. Como o discurso do outro não pode ser dito pelo sujeito, permanece recalcado em seu interdiscurso específico; o funcionamento dessa modalidade negativa transforma esse discurso outro em seu contrário e o sujeito, assim, o incorpora em seu discurso.

A negação interna, por sua vez, assim como a externa, revela a presença de um discurso-outro, contudo, não estabelece fronteiras ideológicas, pois incide sobre um discurso que provém da mesma FD que a internaliza, ou seja, não opõe FDs antagônicas como na modalidade anterior, mas “diferentes posicionamentos subjetivos no interior de um mesmo quadro ideológico” (INDURSKY, 2013, p. 281).

Por fim, a negação mista mobiliza as duas operações anteriores, incidindo, ao mesmo tempo, sobre discursos inscritos em diferentes domínios do saber. Isto é, dá-se, nessa operação, a confluência entre uma relação de antagonismo e uma relação de contradição; em um mesmo enunciado discursivo, o sujeito refuta uma evidência de outra FD e contrapõe-se a uma evidência da FD que o interpela.

Tais operações, de acordo com Indursky (2013), se materializam linguisticamente através de vários marcadores, determinados pela autora como marcadores de negação. Esses marcadores podem ser de diferentes classes gramaticais: advérbios como *não*; prefixos de negação como *in-*, *des-*; pronomes indefinidos como *jamais*, *ninguém*; entre outras formas diversas. Em nosso *corpus*,

foram encontrados diversos marcadores de negação; contudo, para fins de análise, recortamos apenas as sequências nas quais aparecem os advérbios *não* e *nem*. Seleccionamos este marcador considerando, a partir da proposta de Ernst (2009), o efeito de palavras, expressões e proposições que aparecem em excesso na materialidade em análise. Com base nisso, trazemos a análise de algumas sequências discursivas de referência.

(SDR05R04) *Minha única fase de não gorda foi na infância, era tao magra que chegavam a contar minhas costelas. O tempo passou e com isso o terror de sofrer preconceito todos os dias, não precisa ser comentado, apenas o olhar de algumas pessoas denunciavam a repulsa.*

A SDR05 é o parágrafo que dá início a um dos relatos. Podemos perceber que o sujeito começa seu depoimento recuperando uma memória sobre seu corpo e designa uma fase da sua vida, quando seu corpo era magro, como *fase de não gorda*. É importante atentarmos para essa escolha de designação. A expressão *não gorda* está, nesse contexto, funcionando como sinonímia de *magra*; contudo, os efeitos de sentido produzidos pelas duas expressões são diferentes. Ao usar a designação *não gorda*, o sujeito divide sua vida, sua trajetória, em duas fases: antes e depois de tornar-se gordo. Ambas as fases têm como referência principal a gordura, seja pela ausência ou pela presença. A gordura está de tal forma inscrita em sua subjetividade que o rompimento com o próprio significante parece ser um processo traumático.

Em seguida, ao relatar a fase de sua vida em que era magra, o sujeito apela ao excesso, através do uso do intensificador *tão* e da expressão *contar as costelas*, comumente utilizada de forma pejorativa para se referir a pessoas consideradas “magras demais” para o padrão corporal aceitável pela sociedade contemporânea. Podemos perceber, nessa sequência, que o sujeito é interpelado pela FD1, que impõe padrões corporais rígidos, condenando e marginalizando qualquer formato corporal que não obedeça aos padrões estabelecidos, seja pela presença da tão condenada gordura, quanto pela magreza quando considerada excessiva.

Da mesma forma, podemos considerar, na análise dessa SDR, a necessidade que o sujeito tem de exemplificar ao outro quão magra era, apresentando-lhe uma representação visual de sua magreza da infância, *era tao magra que chegavam a*

contar minhas costelas. Podemos, portanto, pelo viés do esquecimento nº 2, relacionar essa necessidade à atuação das formações imaginárias: a imagem que o outro tem de mim precisa ser reconfigurada enunciativamente. Aí está, então, a atuação da formação discursiva do corpo perfeito nos processos imaginários.

Ao colocar a gordura como característica principal do seu corpo, o sujeito do discurso em análise responde imaginariamente a essas determinações ideológicas. A mídia, ao criar e disseminar a noção de corpo perfeito, faz com que os sujeitos, interpelados pela FD1, passem a estabelecer uma relação de conflito com seus corpos. Sobre essas relações, Vigarello (2012) sugere que o sujeito gordo vive um conflito de identidade, pois seu corpo, expressão máxima de sua identidade, lhe causa mal-estar. Na perspectiva discursiva, acreditamos que esse conflito se dá pelo complexo processo de interpelação ideológica desse sujeito, que, por ter um corpo que não se encaixa nos padrões corporais ditados pela mídia, não se identifica plenamente com a forma-sujeito da FD1. O sujeito, então, por também *ser corpo*, não encontra lugar para si, pois não controla o que o seu corpo enuncia.

Seguindo a sequência, podemos perceber, mais uma vez, a questão dos afetos atravessando o discurso. Ao utilizar a expressão *terror* e *sofrer* para caracterizar as situações de preconceito às quais foi exposto por ser gordo, são atualizadas as relações de afeto envolvidas no resgate da memória dos episódios vividos. Em relação a esses sentimentos, o sujeito coloca que *não precisa ser comentado*. Cabe perguntar: por que o terror e o sofrimento não precisam ser comentados? Temos dois gestos de interpretação, não excludentes: i) porque há algo do sofrimento experienciado pelo sujeito que é da ordem do não dizível, do impossível de ser representado simbolicamente; ii) porque os interlocutores para quem esse relato foi produzido, por terem vivências semelhantes, compreendem o sofrimento implicado em ter um corpo completamente à margem do padrão, dispensando, assim, a necessidade de tentar expor um sentimento que é compartilhado pelos demais sujeitos gordos.

No primeiro caso, para que possamos compreender melhor a discussão em questão, precisamos atentar para a natureza dos relatos produzidos, isto é, para sua função de testemunho. De acordo com Mariani (2016, p. 54) o testemunho se configura em um falar que tem como característica sua urgência, que aponta para “o não esquecer e para um não deixar os outros esquecerem”. Contudo, como a

linguagem é insuficiente em dar conta de um todo real, torna-se impossível falar de um “todo vivido”. Há, então, uma tensão entre a memória e o esquecimento. Nas palavras da autora, “de um lado o fantasma da memória, aquilo que, pela via do imaginário insistimos em recordar [...] do outro, o furo da memória, que insiste em ficar sem representação”. Podemos pensar, a partir disso, que o “não precisa ser comentado”, enunciado pelo autor, pode estar relacionado a um *não é possível de ser comentado*, pois há algo do trauma de “sofrer preconceito todos os dias” que tropeça na impossibilidade de dizer, isto é, resiste a ser simbolizado.

Além disso, temos um segundo gesto de interpretação que envolve a questão das formações imaginárias em jogo nesse processo discursivo. Já mencionamos, na análise da SDR1, que, ao produzir os relatos, os sujeitos estabelecem uma relação imaginária com seus interlocutores. Nesse caso, são outros sujeitos gordos que acompanham o projeto *Não tem Cabimento* e que, por também serem gordos, estão cientes do sofrimento vivido por ter um corpo gordo em uma sociedade que cultua a magreza e, por consequência, condena a gordura e a transforma em um símbolo de derrota moral. Ao enunciar, então, “o terror de sofrer preconceito todos os dias não precisa ser comentado”, o autor estabelece que, mesmo sem serem simbolizados, esses sentimentos são compreendidos por aqueles que assumem um mesmo lugar na formação social, a saber o lugar de gordo.

Outro elemento interessante de ser observado é a questão do olhar²⁸ que surge a partir do enunciado “apenas o olhar de algumas pessoas denunciam a repulsa”. O olhar pode ser pensado, nesse contexto, como uma forma de o discurso dominante se materializar em gesto. Se na seção do discurso relatado percebemos as implicações do excesso da presença do outro – materializado na forma de comentários, sugestões, cobranças, etc. – no processo de subjetivação dos sujeitos gordos, aqui temos mais uma vez esse excesso de controle do outro, dessa vez materializado pelo gesto do olhar.

Não podemos considerar, obviamente, que o que a materialidade em questão nos permite interpretar são os sentidos que o sujeito gordo atribui ao olhar do outro.

²⁸ Durante a leitura dos depoimentos que compõe o projeto *Não tem Cabimento*, percebemos que a questão do olhar aparece recorrentemente nos relatos, e o olhar do outro, ao ser mencionado, é sempre acompanhado de algum tipo de característica, isto é, os sujeitos atribuem algum sentido ao olhar do outro sobre seu corpo. Como exemplo, podemos citar: o olhar de deboche e desprezo do qual o gordo é vítima ao comer em público, mencionado no *Não tem Cabimento* #43; o olhar de nojo das vendedoras de lojas de roupas, mencionado no *Não tem Cabimento* #38; e olhar opressor dos amigos e conhecidos, mencionado no *Não tem Cabimento* #35.

Temos, então, mais uma vez, a ação das formações imaginárias sendo determinadas pela FD dominante. Os sentidos que o sujeito gordo atribui ao olhar alheio são os previstos pela FD que o interpela; assim, *repulsa, deboche, desprezo, nojo e opressão* fazem emergir processos de significação que, a partir da FD do corpo perfeito, podem e devem ser relacionados à imagem do corpo gordo. A partir de uma outra FD, os sentidos atribuídos ao olhar sobre o corpo gordo poderiam ser outros.

(SDR06R04) *Me sinto mau por todas as vezes em que eu não me senti bonita, em que eu me importei com as coisas que dizem pra mim, por não me aceitar do jeito que eu sou e principalmente por me culpar por não ser do jeito que as pessoas querem que eu seja. Lamentável eu não conseguir ter meu amor próprio por causa de vários babacas ao meu redor.*

Através da operação discursiva de negação, o sujeito da SDR06, também recortada do relato 07, retoma uma série de enunciados comuns dos famosos discursos de autoajuda, muito utilizados pela mídia para disseminar um imaginário de sujeito que teria pleno controle sobre si e seria capaz de controlar, conscientemente, a relação que estabelece com sua imagem. Esses enunciados são: *sinta-se bonita, aceite-se do jeito que você é, seja como você quer ser e não como as pessoas querem que você seja e tenha amor próprio*. Contudo, *sentir-se bonita, aceitar-se e ter amor próprio*, exige, ao sujeito interpelado pela FD1, um corpo magro. Ao não conseguir identificar-se com esse discurso, porque sua forma corporal impõe-se como uma barreira para essa identificação, o sujeito se sente frustrado e o marca linguisticamente através do excesso de sentenças negativas. O impossível do corpo ganha forma no excesso da língua.

Esses elementos nos permitem ler a SDR06 atrelada à complexa questão dos ressentimentos, pois o sujeito coloca-se como ressentido, assombrado pelo impossível de controlar a imagem que produz de si, uma vez que ela é dependente da imagem que o sujeito acredita que o outro tenha dele. De acordo com Kehl (2005, p.164), “ressentir-se implica, por um lado, uma persistência no sofrimento; por outro, a atribuição a um outro da responsabilidade pelo que nos faz sofrer”. Podemos compreender os relatos com caráter autobiográfico como um resgate da memória, e o sujeito da SDR06 persiste, justamente, na memória do sofrimento de não conseguir se relacionar de maneira harmoniosa com seu corpo.

Em relação ao *outro*, na SDR06, ele é referido de três formas: i) implícito na conjugação do verbo *dizer* em terceira pessoa, no enunciado “as coisas que dizem pra mim”; ii) pelo sintagma *as pessoas*, no enunciado “as pessoas querem que eu seja”; e iii) pela expressão *babacas*, no enunciado “por causa de vários babacas ao meu redor”. Na primeira e terceira formas, embora os referentes não estejam determinados, há elementos no enunciado – *para mim* e *ao meu redor* – que restringem o referente e, portanto, nos permitem identificar o *outro* como pessoas do círculo social que, de alguma forma, interagem com o sujeito autorreferenciado gordo. Na segunda forma, por outro lado, temos a expressão genérica *as pessoas* que não aponta para um referente específico. Podemos pensar, então, que, nesse caso, o *outro* é toda uma formação social estruturada pelas evidências produzidas pela FD1, que impõe ao sujeito uma configuração corporal impossível de ser alcançada. Temos, então, duas configurações desse *outro* ao qual o sujeito atribui a responsabilidade pelo seu sofrimento: o outro enquanto formação social que, através da FD1, regula que corpo deve ou não existir, e o outro enquanto sujeitos interpelados pela FD1, que reproduzem esses saberes sobre o corpo no processo de interação com o sujeito gordo e são responsáveis pela manutenção da opressão.

Kehl (2005, p. 164) argumenta, ainda, que o sujeito ressentido cobra do mundo, através de suas repetidas queixas, “a satisfação de um desejo diante do qual ele recuou”. As queixas funcionam, ao mesmo tempo, “como meio de gozo e como resistência” para que o sujeito, assim, não tenha que se deparar com sua própria responsabilidade no evento do qual foi prejudicado. Compreendemos que esse complexo processo ocorre pelo atravessamento das formações imaginárias na forma como o sujeito se subjetiva; o sujeito acredita que o *outro* é a única barreira para a aceitação de sua condição corporal e deposita nele a responsabilidade por todo seu sofrimento, isentando-se, portanto, dessa responsabilidade.

Outra condição central do ressentimento, de acordo com Kehl (2005, p.165), é que o sujeito estabeleça “uma relação de dependência infantil com um outro, supostamente poderoso, a quem caberia protegê-lo, premiar seus esforços, reconhecer seu valor”. Podemos relacionar isso ao excesso de discurso relatado apresentado nos depoimentos dos sujeitos. A imagem que o sujeito autorreferenciado gordo produz de si está sempre atrelada à imagem que ele antecipa que o outro tenha dele. Como já vimos, esses outros aparecem, nos

relatos, de diferentes formas: no lugar do pai ou da mãe opressores que desde a infância condenavam a relação dos sujeitos com a comida; no lugar do médico que toma o sujeito gordo sempre como doente mesmo sem nenhum exame ou procedimento avaliatório; no lugar do par romântico em potencial que despreza o sujeito gordo em função de sua forma física. Na SDR em análise, esse outro é projetado nas pessoas do convívio social do sujeito que, para ele, deveriam ser as responsáveis por fazê-lo sentir-se bem com seu corpo, mas, por reproduzirem os saberes da FD1 que condena a forma física gorda, produzem justamente o efeito contrário.

(SDR07R04) *De uma coisa tenho certeza, sou muito mais saudável que muita gente magra e com certeza ser gordo não é sinônimo de não ter saúde, as pessoas confundem muito isso.*

(SDR08R02) *E outra coisa que me incomoda bastante é o fato de algumas pessoas esconderem seus preconceitos atrás da saúde... KIRIDINHO, ACEITE : NEM TODO MAGRO É SAUDÁVEL ASSIM COMO NEM TODO GORDO TEM PROBLEMA DE SAÚDE Não adianta falar que pra mim ficar bonita deveria emagrecer, pois ficaria mais saudável....*

Ao começar esse gesto de análise, parece que o processo de subjetivação do sujeito gordo se dá atravessado por uma negação: o sujeito é aquilo que ele não é. Ao contrário de sujeitos que se autoidentificariam com o padrão de corpo determinado ideologicamente, o sujeito gordo precisa se subjetivar pelo avesso da evidência. Ao não conseguir fazê-lo, marca linguisticamente esse impossível. Isso significa que não existe identificação fora da FD dominante, a FD1.

Pêcheux (2014c [1978]) introduz o termo contraidentificação para caracterizar o processo ideológico no qual o sujeito não se identifica plenamente com a forma-sujeito que regula a FD, assumindo uma nova posição-sujeito no interior da FD que o interpela. Podemos perceber esse processo a partir da análise das SDRs que compõe nosso *corpus*. A FD1, pela qual o sujeito é interpelado, reproduz a evidência de que apenas o corpo magro pode ser considerado belo e saudável. Atravessada por saberes da FD *da saúde* (FD2), o corpo gordo, nessa perspectiva, é considerado patológico. É comum, inclusive, encontrarmos circulando na mídia, enunciados como: *a obesidade é o mal do século XXI* ou *perca peso e ganhe uma vida saudável*, relacionando sempre o corpo gordo a um corpo doente, que necessita ser modificado, normatizado.

Podemos perceber que o sujeito da SDR07 não se identifica com esses sentidos ele se coloca, justamente, numa posição antagônica quando enuncia “ser gordo não é sinônimo de não ter saúde”. Nesse enunciado o sujeito, por meio da estratégia discursiva de negação, retoma um enunciado reproduzido a partir da FD1 e o nega, assumindo, assim, uma posição-sujeito diferente, que aceita a possibilidade de um sujeito ter um corpo gordo e ser saudável, colocando-se inclusive no lugar desse sujeito ao enunciar “sou muito mais saudável que muita gente magra”. A posição tomada pelo sujeito, aqui, questiona que haja uma relação direta entre magreza e saúde, gordura e doença.

Na SDR03, podemos perceber o funcionamento de um processo de negação mista. Nesse caso, ao se colocar como gordo e saudável, o sujeito se contrapõe completamente à FD2 que compreende o corpo gordo como patológico, FD de origem do enunciado *ser gordo é sinônimo de não ter saúde*, incorporado pelo sujeito ao seu discurso através da modalidade negativa. E, ao mesmo tempo, questiona a evidência de que é preciso ter o padrão corporal imposto pela mídia para ser saudável, reproduzida pela FD1. Podemos identificar, assim, uma falha no ritual de interpelação ideológica. O sujeito, ao questionar os saberes que são reproduzidos a partir da FD1, ou seja, ao se contraindificar, institui uma forma de resistência à forma-sujeito desta FD e aos domínios de saberes que ela organiza.

Podemos identificar um funcionamento discursivo bastante similar na SDR8. A operação discursiva em ambas as sequências é a mesma: a negação do pré-construído (VINHAS, 2017), advindo da FD2, *todo gordo é doente*. A forma como esse processo é linearizado no discurso em questão é que muda. Na SDR8, o operação de negação se materializa através do uso do marcador *nem*, no enunciado: “*NEM TODO MAGRO É SAUDÁVEL ASSIM COMO NEM TODO GORDO TEM PROBLEMA DE SAÚDE*”.

Enquanto na SDR7 a autora propõe que a reprodução dos sentidos – magro é saudável/gordo é doente – produzidos a partir das FD1 e 2 podem ser considerados como uma *confusão*, como podemos perceber pelo enunciado “as pessoas confundem muito isso”. Na SDR8, a autora propõe que a reprodução de tais sentidos sobre o corpo devam ser considerados como preconceito: “outra coisa que me incomoda bastante é o fato de algumas pessoas esconderem seus preconceitos atrás da saúde”. Embora a autora não fale explicitamente em gordofobia –

expressão usada principalmente no âmbito da militância para designar ações de discriminação de sujeitos em função da sua forma corporal –, ela sugere que algumas pessoas se apoiam no discurso da saúde para justificar ações gordofóbicas, dissimulando a aversão ao corpo gordo produzida pela FD1, como preocupação com a saúde das pessoas com sobrepeso.

É interessante observar que o enunciado no qual as evidências da FD2 são questionadas está grafado em caixa alta. É convencional, nos ambientes virtuais, que o uso da caixa alta, especialmente em postagens de redes sociais, representa que o locutor está estressado, irritado ou deseja chamar atenção. Em outras palavras, é uma forma de representar o que na voz seria considerado um grito.

O uso da caixa alta poderia ser pensado como mais uma forma de excesso, assim como o discurso relatado e a negação. Excesso esse que aponta para uma falta: a falta de o sujeito reconhecer um lugar de subjetivação com o qual possa se identificar. Desenvolveremos mais essa questão na próxima seção.

3.4 DO EXCESSO A FALTA: O LUGAR ENUNCIATIVO

No processo de análise do *corpus*, percebemos o excesso de discurso-outro que se lineariza, na materialidade em análise, de duas formas: via discurso relatado e através de operações discursivas de negação. No plano enunciativo, o discurso relatado aparece através da interseção, nos depoimentos, de trechos de falas de outros sujeitos e também palavras e expressões que circulam no âmbito da FD1 sempre grifadas entre aspas para marcar um distanciamento do autor em relação aos sentidos colocados em circulação por essas expressões. Ao incorporar a seu discurso enunciados proferidos por outros locutores sem apropriar-se das palavras do outro como suas, o sujeito gordo instaura a resistência no interior da FD pela qual é interpelado, uma vez que questiona os efeitos de sentido produzidos pelo discurso-outro e, assim, demarca uma nova posição-sujeito na FD.

A posição-sujeito assumida pelo sujeito gordo é demarcada pela negação do discurso-outro, isto é, o sujeito gordo, ao se subjetivar, o faz negando as evidências sobre o corpo gordo reguladas pela forma-sujeito da FD dominante: *o corpo gordo é feio, o corpo gordo é doente* e demais sentidos que derivam dessas duas evidências estruturais. Com base nisso, propomos considerar o excesso de discurso-outro

como um sintoma da falta de o sujeito gordo reconhecer para si um lugar de enunciação. Nossa reflexão se sustenta na noção de *lugar enunciativo* proposta por Zoppi-Fontana (1999; 2017).

Através do conceito de lugar enunciativo, Zoppi-Fontana (1999, p.16) busca refletir sobre uma dupla problemática: “a divisão social do direito de enunciar e a eficácia dessa divisão e da linguagem em termos da produção de efeitos de legitimidade, verdade, credibilidade, autoria, circulação, identificação, na sociedade”. Embora muito autores, de diferentes áreas do conhecimento – filosofia, sociologia, ciências políticas – tenham se debruçado sobre essas temáticas, o que diferencia a teorização proposta pela autora é que ela o faz articulando essas discussões com os pressupostos da AD.

Para melhor compreensão da noção em questão, retomemos Pêcheux e suas colocações sobre a implicação do lugar discursivo no processo de produção dos sentidos. De acordo com o autor:

Um discurso é sempre pronunciado a partir de *condições de produção* dadas: por exemplo, o deputado pertence a um partido político que participa do governo ou a um partido da oposição [...] Ele está, pois, bem ou mal, situado no interior da *relação de forças* existentes entre os elementos antagonistas de um campo político dado: o que diz, o que enuncia, promete ou denuncia não tem o mesmo estatuto conforme o lugar que ele ocupa; a mesma declaração pode ser uma arma temível ou uma comédia ridícula segundo a posição do orador e do que ele representa. (PÊCHEUX, 2014b [1969], p. 76 [grifo do autor]).

A e B designam lugares determinados na estrutura de uma formação social, lugares dos quais a sociologia pode descrever o feixe de traços objetivos característicos: assim, no interior da esfera da produção econômica, os lugares do patrão (diretor, chefe da empresa, etc.), do funcionário de repartição, do contramestre, do operário são marcados por propriedades diferenciais determináveis. Nossa hipótese é de que esses lugares estão *representados* nos processos discursivos em que são colocados em jogo. [...] em outros termos, o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a *si* e ao *outro*, a imagem que eles fazem do seu próprio lugar e do lugar do outro. (PÊCHEUX, 2014b [1969], p. 81-82 [grifo do autor]).

Com base nessas reflexões elaboradas por Pêcheux, na tentativa de alimentar a teorização sobre os efeitos produzidos por uma enunciação a partir do lugar de onde é proferida e sobre a relação desse lugar com os mecanismos institucionais que compõe a formação social, Zoppi-Fontana (1999) propõe a noção de *lugar enunciativo*, no âmbito do processo de interpelação ideológica, levando em

consideração as relações de identificação dos sujeitos com a forma-sujeito e com as posições-sujeito definidas nas formações discursivas. Assim, a autora compreende os lugares de enunciação como uma dimensão das posições-sujeito, que fazem parte do processo de constituição do sujeito do discurso, relacionadas às demandas políticas que envolvem a prática discursiva.

Os lugares de enunciação, tanto pela presença quanto pela ausência, configuram um modo de dizer afetados, diretamente, pelos processos históricos de silenciamento. Nesse caso, tais modos de dizer mobilizam o imaginário de um *eu* ou de um *nós* do qual a representação social retira a legitimidade e a força performativa da enunciação. É a partir desses “lugares enunciativos e, portanto, do processo de constituição do sujeito do discurso, que se instauram as demandas políticas por reconhecimento e as práticas discursivas de resistência” (ZOPPI-FONTANA, 2017, p. 67).

Se pensarmos nos discursos sobre o corpo gordo, o lugar enunciativo que produz um efeito de verdade e credibilidade é o lugar assumido, em geral, pelos profissionais da saúde, tanto no espaço médico-clínico quanto no espaço midiático. A ciência médica configura um modo de dizer, afetado por processos históricos, que legitima sentidos sobre o corpo gordo – como um corpo doente, que precisa ser tratado, medicado, modificado – que alimentam um imaginário negativo em relação a essa configuração corporal.

O discurso médico, como discutimos ao longo do trabalho, a partir do seu lugar legitimado, impõe definições de normalidade, que produzem evidências consideradas socialmente como verdades hegemônicas. Ao impor regras sobre os corpos e transformar tudo o que foge à norma em patológico, o discurso médico-clínico age como uma ferramenta de controle social. Assim, a medicina comanda e exerce domínio sobre a vida das pessoas por meio do consumo de medicamentos, técnicas e terapias legitimados por um racionalismo científico.

Temos, ainda, o trabalho da mídia na disseminação de imaginários negativos sobre o corpo gordo. Apoiada no discurso médico-clínico do padrão de corpo saudável, a mídia constrói e apresenta à sociedade um ideal de corpo perfeito a ser seguido, ideal esse que promove um processo de mercantilização da relação dos sujeitos com seus corpos. Nesse contexto, o sujeito gordo é completamente negado e silenciado. Nas poucas vezes em que a mídia coloca em circulação alguma

representação do corpo gordo, é sob o estereótipo do “gordo cômico”, que compensa o fato de ter um corpo fora do padrão sendo “bem humorado”, ou para efeito de contraste ao corpo magro em peças publicitárias nas quais, em geral, o corpo gordo assume o lugar do mau exemplo, do feio, do deforme, que precisa ser modificado com urgência.

Diferente de outras lutas sociais como a luta contra o racismo e a homofobia, nas quais há um lugar enunciativo assumido pelos sujeitos que são alvos desses preconceitos dando força aos sentidos mobilizados e produzindo efeitos de legitimidade a seus discursos, no caso da luta contra a gordofobia não há o reconhecimento de um lugar enunciativo assumido pelo sujeito gordo que legitime sua fala. Na disputa política pelos sentidos, o discurso médico e midiático sobre o corpo gordo é dominante, legitimando uma imagem do sujeito gordo como feio, doente, incapaz, etc. e, assim, deslegitimando qualquer discurso que parta desse sujeito e que questione essas evidências.

Já que o discurso dominante sobre o corpo gordo é o discurso do outro, o sujeito, na forma como se subjetiva, não consegue encontrar um lugar de identificação, e acaba se determinando a partir da imagem que o outro constrói sobre si. A retomada excessiva de discursos de outros sujeitos – através de discurso relatado – e a incorporação de enunciados que definem o que o sujeito não é – através de operações discursivas de negação – são marcas, na materialidade linguística, desse excesso de discurso-outro no processo de subjetivação do sujeito gordo.

O sujeito se reconhece como gordo e se subjetiva a partir dos sentidos produzidos pela FD dominante. O efeito produzido pela negação e silenciamento do corpo gordo é de que esse corpo não é permitido na formação social atual. Essa impossibilidade de ter um corpo gordo na formação social marca, então, uma impossibilidade subjetiva: há algo que o sujeito não pode ser, com o qual o sujeito não pode e não deve se identificar. Essa impossibilidade, ao mesmo tempo que constitui o sujeito o determinando, marca, também, a impossibilidade de ele ser o que “deveria” ser, pois o corpo não o permite.

Ao ser o corpo e ter um corpo, não se pode ser o que a determinação ideológica dominante prevê. Enquanto a identificação o convoca ao dominante, o corpo o convoca ao dominado no jogo de forças da interpelação ideológica. Nessa

contradição, o sujeito não encontra lugar de enunciação, o que amarra sua estrutura subjetiva à determinação dominante. Então, a noção de corpolinguagem discursivo se mostra produtiva, uma vez que é por também ser corpo, e por esse corpo ser um corpo gordo, que o sujeito não consegue se identificar com a forma-sujeito da FD dominante. Por outro lado, é por não encontrar para si um lugar de enunciação que o sujeito resiste em se desidentificar. Assim, passa a se subjetivar pelo avesso da formação discursiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

[...] para falar do corpo desse lugar de entremeio, é preciso levar em conta que *tudo não se diz, todo não se é...* (FERREIRA, 2011b, p.99 [grifo da autora]).

Quando desenvolvemos o projeto que deu origem a esse trabalho, muitas eram as questões que nos norteavam. Ao longo da escrita fomos percebendo que “é impossível abraçar o mundo” e que para fazer um trabalho mais sólido e conseguir desenvolver alguns pontos teóricos e analíticos de forma satisfatória seria preciso recortar a proposta do trabalho. Esses recortes aconteceram diversas vezes ao longo do processo. A cada gesto de análise fomos delimitando mais e mais os objetivos e, ao mesmo tempo em que o trabalho foi afunilando e tomando forma, também novas questões foram surgindo e impondo-se urgentes de estudo.

No primeiro capítulo de nosso trabalho, ao fazermos um resgate de teorizações sobre *corpo* e *subjetividade* para a Psicanálise e para a Análise de Discurso, compreendemos a contribuição da perspectiva psicanalítica sobre o corpo, principalmente através da noção de *pulsão* para pensar a relação entre corpo e subjetividade no seio da AD. É justamente por a teorização psicanalítica permitir pensar o corpo na fronteira entre o psíquico e o somático que surge, no âmbito da AD, a noção de corporeidade discursiva, proposta por Vinhas (2014), para repensar a subjetividade na teoria, levando em consideração, também, o corpo como elemento constitutivo do sujeito.

Se no primeiro capítulo situamos teoricamente o lugar de onde pensamos o corpo e sua relação com o discurso, no segundo capítulo nos aventuramos a vislumbrar o corpo a partir de diferentes perspectivas e, assim, compreender os sentidos dominantes e dominados sobre o corpo gordo que circulam na formação social atual e as relações de força que envolvem a disputa política por esses sentidos. O discurso da mídia e o discurso médico-científico sobre os corpos, de seu lugar hegemônico, produzem um processo de normatização e mercantilização da relação dos sujeitos com seus corpos.

Contudo, como podemos ver no nosso processo de análise – e nos pressupostos teóricos da AD – *não há dominação sem resistência*. O sujeito gordo, por também ser corpo, não consegue se identificar com os saberes produzidos a

partir da FD dominante. Ao negá-los, então, assume uma nova posição-sujeito instaurando a resistência no interior da FD.

Nosso gesto de interpretação se ancora nas marcas linguístico-discursivas observadas na materialidade em análise, a saber, o discurso relatado e a negação. Através do excesso de retomadas de discursos-outros e da negação de evidências produzidas pela FD dominante, o sujeito gordo produz indícios de uma falta subjetiva, desenvolvida teoricamente em nosso trabalho pela noção de lugar enunciativo. O sujeito gordo, então, por não reconhecer para si um lugar de enunciação, não consegue romper os limites da FD; passa, assim, a se subjetivar pelo avesso da evidência.

Já abordamos aqui o que foi feito. Agora, nos deteremos brevemente no que gostaríamos de ter feito, ou melhor, no que acreditamos ser necessário desenvolver ainda a fim de responder a questões que permanecem nos desafiando.

O primeiro ponto, e talvez o mais urgente deles, diz respeito às questões de gênero. Não é por acaso que todos os depoimentos analisados nesse trabalho foram escritos por mulheres. Dos 54 relatos que compõem o arquivo do projeto Não tem Cabimento, apenas um foi escrito por um homem. Embora a questão da busca por um ideal estético se coloque para todos, independente de gênero, as cobranças impostas historicamente e culturalmente sobre os corpos de homens e mulheres são muito diferentes. Sendo assim, acreditamos que os relatos que nos serviram como *corpus* possibilitam o desenvolvimento teórico da relação entre gênero, corpo e imaginário. A discussão sobre lugar enunciativo poderia adquirir novas dimensões levando em consideração não apenas a forma física, mas também a questão de gênero implicada no processo de legitimação dos discursos na formação social.

Outro elemento importante, que gostaríamos de desenvolver em trabalhos futuros, é a relação entre o imaginário de si e a questão do olhar do outro. Na análise da SDR05 fizemos algumas observações acerca dessa questão. Acreditamos, contudo, que, pela recorrência com que a questão do olhar aparece nos relatos que nos servem como *corpus* e pela complexidade teórica dessas relações, esse aspecto merece um estudo mais aprofundado, levando em consideração, por exemplo, as contribuições da Psicanálise para compreender a forma como o olhar afeta a constituição subjetiva dos sujeitos.

Os resultados apontados pelo nosso trabalho e as possibilidades investigativas futuras, recém citadas, são indícios da urgência de que se volte o olhar para os discursos sobre o corpo gordo que circulam na sociedade. As complexas relações que os sujeitos vêm construindo com seus corpos, alimentadas pela obsessão por padrões corporais colocadas em circulação pelas mídias, geram produções discursivas ricas de possibilidades interpretativas e importantes para a compreensão da relação entre corpo e subjetividade na contemporaneidade, convocando à tomada de um lugar pelo qual vale a pena lutar. Nesse sentido, os princípios teóricos da Análise de Discurso pêcheuxiana nos permitem explorar vários efeitos de sentido produzidos nesse contexto discursivo, os quais ainda estão à espera de análise. Além disso, restam muitas questões em aberto no processo de teorização da relação entre corpo, sujeito e discurso no seio da AD.

POSFÁCIO

Não tem cabimento #55

Eu sempre fui gorda, desde criança. Tenho muito vívida uma lembrança de estar na cozinha da minha vó paterna com meus pais e outras pessoas, eu devia ter por volta de oito anos, e uma mulher disse algo parecido com “que bonito ela come bastante, eu tenho que brigar com a minha filha para ela comer”. Eu, como toda criança que gosta de atenção, fiquei toda boba e disse que comia mesmo, comia bastante, adorava comer. Quando chegamos em casa, meu pai me disse que o que eu tinha falado era um absurdo, que eu era gorda e as pessoas estavam debochando de mim por isso, que eu não deveria me orgulhar por comer tanto, pelo contrário, deveria emagrecer, porque não tinha cabimento uma criança comer tudo o que eu comia. Acho que essa lembrança me marcou tanto porque foi a primeira vez em que eu senti vergonha de mim, senti vergonha do meu corpo, senti vergonha de ser gorda. Daí para frente, a minha relação com a imagem do meu corpo mudou. Eu me comparava com as meninas da minha idade e eu sempre era mais gorda, e isso passou a me incomodar profundamente.

Na adolescência, tudo piorou muito. Eu era sempre a mais gorda da turma, a mais gorda das meninas da vizinhança. Até que eu não sofri muito bullying, um ou outro apelido, mas nada comparado a outros relatos do *Não tem cabimento*. O fato de não sofrer bullying não impediu que eu odiasse meu corpo. Quando eu tinha por volta de 15 anos, meu pai resolveu que eu precisava emagrecer e passou a controlar tudo o que eu comia perto dele e me obrigar a fazer longas caminhadas diariamente. Como, além dos problemas com meu corpo, meu pai também tinha problemas em confiar nas pessoas, ele resolveu caminhar junto comigo, nas palavras dele “para não ter perigo de eu sentar numa esquina e voltar pra casa uma hora depois fingindo ter feito o exercício”. Eu emagreci, realmente emagreci, mas minha relação de ódio com meu corpo não mudou nada. Eu não me sentia magra o suficiente nunca e a tristeza culminava em uma vontade desesperadora de comer. Meu pai, depois que emagreci, saiu um pouco do meu pé, mas o fantasma da opressão seguia me assombrando. Até a vida adulta, não tenho vergonha de admitir que isso acontece até hoje, eu fico desconfortável em comer na frente dele.

Inúmeras vezes eu comprava comida e levava escondida até o quarto por medo dos comentários dele se me visse comendo algo que ele desaprovava.

Quando eu entrei para a faculdade, minha rotina mudou bastante e eu voltei a engordar, como minha atenção estava voltada a outras atividades e eu mal tinha tempo para lazer, o fato de estar engordando não me incomodava muito. Um dia, contudo, após um namorado de longa data terminar comigo, meu pai (sempre ele) me disse a seguinte frase “terminou contigo porque tu tá gorda e relaxada, aposto que vai te trocar por outra bem magrinha”. Essa frase foi o suficiente para trazer toda memória do sofrimento de volta. Daí para frente, as coisas pioraram muito. Eu entrei em depressão, perdi alguns semestres da faculdade e desenvolvi compulsão alimentar. Minha vida passou a oscilar entre tentar emagrecer desesperadamente e episódios de compulsão e descontrole nos quais eu comia até passar mal.

Não vou dizer que a relação com meu corpo começou a melhorar mas, pelo menos, eu passei a entender que essa era uma questão estrutural na minha vida quando comecei a escrever o TCC na graduação. Como eu era seguidora assídua de perfis *fitness* nas redes sociais, resolvi analisar discursos de pessoas que haviam emagrecido, buscando entender os imaginários de corpo gordo que eram colocados em circulação por suas postagens. Ao passo que compreendia um pouco mais do funcionamento desses discursos, passei a compreender também um pouco melhor a relação que eu vinha estabelecendo, ao longo dos anos, com a imagem do meu corpo.

Quando ingressei no mestrado eu tinha duas certezas: eu queria fazer pesquisa em Análise de discurso e queria estudar discursos sobre o corpo gordo. O trabalho do TCC havia sido enriquecedor teórica e pessoalmente, mas ainda não era suficiente: eu precisava saber mais sobre discurso, sobre corpo e sobre mim. Dessa vez eu não queria trabalhar com discursos de pessoas que haviam emagrecido; eu queria compreender a relação entre corpo e subjetividade a partir do discurso de pessoas gordas, pessoas que, assim como eu, sofriam por estar à margem do padrão. Foi desses anseios que nasceu minha dissertação e, de certa forma, também meu empoderamento. No início foi bem difícil, ao mesmo tempo em que esse trabalho me apaixonava e motivava, também me deixava bastante assustada. Cada um dos relatos analisados poderia ter sido escrito por mim. Não foram poucas as vezes em que chorei lendo cada uma das histórias narradas nos depoimentos.

À medida em que fui me aprofundando no discurso dessas mulheres, também fui mergulhando no meu íntimo e buscando trabalhar em mim algumas questões que envolviam a minha relação com meu corpo. Lembro com muito carinho do dia em que fui apresentar minha pesquisa no Encontro de Pós-Graduação da UFPEL e, ao responder uma questão feita por uma das avaliadoras, falei “eu sou uma mulher gorda”. Saí daquela sala uma outra pessoa, me ouvir falando sem receio, sem vergonha, sem dor, EU SOU UMA MULHER GORDA, causou uma revolução em mim. Foi como me libertar do peso da memória de todas as vezes em que chorei na frente do espelho, que me escondi atrás de roupas largas e escuras, que deixei de sair de casa por não querer ser olhada (e julgada) na rua pelas pessoas.

Termino essa dissertação e esse relato mudada. Feliz por ter me permitido viver esse processo e por todas as transformações que ele me causou. Orgulhosa por, academicamente, ter dado voz a essas mulheres que, no anonimato das redes, resistem ao silenciamento imposto e buscam construir espaços de enunciação. Consciente do meu lugar de fala e da minha responsabilidade frente à luta pelo respeito a todas as configurações corporais. No âmbito da academia, ser analista de discurso é resistir, nesse trabalho ousei me revoltar; vamos, agora, à revolução.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABESO – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA PARA O ESTUDO DA OBESIDADE E DA SÍNDROME METABÓLICA. **Diretrizes brasileiras de obesidade 2009/2010**. 3. ed. Itapevi: AC Farmacêutica, 2009. Disponível em: <http://www.abeso.org.br/pdf/diretrizes_brasileiras_obesidade_2009_2010_1.pdf> Acesso em: 06 jun. 2018.

ALTHUSSER, L. Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado. [1971]. In: ZIZEK, S. (Org.) **Um mapa da Ideologia**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

ANSART, P. As humilhações políticas. In: MARSON, I; NAXARA, M. (Orgs) **Sobre a humilhação**: sentimentos, gestos, palavras. Uberlândia: EDUFU, 2005.

ASSUMPÇÃO, A. P. V. A. O discurso da falta e do excesso: a automutilação. 2016. **Dissertação** (Mestrado em Letras). Universidade Católica de Pelotas. Pelotas.

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). **Cadernos de Estudos Linguísticos**, n.19, Campinas: IEL, 1990.

_____. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. In: _____. **Entre a transparência e a opacidade**: um estudo enunciativo do sentido. Tradução de Leci Borges Barbisan e Valdir do Nascimento Flores. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 11-80.

_____. Palavras mantidas a distância. In: CONEIN, B; COURTINE, J. J; GADET, F; MARANDIN, J. M; PÊCHEUX, M. (Orgs.) **Materialidades discursivas**. Tradução de Heloisa Monteiro Rosário. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2016. p. 201-226.

BALDINI, L. J. S. A análise de Discurso e “uma teoria da subjetividade (de natureza psicanalítica)”. **Letras**, Santa Maria, v.24, n.48, p.117-129, jan./jun. 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/14427/pdf>> Acesso em: 03 jun. 2017.

BECK, M; ESTEVES, P. M. O sujeito e seus modos – identificação, contraidentificação, desidentificação e superidentificação. **Leitura**, Maceió, v.2, n.50, 135-162, jul./dez. 2012. Disponível em: <<http://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/1152/787>> Acesso em: 31 jun. 2018.

BRESSAN, M. Z. O corpo que Fal(h)a, nas tramas do discurso: a anoréxica e o(s) outro(s) no espetáculo da rede. 2017. **Tese** (Doutorado em Letras). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.

CAETANO, V. B. L. #gordanuncamais: o imaginário de corpo em postagens fitness no Instagram. 2016. **Monografia**. (Licenciatura em Letras). Universidade Federal do Pampa. Jaguarão.

CASSANA, M. F. **Corpo e(m) discurso**: Ressignificando a Transexualidade. Curitiba: Appris, 2018.

COURTINE, J. J. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristão. Traduzido por Cristina de Campos Velho Birk [et al.]. São Carlos: EdUFSCar, 2014.

CUKIERT, M; PRISZKULNIK, L. Considerações sobre eu e o corpo em Lacan. In: **Estudos de Psicologia**, Campinas, 2002, p. 143-149. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v7n1/10961.pdf>> Acesso em: 07 ago. 2018.

DE NARDI, F. S; NASCIMENTO, F. A. S. A propósito das noções de resistência e tomada de posição na Análise de Discurso: movimentos de resistência no processo de identificação como ser paraguaio. **SIGNUM**: Estud. Ling., Londrina, n. 19/2, p. 80-103, dez. 2016. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/viewFile/25109/20162>> Acesso em: 01 ago. 2018.

DIAS, C. Análise de discurso digital: sobre o arquivo e a constituição do *corpus*. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 44, n. 3, p. 972-980, 2015. Disponível em: <<https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1030/611>> Acesso em: 03 jun. 2018.

_____. **Análise do discurso digital**: sujeito, espaço, memória e arquivo. Campinas: Pontes, 2018.

ELIA, L. **Corpo e Sexualidade em Freud e Lacan**. Rio de Janeiro: Uapê, 1995.

ERNST, A. G. Corpo, Discurso e Subjetividade. In: INDURSKY, F; FERREIRA, M. C. L. (orgs.). **Análise do discurso no Brasil**: mapeando conceitos, confrontando limites. São Carlos: Claraluz, 2007.

_____. A falta, o excesso e o estranhamento na constituição/interpretação do corpus discursivo. In: **Anais do IV SEAD** - Seminário de Estudos em Análise do Discurso. Porto Alegre: UFRGS, 2009. Disponível em: <<http://anaisdosead.com.br/4SEAD/SIMPOSIOS/AracyErnstPereira.pdf>> Acesso em: 10 fev. 2018.

_____; QUEVEDO, M. Pré-construído e Discurso Transverso: ferramentas de derrisão em uma charge de Latuff. **Revista do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo**. v.9, n.2, p.325-339. 2013. Disponível em: <<file:///C:/Users/Virg%C3%ADnia/Downloads/3851-Texto%20do%20artigo-13115-2-10-20140318.pdf>> Acesso em: 29 dez. 2018.

_____. 26 out. 2017. Aspectos importantes em Althusser. **Slides**. Material apresentado para o minicurso Discurso, Cynicism e Mídia Nacional. Salão Universitário. Universidade Católica de Pelotas (UCPEL). Pelotas: 2017.

FERREIRA, M. C. L. O caráter singular da língua na Análise do Discurso. **Organon**, Porto Alegre, v.17, n.35, p. 189-200. 2003. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/30023/18619>> Acesso em: 06 jan. 2018.

_____. O quadro atual da Análise de Discurso no Brasil. In: FERREIRA, M.C.L; INDURSKY, F. (Orgs) **Michel Pêcheux & Análise de Discurso**: uma relação de nunca acabar. São Carlos: Claraluz, 2007. p.39-46.

_____. Discurso, arquivo e corpo. In: MARIANI, B; MEDEIROS, V; DELA-SILVA, S. (orgs.). **Discurso, arquivo e** Rio de Janeiro: 7Letras, 2011. p. 174-185.

_____. O discurso do corpo. In: SANSEVERINO, A. M. V; MITTMANN, S. (Orgs.) **Trilhas de investigação**: a pesquisa no I. L. em sua diversidade constitutiva. Porto Alegre: Instituto de Letras/UFRGS, 2011b. p. 90-105.

FINK, B. **O sujeito lacaniano**. Traduzido por Maria de Lourdes Duarte Sette. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

FISCHLER, C. Obeso benigno Obeso maligno. In: SANT'ANNA, D. B. de (Org.) **Políticas do Corpo**: elementos para uma história das práticas corporais. São Paulo: Estação Liberdade, 1995. p.69-80.

FREUD, S. **As pulsões e seus destinos**. (Obras incompletas de Sigmund Freud). Traduzido por Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autentica, 2017.

GUILHAUMOU, J; MALDIDIER, D. Efeitos do arquivo. A análise do discurso no lado da história. Traduzido por Suzy Lagazzi e José Horta Nunes. In: ORLANDI, E. P. (Org.) **Gestos de leitura**: da história no discurso. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

HASHIGUTI, S. O corpo como materialidade do/no discurso. In: INDURSKY, F; FERREIRA, M. C. L; MITTMANN, S. (Orgs) **O Discurso na contemporaneidade**: materialidades e fronteiras. São Carlos: Claraluz, 2009.

INDURSKY, F. Da interpelação à falha no ritual: a trajetória teórica da noção de Formação Discursiva. In: BARONAS, R. L. (Org.) **Análise de Discurso**: apontamentos para uma história da noção-conceito de Formação Discursiva. São Carlos: Pedro & João, 2011. p. 77-91.

_____. **A fala dos quartéis e as outras vozes**. Campinas: editora da Unicamp, 2013.

JORGE, M. A. C. **Fundamento da Psicanálise**: de Freud a Lacan. Volume I: As bases conceituais. 2ª edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

KEHL, M. R. O ressentimento camuflado da sociedade brasileira. **Novos estudos**, n.7, mar. 2005. Disponível em: <<http://livrozilla.com/doc/1578278/o-ressentimento-camuflado-na-sociedade-brasileira>> Acesso em: 31 jun. 2018.

LACAN, J. O estágio do espelho como formador da função do Eu. In: ZIZEK, S. (org.). **Um mapa da Ideologia**. Traduzido por Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

LAPLANCHE, J; PONTALIS. **Vocabulário da Psicanálise**. Traduzido por Pedro Tamen. 4ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

LE BRETON, D. **Antropologia do corpo e modernidade**. Traduzido por Fábio dos Santos Creder Lopes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

LE MOS, A. **Cibercultura**: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulino, 2010. 5ª edição.

MARIANI, B. S. C. Testemunho: um acontecimento na estrutura. **Revista do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo**. v.12. n.1. p.48-63. jan./jun. 2016. Disponível em: <<http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/5890/3896>> Acesso em: 15 jan. 2019.

MARX, K; ENGELS, F. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

MENDES, L. da C. Qual corpo para a psicanálise? Breve ensaio sobre o problema do corpo na obra de Freud. **Psicologia: Teoria e Prática**, 11(2): 211-223, 2009.

ORLANDI, E. P. À flor da pele: indivíduo e sociedade. In: MARIANI, B. (org.). **A escrita e os escritos**: reflexões em Análise de Discurso e Psicanálise. São Carlos: Clara luz, 2006.

_____. **Discurso e texto**: formação e circulação dos sentidos. 2ª edição. Campinas: Pontes, 2005.

_____. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 4ª edição. Campinas: Pontes, 2004.

_____. Processo de significação, corpo e sujeito. In: AZEVEDO, A. F. (org.). **Sujeito, corpo, sentidos**. Curitiba: Appris, 2012.

_____. **Análise de discurso**: Princípios & Procedimentos. 12ª edição. Campinas, Pontes, 2015.

_____. O objeto da ciência também merece que se lute por ele. In: MALDIDIER, D. **A inquietação do discurso**: (Re)ler Michel Pêcheux hoje. Campinas: Pontes, 2017. p. 9-14.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso**: uma crítica a afirmação do óbvio. [1975]. Traduzido por Eni Puccinelli Orlandi [et al.] 5ª edição. Campinas: Editora da Unicamp, 2014a.

_____. Análise automática do discurso (AAD69). [1969]. In: GADET, F; HAK, T. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso**: Uma introdução à obra de

Michel Pêcheux. Traduzido por Bethania Mariani [et al.] 5ª edição. Campinas: Editora da Unicamp, 2014b.

_____. Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação. In: PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso**: uma crítica a afirmação do óbvio. Traduzido por Eni Puccinelli Orlandi [et al.] 5ª edição. Campinas: Editora da Unicamp, 2014c.

_____. Ler o arquivo hoje. [1982] In: ORLANDI, E. P. (org.). **Gestos de leitura**: da história no discurso. Traduzido por Maria das Graças Lopes Morin do Amaral. Campinas: Editora da Unicamp, 2014d.

_____. O papel da memória. [1985]. In: ACHARD, P. et al. **O papel da memória**. Traduzido por de José Horta Nunes. 4ª edição. Campinas: Pontes, 2015.

_____. Delimitações, inversões, deslocamentos. [1982]. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 19, p. 7-24, jul./dez. 1990.

_____. Ousar pensar e ousar se revoltar. Ideologia, marxismo, luta de classes. *Décalages*. [1984]. v. 1. n.4. 2013. p.1-22.

_____; FUCHS, C. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas. [1975]. In: GADET, F; HAK, T. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso**: Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Traduzido por Bethania Mariani [et al.] 5ª edição. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

PRAWUCKI, R. Ganhar peso provoca alucinações"? : uma escuta discursiva das relações entre corpo, mídia e sociedade na escrita tecida por adolescentes. 2011. **Tese** (Doutorado em Letras). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.

QUINET, A. **Os outros em Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

RADDE, A. Entre prazer e necessidade, o discurso do corpo na prostituição masculina. 2014. **Dissertação** (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.

RECUERO, R. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

REHM, A. Corpos Possíveis: Corpo, Dança e Análise de Discurso. 2015. **Dissertação** (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.

ROUDINESCO, E; PLON, M. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SANT'ANNA, D. B. de. **História da beleza do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2014.

SILVA, R. S. da. **Tempo na Análise de Discurso**: implicações no imaginário do trabalhador do discurso sindical da CUT. Curitiba: CRV, 2012.

SOUZA, L. L. de. O discurso encarnado: ou a passagem da carne ao corpodiscurso. In: **Entremeios**: revista de estudos do discurso, v.1, n.1, jul. 2010. Disponível em: <http://ojs.univas.edu.br/index.php?journal=revistaentremeios&page=article&op=view&path%5B%5D=25&path%5B%5D=pdf_6> Acesso em: 16 jun. 2018.

SOUZA, B. P; NECKEL, N. M. Nomeação e/ou condição do corpo feminino plus size. In: FLORES, G. B; GALLO, S. M. L; LAGAZZI, S; NECKEL, N. M. PFEIFFER, C. C; ZOPPI-FONTANA, M. (orgs.). **Discurso, Cultura e Mídia**: pesquisas em rede. vol. 2. Santiago: Oliveira Books, 2017.

TAVARES, H. O; CASTRO, A. L. de. Discurso e Poder: a prescrição do controle corporal em blogs plus size. In: **Política & Trabalho**. Revista de Ciências Sociais. João Pessoa, n.47, 2017. p.97-119. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/politicaetrabalho/article/view/36711/19606>> Acesso em: 07 jun. 2018.

TEIXEIRA, M. **Análise de Discurso e Psicanálise**: elementos para uma abordagem do sentido no discurso. 2ª edição. Porto Alegre: EDIPUCSRS, 2005.

TISSERON, S. As novas Redes Sociais: Visibilidade e Invisibilidade na Internet. In: AUBERT, N; HAROCHE, C. (Orgs.) **Tirania da Visibilidade**: o visível e o invisível nas sociedades contemporâneas. Traduzido por Francisco Fátima da Silva e Andrea Stahel. São Paulo: FAP-Unifesp, 2013. p.127-137.

TUNES, E; RAAD, I. L. F. Quando a medicina adoece. In: **Anais do I congresso Iberoamericano de ciência, tecnologia, sociedade e innovación CTS + I**. Cidade do México, 2006.

VARELLA, D. Obesidade, uma doença?. **Site Uol**. 14 nov. 2017. Disponível em: <<https://drauziovorella.uol.com.br/drauzio/artigos/obesidade-uma-doenca/>> Acesso em: 5 jun. 2018.

VIGARELLO, G. **As metamorfoses do gordo**: história da obesidade no ocidente. Traduzido por Marcus Penchel. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

VINHAS, L. I. Discurso, Corpo e Linguagem: Processos de subjetivação no cárcere feminino. 2014. **Tese** (Doutorado em Letras). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.

_____. Discurso, corpo e linguagem na constituição subjetiva. **Linguagem & Ensino**. v.21. n.2. Pelotas, 2018. p.78-87.

ZOPPI FONTANA, Mônica. Lugares de enunciação e discurso. **LEITURA – Análise do Discurso**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Maceió, v. 23, jan/jun 1999. p.15-24.

_____. “Lugar de fala” : Enunciação, Subjetivação, Resistência. In : Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13 Women’s Worlds Congress. Florianópolis, 2017.

ANEXOS

Anexo 1: Relato 01.

Não tem Cabimento #35

“Aretha Franklin sabe muito bem o que diz quando canta (lindamente) a alegria de se sentir uma natural woman. Na minha tradução livre ela me diz o quão libertador é ser uma mulher comum, uma mulher natural. E embora essa canção narre um empoderamento correlato com a chegada do amor romântico (porque não pensarmos num “ auto-amor” . Rsrtrs, seria fantástico) só o título da canção já me diz muito sobre como eu tento me sentir na maior parte do tempo e como isso é importante no meu empoderar-se.

Eu sempre tive que lidar com questões sobre o meu peso. Literalmente, desde bebê. “ Já nasceu socadinha” dizia minha avó. “ Fez dieta desde os 7 meses de vida” se desculpava minha mãe. “ Assim, não vai arrumar namorado” avisava meu pai. “ Olha fulana, você quer ser como ela ? Sempre tá sozinha” alertavam todos os “preocupados” com a minha vida sexual. Estava certa que tinha problemas na família quanto a isso. Também sabia que isso tudo ia me trazer consequências na minha vida erótico-afetiva. Mas quanto a estratégia familiar de “ xingar pra ela emagrecer” e o comportamento de boa parte dos homens oscilando entre ter vergonha da namorada gorda ou num fetichismo violento que guarda o grupo dos “ adoro as gordinhas” eu deixo pra um outro texto.

O que tem me chamado muito a atenção ultimamente é como nós, mulheres gordas, ficamos expostas a amizades abusivas. Digo que sempre cumpri o papel da “ gordinha legal” muito bem. Sempre sendo o ombro fofinho para se chorar, sempre confortando as amigas nos términos de namoro (quando não ficava amigona do namorado da amiga e acabava sendo responsável pela conciliação do casal) e vibrando com as novas histórias que iam chegando. Sempre socorrendo, sempre cedendo, sempre me doando. Sempre alegre, bem humorada, gentil e disposta. E vejo que quase sempre muitas de nós estamos condicionadas a esse lugar de subserviência e de passividade. Pra mim funcionava como uma troca ou um pedido de desculpas por ser gorda. “Serei muito legal com vocês, mas, por favor, me tratem bem e não exponham o julgamento de vocês sobre o meu peso assim tão deliberadamente.”

Mais de uma vez ouvi calada de amigas que elas não gostariam de engravidar por medo de ficarem...gordas (porque ser gorda lhes parece algo mais terrível que o preconceito que carregam) . Há aquela pessoa que não é gorda, mas faz questão de contar a você o quão maravilhosamente esforçada ela é no seu empreendimento de “embarbiecer” e o quanto tem comido “ certo”. Se engordo ou emagreço recebo sempre um : você engordou. O que tá acontecendo” ou o famoso parabéns pelo emagrecimento. Não raro tem alguém cometendo uma “gordice” ou tendo um “dia de gordo” que significa compulsão, descontrole, indisciplina e preguiça. Houve maus

dias em que me prestei ao papel de elogiadora oficial dos intermináveis e bizarros desfiles de pessoas magras antes de festas. Sempre tem alguém puxando assunto de dietas e te dando dicas maravilhosas de como ser magra e feliz. Sempre tem um olharzinho vidrado no seu prato cujos tais eu sempre me desculpava com um “estou de tpm”, “não consegui tomar café da manhã direito” (gente.... não). Esse olharzinho opressor medindo cada cm do seu corpo, cada gordurinha, cada dobrinha, está sempre presente. Tenho a sensação de que há um esforço enganoso de tentar emponderar a amiga gorda hipersexualizando-a. “Olha, você está de mini-saia” “E esse decote heim”. Sempre observando, sempre comentando, sempre policiando.

Além do papel de subserviência, á amiga gorda restam os papéis de mãezona ou menina e quando muito, de uma mulher super sexualizada beirando o ridículo (daqueles que lamentavelmente a indústria pornô fabrica) . Quando a amiga gorda está num relacionamento com alguém que só pessoas magras deveriam namorar sempre há especulação sobre as razões que possibilitaram a formação daquele casal. “Ela deve ser dessas gordas boas de cama, que fazem de tudo pra agradar” “Deve ter fetiche com gorda. Tem muita gente que gosta de uma gordelícia”. Comigo essa situação chegou a um patamar muito degradante. O tempo todo eu precisava dar satisfações, me explicar, expor minha vida particular, mostrar fotos ... para provar que poderia ser desejada, quista e amada por alguém.

Coincidentemente com o início do relacionamento eu adoeci e por essa razão fiquei longe das festas, dos botecos e ...indisponível. Não era eu que estava ausente, mas o uso que faziam da minha “legalizisse” já não estava mais disponível. Indisponível e sem muita serventia as especulações sobre as “causas” do meu sumiço foram todas direcionadas ao meu namoro que, na cabeça das pessoas, só poderia ser um relacionamento abusivo. Gente, muita ousadia gorda ter um relacionamento saudável. Rsrssrs. Não quero fomentar qualquer tipo de sentimento ruim ou incentivar que mulheres gordas abandonem suas amizades. Quero apenas chamar a atenção para a importância de impor limites, de dizer não aos abusos. Você não é obrigada e nem precisa estar disposta o tempo todo.

Nessa minha narrativa incomoda um pouco o fato de que essas situações ruins terem acontecido, sobretudo entre mulheres. No entanto, serve pra reiterar o quanto a luta contra a gordofobia é também uma luta feminista e tem a ver com problematizar a competição que é incentivada entre as mulheres. E peço desculpas por direcionar meu texto às mulheres, mas tenho certeza que muitos rapazes terão importantes contribuições sobre esse assunto específico. Na minha luta contra o machismo entendo que naturalizar as coisas pode ser muito ruim. “Igualar” pode significar a reprodução de muitas desigualdades. Mas nesse caso, a voz de Aretha continua me dizendo que ao aposto do caráter de aberração que atribuem às relações, aos sentimentos, a sexualidade e ao corpo da mulher gorda eu só quero ser uma natural woman.”

Não tem Cabimento #44

“Eu sou gorda e sempre fui, isso é fato, estou na adolescência, sim, fase onde qualquer diferença vira chacota entre “amigos” ou você segue a “forma da pessoa perfeita” ou você não é aceita, então, eu gostaria de compartilhar um pouco da minha visão cotidiana das pessoas que convivo para com as pessoas gordas. .. Todas as meninas, garotas, mulheres , todas tem seus dias de auto estima baixo, não tem como negar, o que eu acho estranho e particularmente não entendo é que quando elas se sentem assim e querem ser elogiadas recorrem as frases : “tô gorda” “tô enorme” “preciso emagrecer” e logo em seguida rios de “elogios” se derramam sobre elas: “magina, você tá perfeita” “que isso?!? Você é linda” “você não precisa emagrecer, você tá magra”.

Agora me diz algo que eu não entendi muito bem. .. aonde tá escrito que gordo (a) é sinônimo de feio (a)?? Tá em alguma matéria que eu faltei no dia e não anotei? Ou por acaso está em algum dicionário que gordo está relacionado com algum dos piores xingamentos? ?

Me mostra onde tá escrito pq eu sou meio distraída as vezes e acho que não li. ... Poxa, eu sou gorda sim, sou linda sim, sou poderosa sim e me amo assim mesmo GORDA...

Até quando vamos usar o artifício gordo (a) pra adjetivar alguém como feio ou bonito? ???

E outra coisa que me incomoda bastante é o fato de algumas pessoas esconderem seus preconceitos atrás da saúde... KIRIDINHO, ACEITE : NEM TODO MAGRO É SAUDÁVEL ASSIM COMO NEM TODO GORDO TEM PROBLEMA DE SAÚDE. Não adianta falar que pra mim ficar bonita deveria emagrecer, pois ficaria mais saudável....

Eu faço meus exames anualmente e graças a Deus tudo está certo, ou seja, não preciso que você se “preocupe” com a minha saúde, já estou fazendo isso sozinha, muito obrigada.

E outra coisa que me deixa incomodada é quando uma pessoa magra diz: “amo comer” ou “como muito” E as pessoas levam na maior naturalidade, muitas vezes acham graça , acham legal , concordam e etc Agora quando uma pessoa gorda fala isso é uma coisa inaceitável , uma coisa horrível, não deveria estar falando essas coisas, deveria comer menos, se preocupar mais com a saúde e etc... Só gostaria que me explicassem a lógica disso tudo, pelo menos assim me esforçaria pra entender o outro lado da moeda.

Uma dica gatas: Quando alguém disser que seu rosto é lindo sorria e responda: “é que você não viu meu corpo de baixo desse pano todo”. Eu sempre faço isso é realmente dá certo a pessoa acaba ficando envergonhada, pensando no que acabou de falar e até mesmo, às vezes, acabam se desculpando. .. P.s.: o objetivo não é constranger a outra pessoa e sim mostrar que você não liga

para o que ela fala e ama o seu corpo, você não tem só o rosto bonito, você É LINDA e nunca deixem que te digam o contrário".

Anexo 3: Relato 03

Não tem Cabimento #47

"Sou gorda, sempre fui. Durante muito tempo na minha vida não me aceitei, durante muito tempo quis não existir, durante muito tempo quis ser outra pessoa. Tudo começou na infância, eu morava num condomínio com três prédios, ou seja, também havia muitas outras crianças, que constantemente me chamavam de apelidos horríveis e raramente brincavam comigo. Na escola isso também acontecia, ouvi várias vezes que era feia e a aula de educação física era uma tortura pra mim, sabia que ririam quando eu corresse e que seria a última a ser escolhida para os times, sentia vergonha e desejava não estar lá. Me sentia mal até mesmo na presença da minha família, era comum ouvir dos parentes "tem um rosto tão bonito, só falta afinar", "você é bonita, mas se emagrecesse seria linda" entre outros. Passei a infância indo em endocrinologistas e nutricionistas, fiz inúmeras dietas, todas sem efeito. Evitada comer durante o dia, para que ninguém brigasse comigo, e comia escondida durante a noite, numa dessas vezes minha mãe me pegou comendo, apanhei e ouvi "não tem vergonha de ser essa baleia e continuar comendo?". Cresci ouvindo todas essas coisas. Muitas delas me machucam até hoje, sempre que essas memórias vem a tona. Sempre achei que o problema sou eu, cresci com o pensamento "será que sou bonita? Creio que não". Ouvi coisas ainda piores de caras com que me relacionei, como "você deveria agradecer por eu estar te comendo". Ouço amigas magras reclamando "nossa, estou muito gorda" ou usando o termo "gordice" e tudo que penso é que elas não sabem a dor que isso me causa. Pessoas que falam isso não ficam constrangidas ao passar pela catraca apertada do ônibus, não deixam de entrar em lojas por saberem que lá não tem roupas que caibam ou serão desdenhadas pelos vendedores, não ouviram milhões de reprovações sobre seu corpo a vida toda, nunca cogitaram uma cirurgia bariátrica. Ainda não sei se sou bonita, ainda tenho os problemas de autoestima e insegurança que carrego desde criança, ainda acho que ninguém é capaz de gostar de mim, mas trabalho para me aceitar e espero que isso mude. Sou gorda, sempre fui e pretendo, um dia, escrever esse relato com amor próprio em vez de lágrimas nos olhos."

Anexo 4: Relato 04

Não tem Cabimento #49

"Minha única fase de não gorda foi na infância, era tao magra que chegavam a contar minhas costelas. O tempo passou e com isso o terror de sofrer preconceito

todos os dias, não precisa ser comentado, apenas o olhar de algumas pessoas denunciam a repulsa.

Sou adolescente, e o terror é ainda pior. Viver rodeada de meninas magras e lindas faz me sentir diminuída e excluída de tudo. Garotos? Kkk até pegam a gorda mas sempre as escondidas porque tem medo do que "os outros vão achar" dele ter pegado a gorda. Agora ,se eu fizesse parte dos padrões ? Já sairiam na hora dizendo que me pegaram e ficariam se gabando, afinal, isso é um tipo de prêmio não é mesmo ?

O engraçado são as desculpas que arranjam: "pensa na sua saúde", como se por eu ser gorda eu fosse doente e problemática. De uma coisa tenho certeza, sou muito mais saudável que muita gente magra e com certeza ser gordo não é sinônimo de não ter saúde, as pessoas confundem muito isso. Me sinto mau por todas as vezes em que eu não me senti bonita, em que eu me importei com as coisas que dizem pra mim, por não me aceitar do jeito que eu sou e principalmente por me culpar por não ser do jeito que as pessoas querem que eu seja. Lamentável eu não conseguir ter meu amor próprio por causa de vários babacas ao meu redor."

mais uma Maria entre tantas outras...